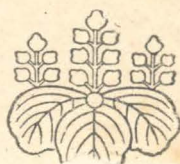
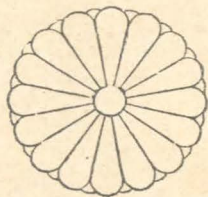


Prof. BRUNO LOBO

JAPONEZES

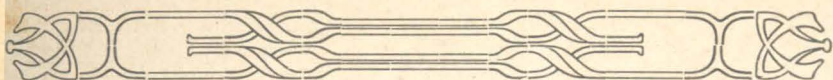
NO JAPÃO ∞ NO BRASIL



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL
1926

34

PALAVRAS JUSTIFICATIVAS



ALGUMAS PALAVRAS

Em começo de 1923, recebemos, enviado pelo nosso illustrado amigo, Dr. Mikinosuke Miyajima, distincto medico japonéz, que ha tres annos tantos amigos fez em nosso paiz um livrinho, intitulado: — La vie sociale au Japon. Lendo este pequeno trabalho do Professor K. Mitsukuri, ex-reitor da Faculdade de Sciencias da Universidade de Tokio, professor de zoologia de grande renome, traduzido para o francez por inspiraço do scientista japonéz, que teve a bondade de enviar-nos, ficámos verdadeiramente surprehendidos ao encontrar na introducção as linhas citadas a seguir:

« Pouco tempo depois da assignatura da paz com a China, em 1897 — escreve o Dr. M. Miyajima, referindo-se ao Professor K. Mitsukuri — elle foi aos Estados Unidos e ahi fez, a convite do Instituto Lowell, varias conferencias que tinham por assumpto a vida dos japonezes no que ella tinha de mais intimo, seus usos e costumes, tradições, esforços e aspirações. O titulo que elle deu a estas conferencias é o mesmo sob o qual são publicados hoje neste pequeno livro.

O senso critico das observações do Professor Mitsukuri, o seu modo simples de expor os factos e a maneira larga e generosa de comprehender todos os problemas têm o grande merito de

mostrar quaes as affinidades da vida interior do Japão com a do mundo occidental.

Apesar dos successos militares e victorias diplomaticas, mesmo com a sua intervenção nos assumptos europeus, ao decorrer da grande guerra, o Japão ficou ainda, para muitos europeus, o paiz de outrora, o das gentis musumes e dos templos magnificos, das geishas e samurais, de Heredia, o paiz de Pierre Loti ou de Mme. Butterfly. Foi nessa ignorancia do Japão moderno que o meu venerando mestre e amigo Professor Mitsukuri — escreve ainda o Professor, Miyajima — encontrou os Estados Unidos, ha 20 annos, o que nessa época lhe suggeriu a idéa de fazer em Boston uma serie de conferencias destinadas a melhor fazer conhecer seu paiz.

Com pequena differença — diz ainda o Professor Miyajima — eu acabo de encontrar a mesma ignorancia na Eurôpa; tambem fiquei animado do mesmo desejo do meu venerando mestre. Contudo, não acreditei melhor fazer que repetir o que elle disse e, tão bem dito, e resolvi reproduzir suas palavras, que são sempre verdadeiras 25 annos depois de terem sido pronunciadas. Eu contentei-me simplesmente de assignalar, de passagem, em algumas notas, as modificações que esses ultimos 20 annos trouxeram ao Japão: a leitura mostrará que ellas não attingem em nada os fundamentos do assumpto. »

E assim escrevia, em 1922, o Representante do Japão junto a uma das secções da Liga das Nações, evidentemente entristecido ante a injustiça dos homens.

No Brasil, pensavamos nós, lendo as palavras do nosso bondoso amigo, ao menos torna-se impossivel tão grande injustiça, principalmente nos meios scientificos, onde a cultura e civilização dos japonezes devem ser convenientemente conhecidas e apreciadas.

Mal sabiamos nós que, dado o que se tem dito e escripto, em nosso Paiz, a partir dos ultimos mezes de 1923, a situação não é differente da verificada nos Estados Unidos e Europa pelos illustrados scientistas japonezes.

A falsa opinião do que se passa no Japão, manifestada em um paiz como o Brasil, que tambem é victima no estrangeiro da falta de conhecimento da sua real condição, e até mesmo da exacta situação geographica e social, merece prompta resposta. Apesar de não estarmos preparados para escrever sobre o paiz amigo, pois o unico titulo que possuímos para fazel-o é a grande affinidade, que sempre existiu entre o autor da presente e varias personalidades japonezas, resta-nos o consolo de procurar bem fazel-o, na esperança de sermos uteis a amigos, a quem muito prezamos, e que têm dado o melhor da sua vida á grande potencia da Asia, merecedora de ser collocada entre as nações mais adiantadas, pela sua cuidada civilização, alta cultura artiística e scientifica e sentimentos humanitarios elevadissimos, bem como prestar tambem um serviço ao Brasil, convencidos como estamos da grande vantagem de immigração dos japonezes para o nosso Paiz, onde, localizando-se, poderão concorrer para o seu progresso.

* * *

Na primeira parte do nosso trabalho, procuramos, na medida do possivel, dar idéa, sem exageros, rigorosamente dentro da verdade, sobre o japonéz no Japão, tal qual elle viveu em outras épocas e como se apresenta no actual momento, elevando o seu paiz á primeira potencia da Asia. Na segunda parte publicamos, por outro lado, algumas conclusões sobre a acção e o modo de vida dos japonezes no Brasil. Pelos factos referidos, documentação e observações relatadas, esperamos fornecer alguns elementos a quem desejar concluir sobre as extraordinarias vantagens para a Nação Brasileira da incorporação ao nosso meio de elementos humanos oriundos do Japão, que devem ser considerados de primeira ordem, dada a sua constituição physica, intelligencia, tenacidade, valor moral, e principalmente demonstrada a facilidade com que se infiltram e se assimilam entre os elementos nacionaes, com elles confraternizando.

Naturalmente a mulher brasileira, casando-se com o japonês, e o brasileiro ligando-se pelo matrimonio á japoneza, com a prole que já se apresenta, apesar do curto prazo, forte e sadia, podem, homens e mulheres, de prompto, fornecer resposta decisiva aos que annunciaram que os japonezes, em o meio brasileiro, ficariam insulados ou enkystados. Nos capitulos correspondentes á segunda parte, após algumas idéas geraes sobre o meio brasileiro e o problema immigratorio, referiremos, portanto, o que nos foi dado observar sem preconceitos ou fórmulas apaixonadas e concluir sobre a benefica acção dos japonezes localizados nas diversas unidades da Federação Brasileira e em especial em São Paulo e Minas.

Escrevendo este pequeno trabalho, não visamos sómente prestar justiça ao Povo Japonês e ao Japão, o que seria perfeitamente justificavel, em virtude das nossas alludidas ligações com alguns dos seus cientistas; temos tambem em mente o desenvolvimento do Brasil, para o qual certamente poderá concorrer em alta escala o elemento japonês que para aqui tem vindo, ora contente e satisfeito com a terra e seus homens, comnosco concorrendo para formar a nossa nacionalidade e constituir um grande paiz.

* * *

E' necessario muito cuidado ao apreciar e dar o justo valor a trabalhos e livros sobre qualquer potencia mundial e principalmente sobre o Japão, grande victima da phantasia e da imaginação dos escriptores. Muitas vezes a publicação aparentemente feita e escripta de boa fé mascara no seu intimo propaganda contraria, insidiosamente apresentada.

As nações, muitas vezes, são, como os individuos, victimas de pseudos amigos, que visam justamente o contrario do que se propõem a fazer e a demonstrar.

A este proposito sempre nos recordamos de um livro publicado ha alguns annos em uma grande potencia com o fim especial de justificar ante o grande publico o facto da esposa de um pre-

sidente da Republica, que então assumia o poder, ter-se casado tres vezes anteriormente ao esposo actual, obrigada todas ellas a divorciar-se. Discutia o defensor, na publicação inopportuna, as virtudes e a alta dignidade da referida senhora, a que sempre procurava elevar, demonstrando ter ella tido razão para solicitar o apoio da lei, livrando-se de maridos maus, em costumes e character. Visara evidentemente nas entrelinhas o autor, amigo urso, mostrar e fazer saber que a esposa do Presidente da Republica pertencera pelo matrimonio a varios homens, tão perfidos que não pudera supportar. E' escusado dizer que a edição se esgotou com facilidade, contribuindo para tal fim principalmente o interessado directo em impedir que taes factos intimos fossem divulgados em prejuizo de attitudes a serem mantidas ante reis, chefes de Estado e altos diplomatas pela figura feminina de maior representação official do paiz.

O mesmo acontece com as nações. E' necessario sempre ter em mente, dada a competencia e rivalidades internacionaes, o inevitavel choque de interesses, as paixões patrioticas de momento, que muitos paizes são apresentados, simulando-se descripção e apreciação franca e leal, com aspectos menos verdadeiros, visando o escriptor, sobretudo, as intrigas internacionaes.

Bastava para collocar o Japão em foco sob este aspecto o choque de interesses representados pela situação da costa mais oriental da Asia, e principalmente pela China, a eterna interrogação do futuro daquella parte do mundo.

* * *

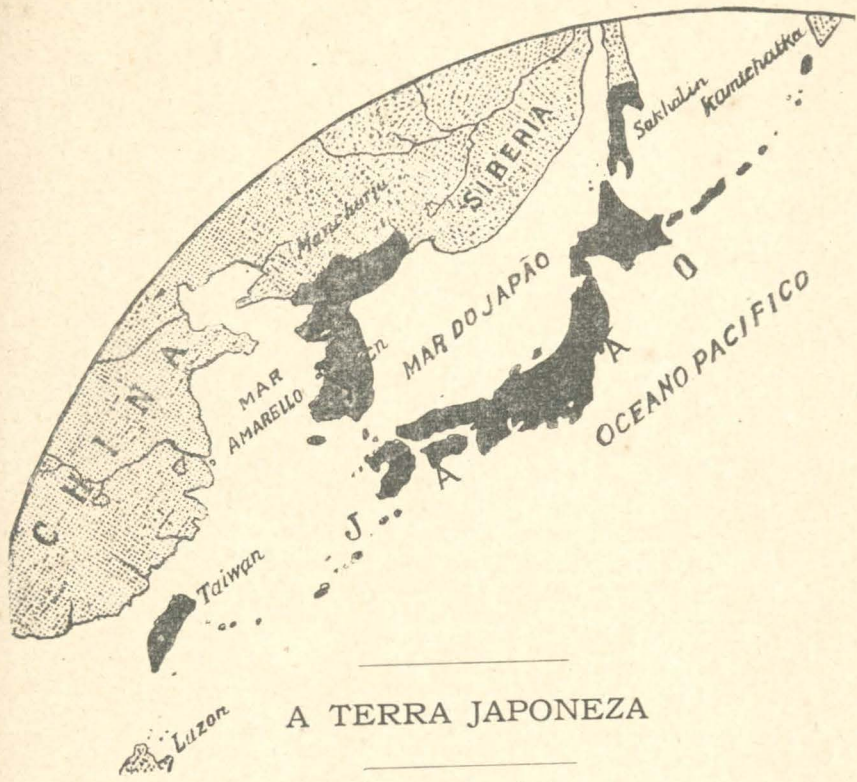
Não é necessario declarar que nos valemos e muito, na confecção da segunda parte do presente trabalho, não só das conferencias do Professor Mitsukuri, convenientemente annotadas pelo Professor Miyajima, como tambem de numerosos escriptos, considerados classicos, sobre o Povo e a Nação Japoneza.

Auxiliamo-nos tambem de numerosas informações e documentos fornecidos por amigos japonezes e brasileiros conhecedores

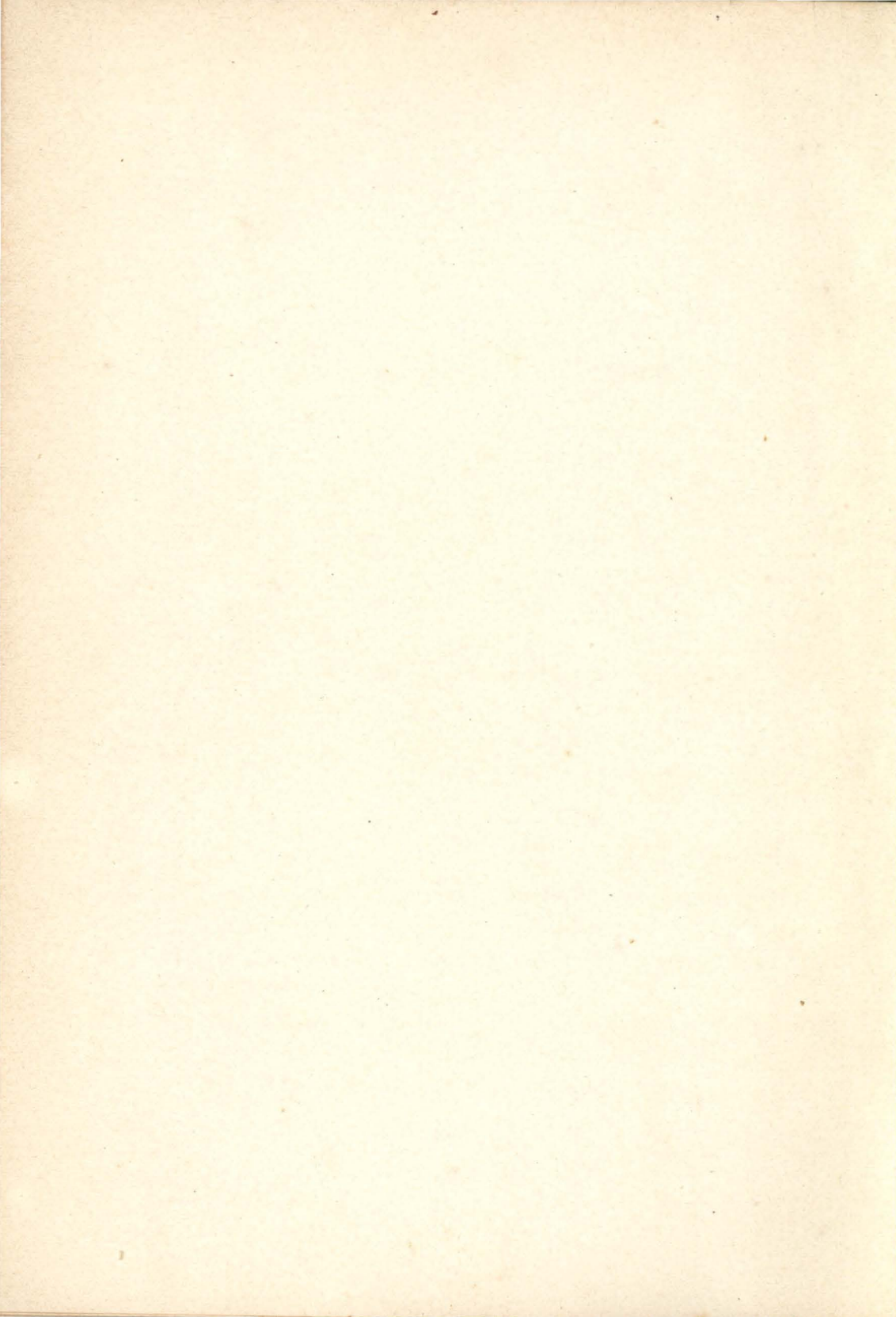
daquelle paiz. No que respeita á verdadeira situação dos imigrantes japonezes em nosso paiz, procuramos colher dados officiaes os mais completos e ao mesmo tempo fazer a maior somma de observações directas, para que as conclusões a que chegámos pudessem repouisar em bases sufficientemente solidas, sempre efficaçmente auxiliados pela nossa collaboradora, Professora Noemia Salles.

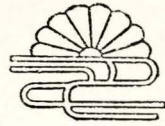
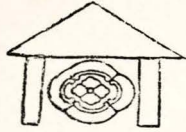


NO JAPÃO



A TERRA JAPONEZA





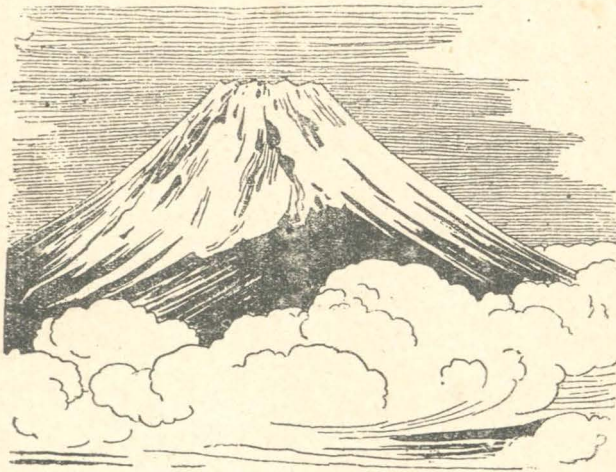
A TERRA JAPONEZA

O JAPÃO, a mais importante e forte potencia da Asia, é constituído por um archipelago formado de cerca de 3.600 ilhas, de origem vulcanica, distribuidas de modo mais ou menos alinhado, tendo de um lado e a léste os mares de Okhotsk, do Japão e China, que as separam do Continente Asiatico, e do outro, a oéste, o Oceano Pacifico. Fazem parte tambem do Imperio Japonez a metade meridional da Ilha de Sakhalin, o Territorio de Liaotoung, com Porto-Arthur e Porto Dalny, Coréa, e as Ilhas Marechal, na Oceania.

* * *

Referindo-nos a tão interessante paiz, a parte que mais nos interessa, por constituir o Japão propriamente dito, é o archipelago que começa ao norte a 50°-56' com a Ilha Shimushi, situada logo abaixo da Peninsula de Kamtchatka e termina com a Formosa, a 21° de latitude norte. Constituindo este archipelago, existe uma série de

ilhas, dispostas em arcos successivos, destacando-se, entre as principaes, as Kourilas, a Ilha de Yeso ou Hokkaido, a Ilha Principal ou Houshu, as de Shikoku, de Kynshyù, as Lou-Tehou, ou Ryù-kyù e, por ultimo, quasi na Costa da China, a Formosa, sendo escusado repetir que entre estas e ao redor destas existem as 3.000 e muitas ilhas referidas de inicio, verdadeiros cumes de montanhas subma-



O Monte Fuji

rinhas, sendo as mais meridionaes as Ilhas Bonin e Ogasawara.

A superficie de todas estas ilhas é, em numero redondo, de 417.000 kilometros quadrados. Levando em conta a superficie territorial da Coréa, do Territorio de Liao-Toung, e a metade da Ilha de Sakhalin, este numero eleva-se a 671.000

kilometros quadrados, que poderão ainda ser accrescidos de algumas dezenas, incluindo as Ilhas Marechal.

* * *

O aspecto physico do caprichoso archipelago, que constitue o Japão, é dominado por uma extensa cadeia de montanhas, de norte a sul, deixando bem delineadas duas vertentes, uma virada para os mares que as separam do Continente Asiatico e a outra para o Oceano Pacifico.

O Monte Morrison, situado na Ilha Formosa, com 3.930 metros de altitude, representa o ponto culminante das montanhas japonezas, logo seguido em altura, com 3.780 metros, pelo Fujiyama, o monte sagrado, tão bello e tão querido dos japonezes, que costumam dizer, quando elle se apresenta coberto de neve — *Iza saraba yukimi ni korobu tokoro made* — ou em portuguez — *Contemplemos este effeito de neve até (vir a) morrer.*

O Professor K. Mitsukuri, querendo dar uma noção precisa do amor que o japonês dedica ao Fuji, como abreviadamente é chamado, diz que um engenheiro, conseguindo destruir 200 metros na altura do Monte Morrison, que tem a primasia de altitude sobre o referido monte, teria conquistado a gratidão de todo o paiz.

* * *

Os numerosos accidentes physicos e a pequena extensão territorial das ilhas impedem os grandes

rios. A cadeia de montanhas dispõe-se de modo geral, formando um verdadeiro espinhaço, com as duas vertentes assignaladas, onde correm rios pouco profundos, de grande declive, não navegaveis em grandes percursos, os quaes, muitas vezes, dadas as copiosas chuvas, se espraíam e tudo arrastam na correnteza, uma das calamidades que periodicamente põem á prova o povo japonéz.

A outra calamidade, convém accentuar immediatamente, é resultante de origem vulcanica das ilhas, que constituem o Imperio do Japão, existindo ainda em actividade alguns vulcões — são os terremotos e maremotos. Felizmente, apesar de frequentes, elles são pouco intensos, pois ao fim do dia, após a terra ter tremido algumas centenas de vezes, nada houve que lastimar. De tempos em tempos, porém, os terremotos são tão violentos que nem a organização architectural apropriada das construcções, nem todas as medidas de salvamento postas em pratica, após dolorosa experiencia, evitam os lastimaveis desastres pessoaes e as vultosas perdas materiaes.

Podemos referir, de prompto — o terremoto de 1855 em Tokyo, no qual morreram 7.000 pessoas, ficando destruidas 50.000 casas; o terremoto de Mino-Owari que em 1891 fez 10.000 victimas, ficando destruidas 222.000 casas; e a grande tromba maritima que em 1896 arrasou mais de 150 kilometros ao norte da ilha principal, matando mais de 30.000 pessoas.

Recentemente ainda, e é com emoção e forte pesar que fazemos referencias a esta grande catastrophe, a terra tremeu com tão enorme intensidade que aos milhares morreram os individuos sepultados nos escombros das casas e edificios, queimados muitos no inevitavel incendio, que quasi sempre acompanha os grandes desabamentos, ou afogados devido ás trombas d'agua.

Para dar uma rapida idéa da extensão da desgraça que attingiu o Japão, basta referir que o ultimo terremoto determinou a destruição de numerosos edificios e casas, grande numero de pessoas ficou ferido e aos milhares foram contados os mortos.

E tudo isto completado pelas perdas materiaes vultosissimas, avaliadas em muitos milhões de yens e representativas, conforme calculo approximado, de um vigesimo da fortuna publica nacional.

Os grandes pensadores e escriptores que se têm occupado do Japão fazem notar, porém, o apreciavel beneficio exercido por essas terriveis provações por que tem passado o povo japonéz, determinando nos individuos o desenvolvimento da coragem, da agilidade e do espirito de decisão, tornando-os, contudo, um pouco fatalistas, mas dando-lhes caracteristicas invejaveis e inigualaveis.

* * *

Paiz de latitude variada, apresenta um clima do sub-arcico ao tropical, ainda modificado graças

á altitude de certas zonas e ás importantes correntes atmosphericas e maritimas. Das ilhas do extremo norte ás ilhas do sul vêm pouco a pouco amenizando-se a temperatura e demais condições climatericas, com a média de 1° no inverno e 15° na estação quente na região de Kushiro, no extremo norte; com a de 2° no inverno e 18° no verão na zona de Hakodate, ainda ao norte; com 4° em média no inverno e 24° no verão na de Tokyo, região central; 7° no inverno e 25° no verão em Kagoshima, no extremo sul.

E' preciso levar em conta que, no Japão, soprando o vento SE — carregado de humidade durante o verão, chove abundantemente na vertente do Pacifico, emquanto os ventos, ás vezes fortissimos, do NO, que são communs no inverno, determinam a formação da neve no declive dos mares de oeste.

Convém ainda assignalar que, no inicio do verão, devido ás condições atmosphericas consequentes ao clima especial da grande região da China, fronteira ao Japão, cae sobre este ultimo paiz finissimo chuvisco, persistente e constante, por mais de um mez.

No outomno começam os tufões e, ás vezes, as inundações, quasi todas acompanhadas do vento SO.

* * *

A constituição geologica das ilhas, que constituem o Japão, é facilmente exposta. Sendo, na

sua totalidade, ilhas de origem eruptiva, nellas encontramos as diversas rochas vulcanicas nas suas modalidades classicas.

Estendendo-se, por outro lado, o archipelago japonéz de norte a sul, tendo variadas condições climatericas e mesologicas, fatalmente a flora e a fauna se modificam e apresentam aspectos e caracteres especiaes, de accôrdo com o meio.

A flora japoneza é interessantissima, debaixo do ponto de vista phyto-geographico, estando já estudadas e classificadas mais de 8.000 especies vegetaes.

Todos os botanicos referem o valor do clima temperado e das chuvas, que caem em occasião opportuna, sobre o rapido desenvolvimento dos vegetaes. As plantas maritimas são em numero elevadissimo.

E o japonéz não deixa, digamos de passagem, sómente que o meio, nas condições naturaes, actue sobre as plantas, modificando-as.

Quem não conhece os famosos cedros japonezes, de varios seculos de idade, com alguns centimetros de altura, collocados dentro das casas sobre pequenas mesas? E os jardins de plantas reduzidas nas suas dimensões, mas guardando em linhas geraes, os seus caracteres morpho-biologicos, contidos em uma pequena bandeja de xarão, representando 10 ou mais especies, todas ellas rachitizadas pela paciente tenacidade dos que as expõem á mingua a mais intensa, só dispondo do material nutritivo

sufficiente para não morrer? Não esqueceremos também de chamar a atenção para as modificações impostas pela cultura das plantas possuidoras de bellas flores ou principios activos, tornadas exuberantes e muito mais ricas em esplendor pela cultura, como acontece com o chrysanthemo e os determinados vegetaes de valor medicinal ou industrial.

A fauna é das mais curiosas, estando até bem pouco tempo já descriptas 50 especies de amphibios, 103 de repteis, 1.236 de peixes, 618 de aves e 197 de mammiferos. Basta attentar um pouco na precisão destes numeros para evidenciar a verdadeira consciencia e cuidado dos scientists, que têm estudado a fauna japoneza. Quanto, porém, aos animaes marinhos existentes nas costas das milhares de ilhas, que constituem o Japão, existe material de estudo para varias gerações de naturalistas, de tal modo elles são numerosos e variados.

* * *

O Japão, cujas condições phisicas acabamos de resumir rapidamente, conforme o recenseamento de outubro de 1920, tinha 55.961.140 habitantes. A este numero era necessario accrescentar 3.650.000 da Ilha Formosa, 17.280.000 da Coréa e 100.000 da Ilha de Sakhalin.

Por outro lado, comparando os Algarismos acima referidos com a população existente ha 10 annos

atrás, verifica-se o augmento de 45 %, percentagem de augmento esta não attingida por nenhum outro povo. Aliás, em densidade de população, o Japão já occupa o quarto logar entre as diversas nações.

De accôrdo com a relação existente entre as estatisticas anteriores e a de 1920, levando em conta as médias normaes, em 1923 as publicações officiaes do Imperio japonéz avaliaram a população em 58.481.500 para o Japão propriamente dito, 18.313.800 para a Coréa, 3.758.900 para a Formosa, e 150.600 para Sakhalin, no total, portanto, de 80.704.800.

Os ultimos calculos permittem dar, em outubro de 1924, para o Japão propriamente dito, 59.730.000 habitantes, com o augmento de 3.773.000 sobre a de 1920.

Digamos tambem de passagem, mas de modo incisivo, que, apesar da população ser muito densa, a emigração é relativamente pequena, existindo em todo o mundo, em 1922, apenas 349.569 homens e 242.628 mulheres, num total de 592.197 individuos japonezes.

Para esses 80 milhões existem, portanto, emigrados ou residentes no estrangeiro mais ou menos 592.197 japonezes. Bem longe estamos, infelizmente para muitas nações que bem necessitam da collaboração deste povo forte, dos milhões de homens, da avalanche humana que se despejará sobre os outros paizes annunciada maldosamente e prevista pelos

inimigos dessa admiravel nação. No Brasil existem apenas 30 mil individuos provenientes do Japão, quasi todos elles, porém, como veremos ao correr deste trabalho, brasileiros pelo coração, interesse, familia e amor aos filhos, já aqui nascidos.

Do japonez, da especie humana, que vive no Japão, das suas características morpho-biologicas, diremos com precisão, mas de modo succinto, linhas adiante.



ATRAVÉS O TEMPO



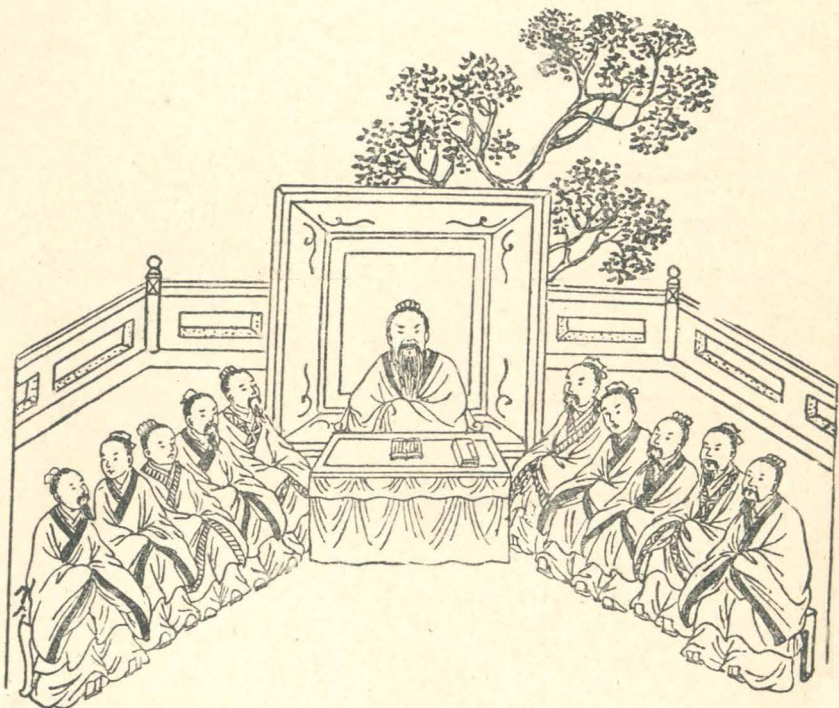
ATRAVÉS O TEMPO

O PROFESSOR K. Mitsukuri, com o seu espirito arguto e profundo de biologista notavel, faz notar que os naturalistas nos ensinam que a morphologia de um organismo vivo, em determinado momento em que é observado e estudado, póde ser considerada a resultante de diferentes phases de desenvolvimento, pelas quaes esse ser passou em épocas anteriores, ou por outras palavras, a phyllogenese repete a ontogenese, como muito bem sentenciou Fritz Müller, o sabio naturalista allemão, que tantos serviços prestou ao Brasil. Pois bem, o organismo social de um povo só será bem comprehendido estudando-se a sua historia e evolução através o tempo.

Assim agindo, facil torna ver-se no Japão quatro periodos historicos successivos, sendo contudo digno de nota que dois factos dominam a historia do Japão e dão a este paiz originalidade unica, como faz notar E. Hovelaque — seu

relativo e voluntario isolamento prolongado e a rapidez das transformações recentes.

O primeiro periodo, o antigo, sè estende desde os tempos pre-historicos até o seculo VI da éra christã. Por esta época viviam os japonezes muito

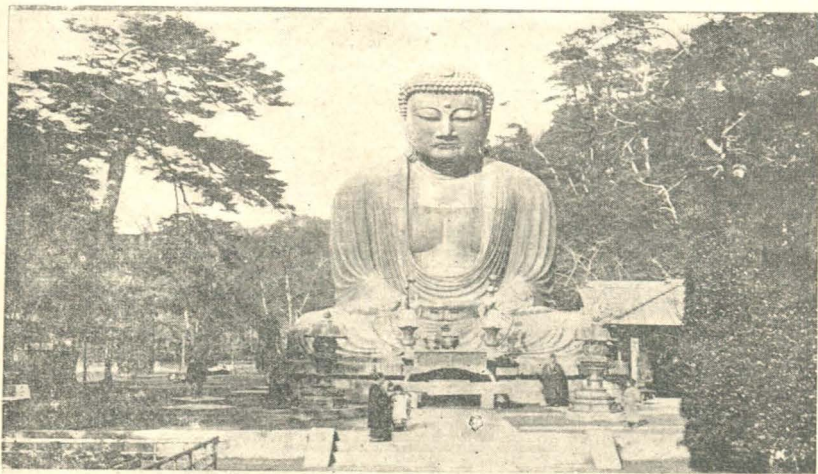


Confucio entre discipulos

simplesmente, começando gradativamente a soffrer a influencia das doutrinas de Confucio e Buddha e a sentir a benefica acção da actual dynastia imperial, cujas origens remontam ao começo do Japão politico, com o Imperador Jimmu. Dominando este

toda a população das numerosas ilhas, de que se compõe actualmente esta nação, fundou o paiz.

Occorreu a acção de Jimmu ha mais de 2.580 annos, reinando dahi para cá sempre a mesma familia, com maior ou menor prestigio, mas sem interrupção na dynastia. O actual reinante do Japão, o Principe Regente Hirohito, é o 122º soberano da



Buddha

familia, facto este considerado por todos os historiadores e criticos da mais alta importancia, pois bem define os sentimentos politico-sociaes de um povo.

O segundo periodo de vida historica do povo japonéz se estende do seculo VII ou VIII ao fim do XII e póde ser designado como o da idade média. Neste interregno a nação muito progrediu, teve a

primeira constituição, ficando por ella claramente estipulada a autoridade central da familia reinante e a divisão do paiz em provincias. Muito se accentuaram os progressos do povo japonês sobre a primeira constituição, fazendo-se por esta época sentir no maximo da sua intensidade a influencia chinesa e as idéas buddhistas.

Progrediram as sciencias e as artes, sendo fundada a primeira universidade imperial, onde se



Templo shintoista de Ise

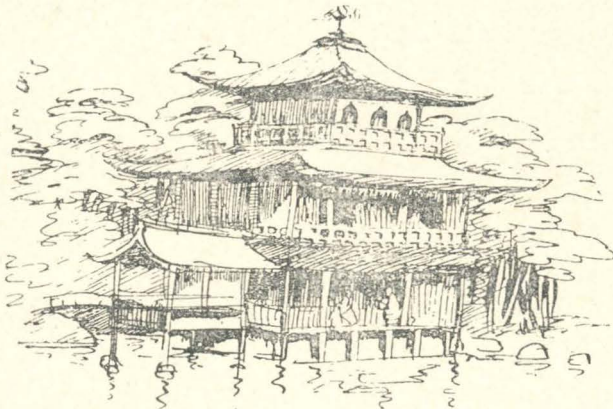
estudava com os elementos da época, mas em grau certamente mais elevado que no occidente — Astronomia, Astrologia, Meteorologia, Calendario e a Medicina, com a preocupação maxima do ensino medico-cirurgico, pratica das injecções, necromancia e pharmacologia.

Para dar idéa do desenvolvimento intellectual existente no Japão por esta época, basta dizer que no fim do seculo IX foram catalogadas as obras encontradas na Bibliotheca Imperial, ficando

demonstrado existir 16.790 volumes, apesar do incendio havido alguns annos antes.

Não é necessario mais referir, nem dizer, para demonstrar que já por esse periodo a grande potencia asiatica estava á frente das nações de maior civilização e cultura mais intensa.

Referiremos, contudo, que alguns primores da delicada e poetica e ao mesmo tempo profunda literatura japoneza datam desta occasião, muitos delles até escriptos por mulheres.



Templo de Kinkakuji

O progresso nas artes foi o mais accentuado, existindo ainda hoje, desta época, apesar de por ellas terem passado muitos seculos, milhares de obras de grande valor artistico, como póde ser facilmente verificado, entre outros pontos, em Nara, perto de Kyoto.

Viveu tambem por esta época a celebre familia Fujiwara, forte pelo saber, pela energia e

habilidade, possuidora de tão grande prestigio, que quasi usurpou completamente o poder da familia reinante. E' possivel asseverar que, em 26 seculos de reinado, nunca os membros da actual dynastia estiveram tão desprestigiados como na época dos Fujiwara, pequeno eclipse na acção quasi continuada e forte dos imperadores do Japão, a quem o paiz, evidentemente, deve em grande parte, pelo tacto, dedicação e saber, a sua formação e prestigio actual.

* * *

O terceiro periodo vae do fim do seculo XII á metade do seculo XIX e é denominado por todos os historiadores — o dos *Shôgunatos*.

Devido á decadencia existente entre os nobres, surgiu pouco a pouco a classe austera em habitos e costumes, guerreira por orientação e indole — os *Samurais*, entre os quaes convém destacar os pertencentes ás familias Taira e Minamoto.

As guerras civis foram tão numerosas que todo aquelle que conseguia dominar uma provincia ou zona era nomeado *Shôgun* pelo imperador, que sempre manteve o poder central, emquanto nas diversas partes do paiz o governo passava da mão do mais fraco para a do mais forte.

Era a luta constante e exhaustiva, sendo facil prever e verificar que, emquanto tal se verificava, pouco progrediram as artes e as sciencias, excepto por occasião do predominio do *Shôgun*

Ashikaga. Neste shôgunato muitissimo progrediu a arte theatral, sendo compostos delicados, subtis e poeticos dramas lyricos, conhecidos sob a designação de *Nô*. Chegando-se ao seculo XVI, os



Typo de Samurai

Ashikaga caíam em desprestigio, consecutivo á sua decadencia, surgindo e destacando-se na multitude dos chefes guerreiros Nobunaga, Hideyoshi e Iyeyasú.

Nobunaga dominou, submettendo mais da metade do paiz, sendo substituido após sua morte pelo seu amigo e adepto Hideyoshi, o Napoleão japonéz, guerreiro leal, nobre e de extraordinario valor, figura romanesca inconfundivel que não só submetteu todo o paiz, como chegou até a dominar a Coréa.

Após este guerreiro, cuja acção se reflectiu mesmo na formação do Japão actual, surgiu Iyeyasú, grande homem de Estado, instruido e habil, o verdadeiro consolidador da unificação do paiz.

Iyeyasú adquiriu grande prestigio e força, aliás continuado por sua familia, os Tokugawa, que dominaram no Japão por perto de 250 annos, época em que a perfeita paz permittiu grande progresso, presidido por verdadeiro systema feudal.

Durante varios seculos, sciencias e letras attingiram a progressos nunca vistos, sendo notavel o grau de cultura que o povo japonéz já apresentava por este tempo.

* * *

O quarto periodo começa com a decadencia e quéda da familia dos Tokugawa, do começo do seculo XIX á época actual.

O Japão já em épocas anteriores tinha entrado em relações commerciaes com as potencias estrangeiras, entre as quaes convém destacar a Hollanda, Portugal, Hespanha e Inglaterra, sendo,

porém, interrompido este trafico tão util ao progresso da humanidade e bom entendimento entre os povos, cessando o commercio, que se annunciava forte e promissor, pelo receio que tiveram os japonezes ante a intensa propaganda dos jesuitas e razões outras de ordem sentimental e politica.

Continuou, portanto, o Japão por muito tempo fechado aos outros povos, havendo excepções apenas para raros hollandezes e chinezes, até que as grandes potencias mundiaes impuseram aos Tokugawa a abertura dos portos do paiz ao commercio universal, tendo estes feito e firmado um tratado directamente com os embaixadores estrangeiros, sem ouvir sequer o imperador.

Serviu isto de pretexto para que os chefes politicos, desgostosos ante a evidente decadencia dos Tokugawa, entre os quaes convém destacar os de Satsuma e Chōshu, deslocassem o poder inteiramente para o imperador, que passou a dominar em absoluto, sem a influencia collateral da grande familia.

Tomando conta do poder, o Imperador Meiji reinou de 1868 a 1912, entrando em relações com todas as potencias estrangeiras e assimilando o que estas possuiam de util, transformou o Japão na primeira nação da Asia e em potencia de grande importancia mundial.

Nos ultimos tempos, a par das transformações que tão grande progresso imprimiram e tão efficazmente contribuíram para a formação do

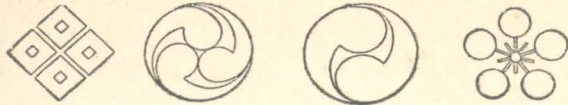
Japão actual, o Governo Japonez foi obrigado a fazer a guerra sino-japoneza e russo-japoneza, conseguindo victorias as mais completas sobre a China e a Russia.

Alliado da Gran Bretanha, tomou parte na guerra contra os Imperios Centraes da Europa, prestando os mais valiosos e evidentes serviços á causa dos Alliados, quer mantendo o equilibrio na Asia, quer lutando nas possessões allemãs da costa chinesa, policiando os mares e ajudando efficientemente os alliados no Mar Mediterraneo.

Actualmente dirige a grande nação o Principe Hirochito, alvo de grande prestigio, dado não só pelo povo japonez como tambem pelas nações as mais cultas do Universo, que vêem no Imperador do Japão a mais legitima encarnação do nobre povo do Oriente.



ALGUMAS CARACTERISTICAS MORPHO-
BIOLOGICAS DOS JAPONEZES



ALGUMAS CARACTERISTICAS MORPHO-BIOLÓGICAS DOS JAPONEZES

O NOTÁVEL zoólogo A. de Miranda Ribeiro, a quem devemos o estudo e descripção de numerosos specimens da fauna brasileira, dizia sempre aos seus companheiros de trabalho que, apesar de preferir o estudo dos vertebrados, fazia excepção da especie humana, dadas as difficuldades a maior a serem vencidas, della fazendo parte a mulher e os. . . naturalistas. Certamente razões fortes aconselhavam esta prudencia ao illustre cientista. . .

Bem difficil, de facto, resumir, em poucas palavras os caracteres morpho-biológicos de um povo, mesmo de modo incompleto. Assumpto trabalhado por grande numero de cientistas, é natural que existam divergencias mais ou menos profundas, principalmente quando entram em jogo alguns factōres de ordem retrospectiva. Seremos certamente falhos, incompletos, pois impossivel se torna em um trabalho desta natureza, nos limites que nos traçamos, abordar tão magno assumpto, sem empregar fórmulas e proposições tidas como classicas e incontestaveis, mas no fundo por demais syntheticas para abran-

gerem, na sua plenitude, assumpto tão difficil e complexo.

* * *

Referindo-se á actual população do Japão, o Professor K. Mitsukuri diz que, abstracção feita da Formosa e das ilhas mais septentrionaes, ella é muito homogenea, tão homogenea quanto possivel, em tão numerosa massa humana. Só a um observador experimentado e subtil, accrescenta ainda, é possivel differençar typos entre os japonezes, pois todos elles têm a mesma origem, a mesma historia, tradições communs, falam a mesma lingua e possuem ambições e ideal identicos.

Pesquisando, porém, um pouco, vemos que as origens do povo japonéz são evidentemente muito confusas. Facil é comprehender as duvidas existentes, dada a falta de documentação, essencial quando se quer reconstituir a formação ethnica de um povo, realizada esta ha alguns milhares de annos, em meio geo-physico todo especial, capaz, por si só, de imprimir, através o tempo, profundas modificações nos que nelle habitarem.

Temos de apegar-nos ou a hypotheses ou então, estudando o japonéz actual, deduzir as suas origens. E' o que têm feito os diversos autores que se occupam do assumpto, bem entendido, deixando de lado as phantasias mais ou menos coloridas pelas bellas phrases dos literatos e romancistas.

Existem, de facto, estudando cuidadosamente os japonezes, sob o aspecto morpho-biologico, uma serie de hypotheses interpretativas e possibilidades confirmaveis. Por outro lado, dado o isolamento em que viveu o Japão por longos annos, é tambem possível reunir indicios e documentos que algo auxiliem o estudo da formação do typo japonez.

Examinando e observando a população do Japão, dizem alguns scientists que é possível, á primeira vista, encontrar dois typos, que parecem ser distinctos pela origem. Ao primeiro pertencem alguns japonezes, relativamente de pequena estatura, corpulentos, ás vezes atarracados, cabeça redonda, com dolichocephalia relativa, de face larga e achatada, bochechas salientes, nariz achatado, olhos moderadamente obliquos, boca bem desenhada e grande, labios grossos, dentição forte, côr da pelle amarellada; emquanto ao segundo, mais numeroso, dos japonezes propriamente ditos, pertencem os individuos delgados de corpo, cabeça alongada, olhos amendoados e bridados, nariz saliente e recurvado, boca fina, dentes longos e regulares, pelle olivacea, quasi branca ou em geral pallidos.

Parece incontestavel, abandonando hypotheses por demais ousadas e sem grande fundamento, que o Japão primitivo era habitado por um typo humano, os *Aïnos*, de origem amarella, que succederam provavelmente aos Negritos. Oriundos do continente, tudo leva a crer serem os *Aïnos* os verdadeiros pri-

mitivos habitantes fixados no Japão, cujos vestígios ainda são faceis descobrir em varios pontos, entre os *Yemishi*.

Esta população de Aïnos, da qual ainda é possível encontrar alguns representantes na Ilha de Yeso, no sul da Sakhalina, e nas ilhas mais meridionaes das Kourilas, é de origem pale-asiatica, tem cabeça alongada, tendo no vivo o indice cephalico em média de 77,8 arcadas superciliares proeminentes, systema pilloso abundante, nariz saliente, dando á primeira vista a impressão de um russo. Habita o Japão, segundo a lenda, de longa data, occupando muitas zonas desde o seculo VII antes de Christo. No seculo VII da era christã occupava ainda quasi totalmente a Ilha de Yeso.

Mais tarde, é evidente tambem, que duas correntes emigratorias vieram fundir-se e cruzar com estes, uma incontestavelmente de origem *Malaiá*, outra *Uraliana*. Fazem notar os que têm escripto sobre o assumpto que é impossivel negar a collaboração de individuos de origem uraliana na formação ethnica japoneza. A lingua falada no Japão, por exemplo, pelas suas affinidades com os dialectos uralianos, testemunha e prova a origem norte-asiatica do typo nobre japonez, que é o verdadeiro dominador do paiz.

O cruzamento destes elementos, tendo-se operado ha milhares de annos, facil é de prever as difficuldades encontradas na reconstituição dos vestígios e collaboração dos mesmos.

Dizer, portanto, como se operou a evolução dos primeiros habitantes das ilhas japonezas é assumpto que difficilmente póde ser esclarecido. Existem, é verdade, documentos antiquissimos, como o *Nihongi* e o *Kojiki*, redigidos o primeiro em 711 e o segundo em 720, mas todas as descripções são perturbadas pelas legendas mythologicas, que misturam os homens com os deuses, quando não o fazem com a propria natureza.

Consignemos, porém, inicialmente entre os japonezes actuaes os dois typos incontestaveis para a maioria dos autores, tão nitidamente differentes para certos cientistas, que chegam os mesmos a asseverar que a estes caracteres morphologicos dissimilhantes correspondem tambem características moraes differentes, sendo que o typo, em que dominam os caracteres malaios e no qual tambem é possivel perceber um pouco de sangue coreano-chinez, é alegre, de bom humor, desprevenido, enquanto o typo japonex propriamente dito, no qual dominam os caracteres uralianos, constitutivo da alta aristocracia do paiz, é triste, melancolico, reservado, na sua accentuada distincção, características estas que tanto



Moça japoneza

impressionam a todos os que tratam com individuos a elle pertencentes.

Diremos rapidamente e em conjuncto que os japonezes apresentam a altura média de 1^m,62 para os homens e 1^m,50 para as mulheres, são robustos e bem proporcionados.

A côr da pelle varia do branco passando pelo amarello pallido, amarello acastanhado ao amarello olivaceo. Apresentam, ao nascer, em geral, pigmento na linha mediana do ventre e em percentagem relativamente elevada no dorso e na região sacra uma mancha azulada, pigmentos e manchas que pouco a pouco vão desmerecendo. Systema pilloso em geral pouco desenvolvido, excepto quando existe sangue aïno proximo, apresentando, contudo, quasi sempre, cabellos abundantes, espessos, rectos e duros. A cabeça é em geral mesaticephala, tendo, segundo J. Deniker, em média, o indice cephalico tomado no vivo de 78,2, com tendencia a brachicephalia no typo japonez grosseiro e a dolichocephalia no typo fino. O craneo volumoso offerece, em muitos casos, a particularidade do maxillar superior, pouco alto e bastante largo, não ter fossa canina.

J. Deniker, baseado em observações da maioria dos que se têm occupado com o povo japonez, diz que os traços mais importantes do character japonez é a polidez e a aptidão para dissimular as emoções; são honestos, trabalhadores, alegres, benevolentes e muito corajosos.

Terminando estas considerações geraes, diremos que, escriptas as linhas precedentes, é incontestavel que o povo japonéz, mestiço de typos raciaes, em caldeamento, que se opera e refina no meio insular aspero e accidentado, que constitue o paiz, representa hoje um nucleo humano, fatalmente dos mais homogeneos, pelas suas origens, por si, mesmo, pelo seu longo isolamento e pela indiscutivel acção do meio geo-physico.

Convém ainda, justificando esta homogeneidade actual, insistir, sufficientemente, de ter-se o mesmo isolado seculos após seculos, soffrendo a acção do meio ambiente, acção esta decisiva no que respeita á constituição e fixação morpho-biologica de typos e sub-typos raciaes.



Moça japoneza

* * *

Tem sido considerado como caracter de raça a *mancha azul congenita* ou *mancha mongolica*, ou, melhor ainda, *mancha mongoloide*. Precisamente a maioria dos escriptores a ella se refere sob a denominação de *mancha mongolica*, dizendo existir nas primeiras idades da maioria dos individuos da raça amarella, só sendo encontrada nos brancos ou negros por excepção.

Ha muito tempo que esta mancha foi registada nos japonezes, sendo ainda encontrada em 90 % de outros individuos de raça mongolica e, por excepção e pequena percentagem, nos de outras raças. Mancha congenita, conhecida de ha muito na China e Japão, caracterizada pela existencia no derma da região sacra, de cellulas conjunctivas pigmentadas, polymorphas — estrelladas ou fusiformes. Tem o aspecto de uma pequena placa azul, de bordas ás vezes irregulares, persistindo nos primeiros annos da vida e alterando-se gradativamente até completo desaparecimento entre cinco e sete annos de idade.

Apesar de ter sido confirmada a sua existencia em individuos de diversas raças, é incontestavel ser ella estigma physico commum á raça amarella, e, em especial, aos japonezes. A maioria dos autores interpreta a existencia desta mancha, em brancos ou negros, como revelação de ancestral amarello.

Digamos de passagem que a mesma tem sido encontrada em individuos brasileiros. Já Clemente Ferreira de 1903 a 1918 encontrou em 168 crianças pretas 42 manchas mongoloides e em 168 mestiças achou 86 vezes esse estigma. Nelson Silva diz que em 119 crianças, que passaram pelo Hospital S. Zacharias, Rio de Janeiro, das quaes 49 eram de 0 a 4 annos de idade, 18 apresentavam a mancha e entre 215 mestiços, 78 traziam na região sacra a referida macula pigmentaria. Retomando o assumpto, foi possivel ainda a Clemente Ferreira verificar em 302

crianças 37 casos positivos, posteriormente em 371 27 manchas, em 432 pesquisas 20 manchas e, por fim, 426 observações e 124 casos de mancha mongoloide. O facto desta mancha ser relativamente commum entre os brasileiros, além de encontrar para alguns casos explicação, por ser a mesma commum em pequena percentagem em individuos brancos e negros, tambem póde ser justificado na evidente origem amarella dos nossos indios, os quaes entraram na formação dos nossos typos ethnicos.

Em conclusão, apesar de não considerarmos esta mancha como existente exclusivamente na raça amarella, acceitando, portanto, a denominação de mongoloide, somos contudo levados a acreditar ser a mesma um estigma desta raça encontrada na quasi totalidade dos individuos, principalmente dos japonezes. Se no Brasil ella é tão commum, ultrapassando os limites da percentagem de excepção verificada nas raças negra e branca, é que os brasileiros têm, pelo indio, aborigene amarello que os colonizadores aqui encontraram, certa percentagem de sangue mongolico.

* * *

Foi tambem assignalada nos japonezes a presença de uma sutura, que divide em dois ossos perfeitamente distinctos o osso malar, o que permittiu a Hilghendorf chamar a porção inferior de *osso japonéz* (os japonicum). E' interessante referir

que esta sutura é encontrada em 9 % dos casos nos europeus, 12 % em média nos mongóes, 21 % nos japonezes e 48 % nos aïnos, numeros estes de acôrdo com estudos e estatisticas um tanto antigos.

Retomado o assumpto e feitas pesquisas uniformes, obedecendo a criterio uniforme, foi possível a Hasche encontrar, abandonando os casos de suturas incompletas, o osso japonéz em 3,2 % de craneos de japonezes e 0,3 % de europeus, mostrando ainda que esta anomalia é mais commum no povo japonéz do que nos outros povos.

Esta pequena anomalia ossea, contudo, bem pouca importancia apresenta, merecendo, tão sómente, allusão, porque, sob o ponto de vista ethnogenico, póde ser aproveitada como referencia de importancia, aliás limitada.

* * *

E' erroneamenté dito que o japonéz apresenta, como principal caracteristica biologica, a difficuldade á adaptacão.

Nada mais injusto. Ainda recentemente o Professor Oscar Loew, para citar uma autoridade conhecida dos japonezes e que tenha emitido opinão com pleno conhecimento do Brasil, provocado a dizer o que bem lhe aprouvesse sobre a emigracão japoneza, no seu aspecto directo e relações com o nosso paiz, teve oportunidade de referir-se em termos altamente honrosos, quer no que se refere

ás suas características, quer no que diz respeito á sua localização no Brasil. Convém citar estes conceitos, porque não só foram formulados por pessoa altamente instruída e conhecedora do Oriente, a par dos complexos problemas de colonização, como também porque contrariam precisamente á asseveração da dificuldade de adaptação dos japonezes.

Após ter rendido homenagem á generosidade e á operosidade dos japonezes, exaltando-lhes ao máximo as qualidades de coração, salienta a intelligencia agudissima, a rara facilidade de assimilação e encarece a rapidez com que elles procuram apprehender os methodos no sentido e na preocupação de aperfeiçoar as proprias aptidões para as differentes profissões.

Nas suas longas considerações, o Professor Loew emite ainda os seguintes conceitos:

A accusação de que os japonezes não assimilam certas conquistas intellectuaes do Occidente — accentuou o Professor Loew — não tem razão de ser, porque, por exemplo, no que diz respeito á musica, muitos professores allemães foram contractados para o Japão, afim de dar instrucção musical áquelle povo, sendo que Beethoven, para não citar outros, já é dos compositores mais apreciados nos concertos executados em Tokio e outras cidades do Japão.

Indagando a opinião do Professor Loew sobre o chamado “perigo amarello”, disse:

No que diz respeito ao Japão, nenhum fundamento ha para acreditar em tal perigo. Se não fossem as difficuldades

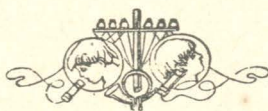
de vida da grande população japoneza, em relação á exiguidade do territorio que lhe coube por sorte, certamente não cogitariam elles de abandonar sua patria; forçados, porém, a emigrar, por esta necessidade, não quer dizer que elles pensem em cultivar lá fóra o sonho de transportar, collado aos pés, o territorio patrio. Adaptam-se perfeitamente onde possam viver bem, sobretudo onde possam melhor nutrir seus filhos. O “ubi bene ubi patria” tambem é verdadeiro para os japonezes. Se o Brasil os receber de bom grado em suas regiões mal povoadas e ainda incultas, dentro em breve tel-as-á cultivadas, graças ao trabalho tenaz do colono japonez, que, na segunda geração, já não terá lembrança de regressar ao Oriente. Quanto á fealdade de que o accusam, é bom lembrar que isto é uma coisa relativa, e, não raro, os filhos dos feios, por circumstancias varias, como melhor nutrição, melhor clima, mistura com outras raças, exercicio, etc., tornam-se bellos.

E' com prazer que registamos os conceitos deste scientistista, pois em varias occasiões temos empregado expressões identicas ou equivalentes.

Não ha negar que o japonez, ao lado dos caracteres morphologicos, rapidamente assignalados ao correr deste capitulo, pelo seu passado e situação presente, representa um typo da especie humana de principios austeros e elevados. Emquanto vemos outros povos do Oriente Asiatico cair em franca decadencia e agir na mais absoluta dissolução moral e social, sem embargo de rigorosos codigos escriptos e até por elles considerados santificados, auxiliados ainda pelo reforço das religiões, é possivel observar os japonezes, sem que sintam a necessidade de codificar as leis que regem a boa moral, sem que

se escravizem a determinado dogma religioso, agirem de modo elevado e nobre.

Orgulhoso de si mesmo e do seu paiz com razão — o japonez de mais em mais se eleva entre os povos cultos, como verdadeiro modelo de typo humano, que se impõe por si mesmo e pelos altos ideaes que o animam.



ORGANIZAÇÃO SOCIAL E ALGUNS
HABITOS DOS JAPONEZES



**ALGUMAS PALAVRAS
SOBRE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E
HABITOS DOS JAPONEZES**

CONVIVENDO com japonezes, facil é notar, im-
mediatamente, a simplicidade dos habitos e
a alegria sadia que os domina, características
essas immanentes ao seu caracter e personalidade.
E' um povo são e feliz.

Existindo e persistindo em continuidade ab-
soluta, tendo vivido através varios milhares de
annos, em completa e rigorosa independencia poli-
tica, foi possivel pouco a pouco estabelecer modo de
viver, todo especial, caracteristico, com tendencias
e habitos que muita admiração e curiosidade cau-
saram aos occidentaes, principalmente aos primeiros
europeus, que visitaram o Japão.

Precisamente, o facto dos japonezes possuirem
caracteristicas de civilização, que até certo ponto
se chocavam com os costumes da Europa, foi o ponto
de partida para a serie de phantasias lançadas sobre

elles, muitas vezes apresentados como extravagantes e enigmaticos.

Não vamos reviver aqui tolas lendas applicadas a essa nacionalidade, hoje todas por terra, ante o convivio das nacionalidades com esse nobre povo. Os meios de communicacão e a circulação pelos grandes centros mostram e evidenciam á humanidade a verdadeira situação da civilização japoneza, no que ella tem de caracteristica.

Inicialmente é possivel, antes de tudo, dizer que simples, sem nada de extraordinario, é, em geral, a vida dos japonezes. Vivem em familia, seguros do presente e certos que para elles sempre existirá um logar entre as nacionalidades, nobres, compenetrados dos seus deveres humanitarios.

Todo o estrangeiro, que vae ao Japão e observa um pouco este paiz, fica immediatamente impressionado pela harmonia existente entre tudo e todos. Parece que a paisagem foi feita de accôrdo com as edificações e demais obras d'arte e que todo este conjuncto obedeceu ao preceito da mais perfeita harmonia com o typo dos seus habitantes.

O mesmo verifica-se nos habitos, na instrucção, nas artes, no modo, enfim, de comprehender a vida.

* * *

A organização social do Japão póde ser exposta em poucas palavras, apesar de toda a exploração feita no passado, graças ao espirito inventivo e á

imaginação facil dos que se aventuram a escrever sobre esse paiz, sem documentação nem observação.

O povo do Japão, como característica inicial, convém referir, muito ama os imperadores, bastando dizer que ha mais de 2.580 annos reina a mesma familia, sempre os imperantes muito estimados, considerados, prestigiados e até sagrados. Por tão longo espaço de tempo, só os Fujiwara, na idade media, passageiramente, conseguiram offuscar o poderio do imperador.

O Imperador do Japão, portanto, é a figura mais representativa debaixo do ponto de vista social.

* * *

Antes de 1868, existiam quatro classes na sociedade: a classe dos *samurais*, militares treinados na conservação do corpo e da honra para facilmente vencerem na luta, a dos *cultivadores*, a dos *artistas* e a dos *commerçiantes*.

Após as grandes reformas nacionaes, inclusive a Constituição de 1889, é interessante verificar as transformações soffridas pelas quatro classes acima especificadas. A agitação no meio social foi muito grande e as transformações as mais accentuadas.

Actualmente existem tres classes bem definidas: a *nobreza*, os *shizokus* ou *samurais* e o *povo*.

A nobreza comprehende cinco graus — principes, marquezes, condes, viscondes e barões. Entre estes nobres existem evidentemente duas categorias, pois uns descendem na maioria da nobreza contempo-

ranea aos Fujiwara, enquanto os outros descendem na maior parte dos senhores feudaes do tempo dos Tokuwara. Os primeiros, de linhagem mais antiga e nobre, são, em geral, pouco favorecidos pela fortuna, ao passo que os segundos, apesar de toda a dedicação patriótica e desprendimento, com que restituíram as suas terras para ser melhor divididas, são, em geral, ricos. Ao lado desta velha nobreza hereditaria, existem alguns titulares pelo talento, pelo saber, pela dedicação á Patria, pelos serviços na guerra, entre os quaes é de inteira justiça citar os nomes dos Marquezes Ito, Oyamo e Jamagate e dos Condes de Okuma e Masukata.

No ponto de vista da lei, porém, apesar de existir, além da classe dos *nobres*, os *shizokus* ou *samurais* e o *povo*, todos são iguaes, pois aquelles não gozam de nenhum privilegio.

No Japão, repito, perante a lei todos são iguaes, existindo apenas na sociedade differenças impostas pelo valor individual.

Contribuíram muito para apagar e fazer desaparecer qualquer differença existente entre os *samurais* e o resto do *povo* japonéz as recentes guerras sino-japoneza e russo-japoneza — pois na campanha, lado a lado, foi possível generalizar a todos os filhos do paiz a observancia do *boshido*, o código de honra daquela classe, não escripto, mas sempre rigorosamente cumprido.

Todos os sociólogos japonezes, ao tratar deste assumpto, exaltam a vantagem da observancia do

afamado código na formação da personalidade do povo, principalmente quando elle determina, antes de tudo: fidelidade a seu superior, do momento que a este seja prestado juramento de obediencia; conduzirem-se como bravos e nunca faltarem com o dever ante o perigo, devido a razões sentimentaes de familia; affrontar a morte com sangue frio e velar sobre a sua honra com o mais escrupuloso cuidado, sacrificando a vida, e, se necessario, para guardal-a intacta, desprezar o ganho e o dinheiro, não levando em conta o valor deste e a importancia da somma.

Na paz, a escola publica, o ensino secundario, o estudo technico, as universidades e o serviço militar obrigatorio continuam a nivellar os cidadãos da mesma patria.

A destruição das barreiras existentes entre as diversas classes sociaes do Japão teve, em conclusão, como resultado final, *não o rebaixamento do nivel moral da Nação, mas a unificação do typo na classe superior, pela elevação das outras collocadas abaixo, esforço da vontade e fruto da educação em commum.*

* * *

Póde ser julgada a civilização de um povo pelo papel desempenhado na sociedade pela mulher, sobretudo avaliando-se e bem considerando sua força e seus direitos.

E' bem verdade que, sob este aspecto, a situação da japoneza tem variado segundo as épocas, mas forçoso é confessar que sempre tem estado acima em prestigio do gosado pela mulher occidental.

Vejamos. No Japão primitivo ella governava periodicamente o paiz e é possível de 593 a 758 antes de J. C. contar sete imperatrizes.

Vivendo em grande prestigio, dentre ellas saíram poetizas de extraordinario valor e escriptoras, cujas obras constituem primores da literatura japoneza.

Foi sómente no seculo xvii que a japoneza, caindo, se igualou em posição e força á mulher occidental, guardando, contudo, na expressão de E. Hovelaque, características especiaes, “um ser unico em doçura, graça, encantos e finura”.

Os nomes da celebre poetiza Ono, de Murasaki, Shikiku, autora do *Makura Sōshi*, Akazome Emon, e outros, mantiveram nas letras natural prestigio e revelaram grande valor intellectual.

Actualmente é enorme o auxilio e a collaboração do elemento feminino no progresso do paiz.

Nas letras, nas artes, nas sciencias, nas industrias e no commercio numerosas são as japonezas, que occupam logar de destaque. Por outro lado, em muitas familias, o logar de chefe é mesmo preenchido pela mulher. As universidades e escolas são muito frequentadas pelo elemento feminino, que se prepara para a sua inestimavel acção social.

No trabalho, sob os seus multiplos aspectos, a

mulher japoneza é inexcedível pela sua dedicação e tenacidade.

São hoje contadas nas fabricas aos milhões, ultrapassando em numero os homens. São de tal modo numerosas em tão arduos trabalhos, que comecem os hygienistas a revelar inquietação pela sorte da raça, pois é evidente que o trabalho exhaustivo acaba, principalmente nas mulheres, por comprometter-lhes a vitalidade e principalmente a faculdade de procriar individuos fortes e sadios.

Ainda hoje, apesar de todas estas transformações, que têm attingido a mulher, os escriptores e criticos são concordes em asseverar que na familia a mulher japoneza continua a ser de extraordinario devotamento, grande abnegação e encanto.

* * *

A um estrangeiro é sempre difficil dizer e referir qual é o ideal de um povo. Se, por um lado, a especie humana ás vezes esconde as suas intenções e raramente falamos ou escrevemos com sinceridade, por outro lado interesses os mais desencontrados intervêm, levando-nos a acreditar que as declarações feitas e explicações dadas nem sempre traduzem a verdade. Por outro lado ainda, neste assumpto, intervêm estranhos interessados directa ou indirectamente, complicando ainda mais o problema.

Deixamos, portanto, ao Professor K. Mitsukuri a responsabilidade quando nos diz que o ideal de

todo o japonês, e em particular dos que pertencem á classe média dos *samurais* é de viver em família, de modo simples e frugal, ligando importancia essencial a essa preocupação pelos fundamentos variados, que passamos a referir, de modo rapido e incisivo.



— Nesta casa nasceu um menino...

Influe consideravelmente neste modo de encarar a vida o código de honra rigoroso, ao qual estavam submettidos voluntariamente os *samurais*.

O amor ao dinheiro era considerado desprezível no tempo do feudalismo, sendo a classe dos chamados commerciantes a mais baixa em hierarchia

social. O facto de ser rico, por esta época, significava a um *samurai* que elle apresentava razão forte para ser censurado.

Grande elogio para esta classe era dizer que *a pessoa era tão pobre como quando saía do banho.*

A defesa do paiz, por outro lado, impunha aos guerreiros japonezes vida simples. Contudo, todos procuravam instruir-se, juntando á sua simplicidade manifesta, muitas vezes, o anseio por uma alta cultura. Ainda hoje se considera que o luxo exagerado, mesmo que os meios de riqueza o permittam, é tendencia condemnavel, devendo existir no modo de viver um limite que o homem por mais rico que seja não deve ultrapassar.

Este ideal de vida, severo e rigoroso, é imposto desde a meninice pelos paes, os quaes procuram desenvolver, o mais possivel, em seus filhos “as tendencias bohemias e estheticas, alliadas ao mais intenso amor á natureza.”

O amor dedicado pelos japonezes á natureza e principalmente a tudo o que é bello é em verdade notavel. Aliás, neste paiz, para certas religiões, tudo vem da natureza, até mesmo o proprio Deus, em contraposição a certos povos orientaes, para os quaes tudo vem de Deus, até a natureza.

Do amor á natureza, resulta para o japonéz a grande ambição de possuir ao menos um pequeno pedaço de terra. Assim, sem grandes cubiças, em vida simples, cultivando intensamente o sentimento da perfeição, sobretudo o que é elevadô e justo, o

povo japonéz é hoje, mesmo dentro nas suas ambições de ideal, um precioso collaborador do bem da humanidade.

* * *

Aspectos raros do povo japonéz podem ser encarados com maior vantagem para elle, principalmente comparando-o com as outras nacionalidades, como a instrucção e cultura.

E' um povo culto, instruido e com a exacta comprehensão da arte, do bello nas suas diversas manifestações.

Passando em revista os meios de instrucção á disposição dos japonezes e bem analysando a sua cultura, ficamos sem saber a quem mais admirar: se ao governo do paiz e particulares, que tão grande acção desenvolveram na diffusão da instrucção ou á sadia energia, força de vontade e adaptação dos individuos de todas as idades na luta patriótica de acabar com os analphabetos.

O esforço do governo e dos particulares póde ser facilmente avaliado ante o numero elevadissimo de escolas e institutos de ensino. Quanto á exacta comprehensão, amor á instrucção e orientação do povo japonéz, facil é avaliar e julgar ante a percentagem, quasi absoluta, vizinha de cem portanto, dos que, estando em idade de apprender, comparecem á escola primaria.

A cultura do povo japonéz encontra base na escola primaria, não existindo villa ou povoação,

por mais pobre que seja, que não tenha uma escola.

Todos os escriptores fazem notar a veneração existente entre o povo á escola, que, nos pequenos povoados, está sempre situada na casa mais bella e commoda. Em 1895, sobre 7.670.837 crianças de idade escolar existentes no Japão, frequentavam a escola 4.388.069, seja o indice de 61 %.

Após a guerra com a China, o Japão dedicou á instrucção a quasi totalidade da indemnização de guerra paga por esse paiz e os resultados não se fizeram esperar. Em 1918, sobre 9.497.275 crianças em estado de frequentar a escola, existiam matriculadas o numero de 8.001.703, ou sejam, mais ou menos, 90 %.

Actualmente esta percentagem augmentou de muito, tendo o Governo Japonez, na exposição do Rio de Janeiro, communicado o indice de 99,14 % de rapazes e 98,68 % de raparigas, que frequentava a escola. Em poucos paizes tem a frequencia attingido cifra tão elevada.

Existiam, em 1922, no Japão :

Escolas primarias — officiaes, 4; publicas, 25.492; particulares, 148; total 25.644.

Escolas secundarias — officiaes, 2; publicas, 262; particulares, 81; total 345.

Escolas superiores femininas — officiaes, 3; publicas, 365; particulares, 94; total 462.

Escolas superiores — officiaes, 12.

Universidades — officiaes, 5.

Escolas normaes — publicas, 93.

Escolas normaes superiores — officiaes : 2 masculinas e 2 femininas; total 4.

Escolas especiaes — officiaes, 18; publicas, 4; particulares, 61; total 83.

Escolas especiaes industriaes — officiaes, 18; publicas, 2; particulares, 4; total 24.

Escolas industriaes diversas — official, 1; publicas, 582; particulares, 50; total 633.

Escolas de surdo-mudos — officiaes, 2; publicas, 8; particulares, 64; total 74.

Escolas preparatorias industriaes — officiaes, 4; publicas, 12.960; particulares, 164; total 13.128.

Escolas temporarias de professores — officiaes, 21.

Escolas de professores de ensino industrial — officiaes, 5.

Varias escolas não especificadas — publicas, 1.016; particulares, 1.289; total 2.305.

Não se faz necessario, dados a percentagem de frequencia, o numero e a variedade de escolas e de institutos, juntar mais palavras para ter a explicação de como o Japão se tornou a primeira potencia da Asia e a nação de cultura invejavel, que o mundo admira.

A existencia, no Japão, de cinco universidades, em Tokio, Kioto, Tokohu, Kyushyu e Hokkaidô, de tres universidades, de iniciativa privada, com o apoio do governo — a Universidade Feminina do Japão, a de Wasseda e a Keio-Gijiku — justifica a alta cultura dos japonezes.

Não é necessario referir e collocar em prova os recursos, a boa installação, a riqueza em bons laboratorios e em ricas bibliothecas, de que dispõem essas universidades, onde são ensinadas as artes e letras e sciencias.

Independente do ensino feito no Japão, numerosos estudantes são enviados ao estrangeiro. Na Allemanha, em certo momento, eram os estrangeiros mais numerosos a frequentar as universidades, principalmente as de medicina, e todos os que frequentavam os meios scientificos de Paris devem lembrar-se de um lado do numero extraordinario de russos, e de outro da religiosa attenção dos imperturbaveis collegas japonezes. Muitos destes japonezes, tendo terminado seus estudos no estrangeiro, continuaram a trabalhar nos diversos centros scientificos estrangeiros, servindo em institutos, laboratorios, clinicas e serviços os mais variados, levando ao maximo a sua especialização, de maneira que, uma vez de volta a seu paiz natal, constituem valiosos nucleos de dispersão do ensino.

Torna-se necessario fazer referencia em particular á cultura da Mulher no Japão. Já tivemos a oportunidade de referir que muito dos primores da literatura japoneza, bem como de seus trabalhos artisticos, são da lavra ou executados por mulheres. Demais, em numerosos casos, a chefia da familia é deixada pelos homens ao elemento feminino de maior valia a ella pertencente, o que, de algum modo, lhe justificam a instrucção, cultura e energia.

* * *

E' interessante, através os tempos, estudar a evolução das idéas religiosas no Japão, pois desta analyse, mesmo quando feita superficialmente, muito é possível concluir sobre o character e personalidade de seus habitantes.

Inicialmente, entre os japonezes primitivos, dominavam verdadeiras crenças mythologicas, pelas quaes as numerosas ilhas, que constituem este paiz, provêm da procriação do Deus do Sol. Aliás, no Congresso Universal de Raças, de Londres, em 1911, o Dr. Genchi Kato, com a autoridade de professor de Sciencia Religiosa na Universidade Imperial de Tokio, assevera que nos mythos cosmogonicos do Japão não existe criação no sentido estricto da palavra, mas simplesmente producção e geração.

O *Shintoismo*, cuja influencia sobre o povo japonéz foi enorme, encontra simile em quasi todos os povos, quando admittem que, após a morte, subsiste alguma coisa de sobrehumano, a alma ou a sombra do individuo, o que permite fazer acreditar que persiste de cada individuo morto elemento capaz de influenciar sobre os vivos. No Japão primitivo este preconceito foi elevado a tal ponto, que é respeitado e invocado, não sómente o que poderá persistir, do individuo morto, mas foi mesmo admittido o espirito da familia, da raça, do proprio paiz, uma verdadeira alma collectiva, dos vegetaes e animaes que viveram, bem como da terra, de toda

a natureza japoneza. E' o respeito e culto por todo o passado no seu variado *kami*.

O *Shintoismo* primitivo gradativamente foi fundindo-se com o *Budhismo*, tendo este encontrado, em parte, o terreno preparado, quando os seus adeptos começaram a pregar que — a morte não é senão uma apparencia e que perpetuamente o ser revive em milhões de existencias e que nenhum ser existe verdadeiramente, não passando este mundo de illusão e sonho.

A vida individual, por outro lado, nada valendo, prepara apenas o individuo ou para a ascensão ou para a decadencia. E' necessario neste mundo vencer a si mesmo, manter firme a vontade, bem orientada a nossa ambição, para poder chegar ao estado superior, pois só elle existe, — elle que é o nada — o Nirvana.

O *Confucionismo* exerce tambem grande influencia sobre o character do povo japonéz. E' a predica da justiça, do respeito ao proximo, cumprimento dos deveres na familia, respeito aos superiores e ao proximo. O passado é sagrado e deve ser venerado e respeitado. Por outro lado, a partir do anno de 1637, portanto muito mais recentemente, o *Christianismo* começou a encontrar numerosos adeptos. Não fôra a crise interna suscitada pelas guerras civis e pela intervenção dos estrangeiros na politica interna do paiz, maiores seriam os progressos desta religião nos tempos passados e mais numerosos os seus adeptos no presente.

* * *

Quando se fala em Oriente Asiatico ou se escreve sobre qualquer povo oriental, para muitas pessoas, desconhecedoras do que alli se passa, vem logo á mente o uso do opio, julgado generalizado a todas as classes sociaes, a todos os individuos.

E' bem verdade que em certos paizes orientaes o uso do opio é mais generalizado do que no Occidente, mas, por outro lado, nos paizes os mais civilizados, numerosos alcaloides, excessivamente toxicos, são utilizados por pessôas de todas as classes sociaes e todas as idades, com incalculaveis prejuizos para a intelligencia, actividade, saúde e vida.

Accentuemos, de passagem, a excessiva toxidez dos alcaloides extrahidos por meio de processos, que lhes asseguram a natureza inalterada e a pureza, consequentemente acção energica, com rapidez de absorpção, facilidade da ingestão ou certeza da dosagem na injeccão.

E não se diga que os alcaloides, isolados uns dos outros, perdem de muito o seu poder activo, mais pronunciado quando em mistura nas condições em que naturalmente se apresentam, pois hoje os preparados, chamados integraes e totaes, fornecidos pela technica rigorosamente scientifica dos fabricantes de medicamentos, vêm collocar ao alcance do occidental o opio e todas as outras drogas, que podem ser utilizadas, e actuar em toda a sua complexidade toxica.

Nos paizes do Oriente fuma-se o opio, mas o uso desta substancia tão nociva é fortemente combatido, reduzido ao minimo no Japão, apesar do alto contingente fornecido após a incorporação da Ilha Formosa.

No Japão, a propaganda contra o opio, intensa e intelligentemente orientada, começa na escola primaria, sendo mostrados e evidenciados os perigos decorrentes do seu emprego.

Nos livros primarios, accentúa o Professor M. Miyajima, existem paginas em prosa e verso, onde são exaltados ao maximo a sua acção nociva e os grandes perigos sociaes, decorrentes do seu emprego.

A população da Ilha Formosa, incorporada ao Japão em 1895, após a guerra com a China, estava habituada ao uso do opio, novidade para o Japão, ainda não victimado por semelhante usança e detestavel habito.

O Governo Japonez não hesitou um só momento, e, encarando o problema de frente, começou a campanha, bem orientada e systematizada, cujos resultados devem constituir natural orgulho para os seus cientistas e administradores.

O primeiro cuidado do Governo Japonez foi verificar, por meio de estatisticas cuidadosas, quantos individuos fumavam semelhante droga na ilha incorporada. Em o anno de 1900, na Ilha Formosa, existiam 165.752 fumantes.

Regulamentada devidamente a venda do opio, que ficcu sendo privilegio e monopolio governa-

mental, passou a ser vendida esta substancia unicamente aos individuos viciados pelo habito, sendo o fornecimento feito após exame e receita medica, de accôrdo com programma préviamente estabelecido pelo Barão de Goto. Estava a Nação Japoneza tão interessada no combate a similhante flagello que foi nomeado governador da Ilha Formosa o proprio Barão de Goto, encarregado de executar o programma por elle mesmo organizado. Já em 1918 alli existiam apenas 58.715 viciados, o terço dos encontrados em 1900, e, dois annos depois, em 1920, ficou esse numero reduzido a 49.031. Em 1923, foram concedidas apenas 38.673 licenças a fumantes e as ultimas estatisticas revelam o quasi desaparecimento dos viciados, cujo prestigio social e politico foi habilmente posto em cheque.

Sem accentuar que o principal commercio de opio é feito no Oriente por potencias européas, convém dizer e realçar, cifras na mão, todo o esforço do Imperio Nipponico para que similhante vicio seja completamente abolido do seu territorio.

* * *

O Japão é um imperio, tendo por fórmula de governo a monarchia constitucional. Dentro desta, o imperador tem o poder supremo, devendo o paiz ser governado por membros de uma ininterrupta dynastia.

O parlamento consiste da Camara dos Pares, composta pelos principes, nobres e membros designados pelo Imperador, e a Camara dos Deputados, composta por membros eleitos pelo povo, por um mandato de quatro annos.

O Parlamento faz as leis, vota os orçamentos da receita e despesa, recebe petições do povo e faz petições ao Throno.

O Imperador tem supremacia sobre todos os negocios do Estado, mas o poder administrativo é exercido pelo Governo, constituido em ministerios.

O Ministerio comprehende 10 ministros, assim discriminados: Negocios Estrangeiros, Finanças, Interior, Exercito, Marinha, Justiça, Instrucção Publica, Communicações e Caminhos de Ferro, Agricultura e Commercio, sendo que um delles, o chefe do governo, toma o nome de primeiro ministro. Existe ainda um ministerio da casa imperial, que trata dos negocios relativos a esta.

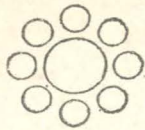
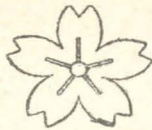
Além do Ministerio existe um conselho privado, que exerce altas funcções junto ao Imperador.

A justiça é distribuida por todo um systema, que não se afasta dos existentes nos outros paizes, com tribunaes distinctos — locaes e superior, sendo os juizes inamoviveis e vitalicios.

Tokio é a capital do paiz, séde do Governo, Parlamento, Conselho Privado e dos Ministerios.



O JAPONÊZ E AS SUAS RELAÇÕES COM
OS OUTROS POVOS



O JAPONEZ E AS SUAS RELAÇÕES COM OS OUTROS POVOS

Os historiadores, criticos e geographos unanimemente referem, entre as principaes characteristics do Japão, ter este, em tempos passados, sabido e podido isolar-se das outras nações, seculos após seculos, fechado dentro nos seus recursos, soffrendo a natural evolução, sem o auxilio, ás vezes, precioso das outras nacionalidades.

Foi para o Japão tal attitude grande bem, pois permittiu ao paiz sobreviver sem ser conquistado, quiçá anniquilado, sem que seja possivel, contudo, não accorder que, do isolamento, surgiram alguns males, entre os quaes facilitar aos inimigos deste paiz a insidiosa propaganda da falta de sociabilidade e natural confraternização do japonéz com os outros povos.

Apesar destes maleficios, diremos que as vantagens obtidas com o isolamento, dados os acontecimentos que se desenrolaram por toda a parte e que a historia da humanidade nos relata, foram certamente maiores do que os prejuizos, sobretudo

apreciáveis e notáveis no terreno das descobertas scientificas e suas consequentes adaptações practicas. Vingou-se, porém, o povo japonéz assimilando e adoptando vertiginosamente em algumas decades tudo o que de bom e util produziu o Occidente.

O Japão, porém, affirmar convém de inicio, é um paiz hospitaleiro por indole e natureza; o povo japonéz carinhoso, acolhedor e fidalgo no trato.

Estudando os tempos pre-historicos, a idade antiga e média, e mesmo a historia moderna, numerosos são os factos e argumentos favoraveis e justificativos deste isolamento, ficando plenamente provado que os japonezes agiram deste modo afim de que salvassem povo e paiz da ruina certa, da conquista inevitavel.

Sem ir muito longe nas indagações, nem entrar em grandes pormenores, basta meditar, mesmo rapidamente, no que se passou em tempos idos, quer na parte mais occidental da Asia, norte da Africa, quer na Europa. Quem póde acompanhar, mesmo em espirito, o xadrez das lutas e invasões, constantes mutações politicas observadas sómente na bacia do Mar Mediterraneo?

Raros paizes merecem tanto pelos serviços prestados á humanidade quanto o Egypto e, através os tempos, quantas vezes foi elle invadido e conquistado até por povos menos civilizados do que os seus habitantes daquella época? Ainda em 1917, quando tivemos a felicidade de conviver por alguns mezes com o Cairo e outras cidades egypcias, entre

os elementos mais adiantados do seu rubro nacionalismo, ao sermos recebidos em uma sociedade de estudantes, dizia-nos o collega encarregado de saudar-nos — “accentuarei o facto interessante de ser o Brasil um paiz amigo do Egypto, talvez o unico, entre os de grande sinceridade e amizade, que até agora não quiz conquistar esta grande nação africana — berço de muitas conquistas da civilização”. Convenhamos, dadas as riquezas das terras do Egypto, ser quasi trahição á amizade semelhante attitude do Brasil, de tal modo ella se choca e contrasta com o proceder das outras nações...

Era contudo natural e logico que o Japão, dadas as suas condições phisicas favoraveis e a observação do que se passara com as outras nações, mantivesse natural isolamento, capaz de permittir-lhe, sem a intervenção e a conquista estrangeiras, com elementos proprios, a formação de sua nacionalidade, com arte, literatura e personalidade inconfundiveis.

E se, de um lado, existiam essas razões de ordem geral, pois as noticias de conquistas e destruição de outros paizes não eram desconhecidas no Japão, por outro lado no proprio territorio japonéz desenrolaram-se factos capazes de, por si sómente, levar a convicção a seus estadistas da necessidade, então inadiavel em certas épocas do passado, de se precaverem contra os estrangeiros, avidos de ouro e com a preocupação de plantar bandeiras, conquistando emporios coloniaes, para as velhas nações

da Europa, esgotadas nas suas continuas guerras e competencias.

Inicialmente, forçoso é confessar, o estrangeiro, desde as épocas as mais remotas, sempre foi recebido no Japão com especial agrado e hospitalidade.

Nos tempos primitivos, os habitantes das ilhas, que hoje constituem o Imperio do Japão, recebiam bem os individuos dos outros povos, pois todos os anthropohistoriadores são unanimes em affirmar que varios typos da especie humana contribuíram para formar o povo japonéz, entre os quaes assignalam os malayos e outro typo de origem uraliana. Por outro lado, chinezes e coreanos, mantendo boas relações com os japonezes, de tempos em tempos, se transportavam para as suas ilhas, facto este claramente confirmado pela historia sino-coreana e japoneza, pela influencia e adaptação das idéas de Confucio e Buddha, e ainda evidente, dada a influencia da arte e letras desses paizes na orientação da civilização e dos desenvolvimentos artistico e scientifico do Japão.

Alguns criticos mesmo, levando em conta o commercio intellectual e as trocas dessa época entre esses paizes, comparam a influencia da China e Coréa sobre o Japão com a exercida pela Grecia e Roma sobre o resto da Europa.

Já 33 annos antes de J. C. ficou demonstrado, pela documentação daquella época, que na Côrte do Mikado esteve um enviado coreano, oriundo de Kara.

Por outro lado, os chinezes na sua documentação do primeiro seculo da éra christã falam-nos e descrevem a terra dos anões — *Wu*, explicando o seu modo de vida em minucia, fazendo referencia entusiastica a seu real progresso, pois nessa época já usavam flechas com pontas de ferro, fazendo notar ainda que elles eram respeitosos e obedientes ás suas leis.

Por este momento, as relações postaes entre a China, Coréa e Japão iam pouco a pouco accentuando-se, sendo os estrangeiros sempre bem recebidos neste paiz, mesmo para fixar residencia, como aconteceu com os immigrants chinezes após a quéda dos Hans.

A partir do seculo VI, porém, a infiltração de chinezes e coreanos fez-se muito mais intensamente, verificando-se então a ida ao Japão de artistas, literatos, philosophos e pensadores e com elles tambem as idéas de Confucio e, a partir de 552, os fundamentos do Buddhismo. Já então, tambem, as relações indirectas com a India eram inegaveis, quer no terreno das idéas, quer das letras e artes.

Lentamente, mas de modo seguro, iam pouco a pouco desenvolvendo-se as relações do povo japonéz com as outras nacionalidades. Eis, porém, que, em 1274, houve séria tentativa de invasão do Japão, a de Kubilai Khan, renovada após o primeiro desastre motivado em parte por uma grande tempestade em 1281, mas repellida com

tal energia e bravura, que nunca mais foi tentada durante a longa existencia desta nação, apesar das phases de enfraquecimento verificadas no paiz, dadas as interminaveis e constantes lutas e rivalidades de seus grandes homens, dos seus valentes dignatarios.

Desenvolvida a navegação, era natural que ao Japão fossem ter navios de outros paizes, sendo successivamente visitados pelos detentores das primeiras naves, alli aportando portuguezes, hollandezes e hespanhóes.

Todos estes navegadores, chegando ás costas e portos das ilhas japonezas, foram bem recebidos e bem tratados.

A natural repulsa e prevenção que, pouco a pouco se foram contra elles formando e fortalecendo, tiveram origem no proceder irregular e ganancioso e ainda no sectarismo obsecante dos que alli desembarcaram ou aportaram.

Após os representantes dos povos asiaticos, foi um portuguez, Mendes Pinto, quem primeiro, e, digamos de passagem, por acaso, travou conhecimento com os japonezes em o anno de 1543. A prova evidente de que teve boa recepção é que, tirando partido da situação surgida inesperadamente, pôde ceder o carregamento de seu navio, mediante o lucro de 1.200 por cento!

Pouco tempo depois chegou ao Japão S. Francisco Xavier, que alli viveu pregando e doutrinando livremente por longos annos, considerando este

paiz *um paraíso de doçura e bondade*, afirmando e escrevendo serem os *japonezes as delicias de sua alma*.

Já Mendes Pinto ficou surprehendido ao encontrar um povo mais civilizado do que o portuguez, *não mais comendo com os dedos*, e S. Francisco Xavier declarou tambem admirado do que via *que, ao invés de um povo barbaro, que elle esperava encontrar, verificou ao desembarcar uma civilização requintada, mais requintada mesmo que a do seu proprio paiz*. Declarou ainda que *os japonezes ultrapassavam em virtudes e probidade todos os povos até então conhecidos*.

Nobunaga, com o seu grande poderio e espirito de luta, desgostoso da influencia do buddhismo, que elle considerava nociva, chegou mesmo a favorecer a propaganda dos adeptos da religião christã e a ajudar a reacção contra os chefes feudaes, intransigentes nas suas idéas.

Augmentando o numero de estrangeiros residentes no Japão, não sómente portuguezes, mas tambem hespanhóes e hollandezes, começaram os excessos de propaganda religiosa feita já antes por numerosos jesuitas, a ganancia nas praticas commerciaes, a lamentavel compra de escravos e até o incitamento e propaganda contra as autoridades japonezas, visando incontestavelmente fins politicos. E todos estes factos foram num crescente tal que — ou os governantes do Japão punham termo a semelhante propaganda, antepoando um dique aos

evidentes fins de conquista do paiz ou a Nação Japoneza teria o fim das Philipinas, Perú, Mexico e tantos outros povos civilizados da antiguidade, assimilados, destruidos, aniquilados ante a ganancia conquistadora dos povos da Europa.

Inicialmente foram brandos os processos de reacção postos em pratica, mas sendo infructiferos, necessario foi a Iyemitzu em 1638 tomar medidas decisivas e completas que, pelo espaço de dois seculos, isolaram quasi completamente o Japão do commercio e mais relações com os outros paizes mundiaes.

A critica imparcial e sem paixão força o historiador a considerar essa attitude como o natural desejo de manter e defender o paiz. Não ter agido assim demonstraria imprevidencia e desconhecimento do que se passava na Europa convulsionada pelas constantes lutas e nas outras regiões do Universo, victimas da conquista e da ruina.

Contudo já de 1806 a 1808, tornando-se relativamente intensa e commum a navegação nas costas japonezas, tendo ultrapassado de 80 as naves que, pelo espaço de um anno, passaram á vista das suas terras, era inevitavel o reactamento das relações. A partir desta época o isolamento foi tornando-se de mais em mais difficil, até que, em 1841, a Inglaterra e a Russia manifestaram oficialmente o desejo de entrar em relações amistosas com a grande-nação asiatica. Após incidentes variados e multiplos, em 1853 uma esquadra, sob o commando do americano,

Almirante Perry, formada por navios de guerra bem armados e, em nome das principaes potencias mundiaes, intimou o Japão a abrir os seus portos ás relações e ao commercio dos povos do Universo.

A partir desta época, entraram successivamente em relações de amizade e commercio os americanos, inglezes, russos, hollandezes e, por fim, as restante nacionalidades.

Já de ha muito que a literatura scientifica nas suas diversas modalidades tinha entrada no Japão e, se é verdade que este paiz esteve por longo tempo isolado das outras nações, forçoso é confessar que rapidamente assimilou o progresso occidental, sem perder as suas grandes características e personalidade, tornando-se em pouco tempo uma das grandes potencias do Universo e a primeira da Asia.

Nos ultimos 60 annos não foi discutida nenhuma these de interesse para o Oriente Asiatico, sem que o Japão não interviesse de modo decisivo, com extraordinaria prudencia e tacto diplomatico, evidenciando sentimentos de confraternidade os mais elevados.

Foi forçado, é verdade, a bater-se com a China e a lutar contra a Russia. São factos de hontem e todos conhecem as razões determinantes da guerra e, sobretudo, todos podem testemunhar a nobreza do vencedor.

De lá para cá, é interessante apreciar as directrizes da politica internacional japoneza, sempre nobre e leal.

Alliado da Gran Bretanha, foi arrastado a fazer a guerra contra os Imperios Centraes da Europa. A acção desenvolvida pelo Exercito e Armada Japonezes, quer na Asia, quer no Mar Mediterraneo, principalmente o apoio moral dado aos alliados, foi de maior valia, fazendo deste paiz uma das cinco grandes potencias mundiaes, que decidiram em Versailles dos destinos das nações da Europa.

Quem estivesse na Europa nos dias afflictos de 1917 só poderia ouvir da parte dos alliados os continuos louvores á efficiente acção dos japonezes na guerra contra os Imperios Centraes. A cada instante, eram lembrados os serviços prestados á Russia, fornecendo material de guerra, artilharia, munições, officiaes, artilheiros. Não era esquecida a limpeza do Oceano Pacifico pela destruição dos cruzadores allemães, o patrulhamento do Mar Mediterraneo, o desmantelamento e tomada das bases allemãs no Pacifico e mais tarde o concurso na Salonica, Mesopotamia e Siberia.

E toda a gratidão dos alliados estampava-se na physionomia dos que viram partir, lagrimas nos olhos, os medicos e enfermeiros do Hospital Japonex de Paris, que tantos e tão assignalados beneficios fizeram aos alliados feridos na grande guerra, elevando a sciencia japoneza e mostrando a generosidade do seu povo.

De lá para cá, o Japão tem estado á frente de todos os principaes movimentos tendentes a melhorar a situação dos diversos povos, contribuindo direc-

tamente para a confraternização universal, collaborando com as grandes potencias neste sentido.

O Japão tem dado, portanto, as mais evidentes provas de solidariedade universal, sustentando os pontos de vista considerados no momento os mais uteis e necessarios para a humanidade. Dando provas de grande desprendimento, póde dizer-se que hoje a grande potencia asiatica não tem theses japonezas, egoisticas e de interesse local. Ao contrario, deve ser consignado que, apesar de ferido e contrariado em pontos capitaes e sagrados para o seu povo, a Nação não tem perdido a calma, e, com superioridade moral invejavel, mostra com logica e clareza á humanidade directrizes justas e dentro do direito dos povos.

Ainda recentemente, quando os Estados Unidos da America, contra todos os principios, impediam a immigração japoneza, quando ainda estava o projecto em discussão no Congresso Americano, o Japão endereçou a seguinte nota, onde está reflectida a grande alma do povo asiatico:

O Governo Japonez está profundamente interessado no acto dos Estados Unidos da America do Norte, sanccionando a lei chamada lei de immigração de 1924. Emquanto a medida se achava em discussão, no Congresso, o Governo Japonez aproveitou-se da primeira oportunidade para chamar a attenção do Governo dos Estados Unidos para a clausula discriminatória comprehendida na clausula 13 C da dita lei, que trata da exclusão dos estrangeiros, que não gozam do direito de adquirir a cidadania pela naturalização e perdem, assim, uma

vantagem, que é concedida a outras classes de estrangeiros, clausula, enfim, que visa manifestamente os japonezes. Nem as representações do Governo Japonês, nem as recommendações do Presidente e Secretario de Estado foram attendidas pelo Congresso e a clausula em questão faz parte, agora, das leis dos Estados Unidos.

E' talvez inutil declarar que as distincções internacionaes, de qualquer maneira e sobre qualquer assumpto, mesmo quando baseadas em simples razões economicas, são oppostas aos principios de Justiça e correcção, de que dependem, em ultima analyse, as relações de amizade entre as nações.

A doutrina da igualdade de tratamento, que é agora universalmente reconhecida e encontrou o franco apoio dos Estados Unidos, deve a estes mesmos principios a sua razão de ser. Mais desagradaveis ainda são as discriminações que se baseiam nas raças.

Foi, evidentemente, a forte condemnação de tal pratica que inspirou o Governo Americano, em 1902, a denunciar o tratado commercial que existia entre os Estados Unidos e a Russia, em consequencia da resolução do Congresso, de 13 de dezembro de 1911, em signal de protesto contra o tratamento desigual e pouco apreciavel feito na Russia aos estrangeiros de uma certa raça. Acresce que a distincção de tal genero está expressa na nova legislação dos Estados Unidos.

A lei de immigração de 1924, considerada á luz das interpretações que o Supremo Tribunal deu ás leis de naturalização, estabelece claramente a regra segundo a qual a admissão de estrangeiros, nos Estados Unidos, é baseada, não nos meritos, ou na qualificação individuaes, mas, sim, na divisão das raças a que pertencem os candidatos á naturalização.

Parece que tal distincção de raça da lei de 1924 é manobrada essencialmente contra os japonezes, uma vez que pessoas de outras raças, tambem asiaticas, são comprehendidas em leis separadas de datas anteriores, segundo demonstrava o

Secretario de Estado na carta de 8 de fevereiro de 1924, que foi publicada, dirigida ao Presidente da Comissão de Imigração e Naturalização no Congresso.

Em defesa dessas medidas de distincção adoptadas pelos Estados Unidos, foi asseverado repetidamente que as pessoas da raça japoneza não são assimilaveis á vida e aos ideaes norteamericanos.

No entanto, ha de ser observado, em primeiro lugar, que não se póde esperar que muitos immigrants de uma outra raça possam ser assimilados pelos seus novos meios no decurso de uma unica geração.

A historia da imigração japoneza nos Estados Unidos, em numero já apreciavel, data apenas dos ultimos annos do seculo XIX. Este periodo é por demais limitado para permittir que se faça qualquer julgamento definitivo ácerca das adaptabilidades raciaes daquelles immigrants em materia de assimilação, comparadas com as dos colonizadores alienigenas das raças classificadas como elegiveis relativamente á cidadania americana.

Deveria ainda ser observado que o processo de assimilação póde desenvolver-se exclusivamente numa atmosphera de tratamento justo e equitativo. Este sentimento, ao contrario, é embaraçado debaixo de uma tal pressão de distincção odiosa, como aquella a que têm sido sujeitos os japonezes residentes em alguns Estados da União Americana, na lei e na pratica, durante cerca de 20 annos.

Parece bastante difficil fundir elementos estrangeiros numa comunidade, quando a mesma pretere conserval-os segregados do resto dos seus membros. Por estes motivos, as asserções sobre a não assimibilidade dos japonezes parecem ser pelo menos prematuras, se não fundamentalmente injustas.

A proposito do exame dos tratados de commercio entre o Japão e os Estados Unidos, o art. n. 11 do ajuste de 1894 continha a clausula seguinte:

«Fica, porém, entendido que as estipulações, comprehendidas neste artigo e no precedente, não affectam de modo nenhum as leis, as ordenações e os regulamentos relativos ao commercio, á immigração de trabalhadores, á policia e segurança publica, que se achavam em vigor ou ainda virão a ser decretados em qualquer das duas nações.» Quando o accôrdo foi modificado, em 1911, esta clausula provisoria foi retirada do que o substituiu, a pedido do Governo Japonez, que adoptou a regra geral que assegura a liberdade de entrada, de locomoção e de residencia, fazendo ao mesmo tempo o Governo Japonez a seguinte declaração, datada de 21 de fevereiro de 1911, que figura como parte integrante do tratado: “Procedendo nesta data á assignatura do tratado de commercio e navegação entre o Japão e os Estados Unidos, o Embaixador Japonez em Washington, devidamente autorizado pelo seu governo, tem a honra de declarar que o Governo Imperial do Japão se acha plenamente preparado para manter com igual effectividade a limitação e fiscalização que exerceu durante os ultimos 10 annos, no sentido de regulamentar a immigração de trabalhadores para os Estados Unidos.» Procedendo á troca de ratificações do dito tratado, o Secretario de Estado em exercicio communicou ao Embaixador Japonez em 25 de fevereiro de 1911, que o conselho e o consentimento do Senado para as ratificações do tratado eram feitos sob a condição de que deviam fazer parte do instrumento de ratificação, e que o tratado não devia ser considerado como repellindo ou affectando quaesquer disposições da lei do Congresso, chamada lei para regular a immigração de estrangeiros nos Estados Unidos, que foi approvada em 20 de fevereiro de 1907. O Secretario de Estado em exercicio, addicionou então: “Tanto mais que esse acto se applica á immigração de estrangeiros de todos os paizes nos Estados Unidos e não faz discriminação em favor de paiz algum. Não é de suppôr que o Governo de V. Ex. terá qualquer objecção a que o en-

tendimento seja registado ou comprehendido no instrumento de ratificação. ».

A exposição precedente demonstra que, durante estas negociações, uma das principaes preocupações do Governo Japonez foi a de proteger os seus subditos da discriminação feita na legislação immigratoria dos Estados Unidos, e tal acção da parte do Japão foi completamente comprehendida e apreciada pelo Governo Americano, além de que foi ainda com estas considerações em vista que o tratado existente foi então assignado e teve logar a troca de ratificações.

Nestas condições, embora reservando para uma outra oportunidade a apresentação dessa questão de technica legal para verificar até que limite as intenções da clausula 13 C da lei de immigração de 1924 são inconsistentes com os termos do tratado de 1911, — o Governo Japonez deseja salientar agora que a nova legislação está em completa desconsideração com o espirito e as circumstancias comprehendidos nas conclusões do tratado, relativamente ao tratado conhecido por "gentlemen agreement". Ha de ser lembrado que se tinha em vista, de um lado attender aos sérios requisitos da situação, sob o ponto de vista do Governo Americano a respeito da immigração japoneza, e do outro lado evitar qualquer pedido dos Estados Unidos para a exclusão, por lei, que viria offender as justas susceptibilidades do povo japonez. O ajuste entrou em vigor em 1908. A sua efficiencia ficou provada por factos, os algarismos fornecidos no relatório annual do Commissario Geral de Immigração dos Estados Unidos demonstraram autorizadamente que, durante 15 annos, desde 1908 até 1923, o excedente em numero dos japonezes admittidos no continente norte-americano sobre aquelles que partiram não passou de 8.681 pessoas ao todo, incluindo não sómente immigrants das classes trabalhadoras, mas tambem negociantes, estudantes, assim como outros trabalhadores e pessoas não classificadas como immigrants, o

numero das quaes naturalmente cresceu a par do desenvolvimento das relações commerciaes, intellectuaes e sociaes entre os dois paizes. Se, porém, mesmo este numero assim reduzido póde de qualquer maneira ser embaraçoso para os Estados Unidos, o Governo Japonez achava-se prompto, segundo já manifestou, a modificar os tratados existentes com objectivo de tornar ainda mais limitada a immigração. Infelizmente, porém, as medidas de impedimento da nova lei indicam claramente a distincção feita contra o Japão e tornam impossivel para este paiz a continuação dos compromissos assumidos no "gentlemen agreement". Um entendimento de amigavel cooperação alcançado depois de longas e comprehensíveis discussões entre os Governos Japonez e Americano, foi abruptamente interrompido pelo acto legislativo oriundo dos Estados Unidos. A observancia paciente, leal e escrupulosa da parte do Japão, por um periodo superior a 16 annos, destas regulamentações de abstenção impostas a si proprio no interesse das boas relações entre ambos os paizes, parece, agora, haver sido em pura perda. Não se nega que, falando fundamentalmente, está dentro da inherente força soberana de cada nação o limitar e fiscalizar a immigração nos seus dominios, mas, quando no exercicio deste direito, uma verdadeira injustiça é commettida para com uma nação estrangeira, com falta de attenção ao seu amor proprio nos entendimentos internacionaes ou ás regras de cortesia internacional, a questão assume forçosamente um aspecto, que justifica a discussão diplomatica e o ajuste. Nestas circumstancias o Governo Japonez considera como de seu dever manter e registar o seu solenne protesto contra a clausula de distincção da secção 13 C da lei de 1924, e de solicitar do Governo Americano que tome todas as providencias possiveis e convenientes para a remoção de tal distincção.

Estou ainda encarregado de exprimir a V. Ex. a confiança em que esta communicação merecerá do Governo Ame-

ricano o mesmo espirito de amizade e sinceridade com que foi feita.

Não é preciso juntar palavra a esta nota energica e sincera tanto é ella completa.

* * *

Recordemos tambem, por outro lado, para julgar com quem a razão e a sinceridade das attitudes estão, as palavras que, em 1924, o Ministro dos Estrangeiros do Japão, Barão Matsui, proferiu na Dieta Japoneza, palavras que bem definem a orientação constantemente leal, digna e acolhedora nos negocios internacionaes da grande potencia asiatica nas suas relações com os outros povos.

Bem observando os factos e imparcialmente concluindo, a razão certamente não está no nosso continente.

Os principios que dirigem a nossa politica externa salvaguardam os nossos direitos e interesses legitimos, com o devido respeito aos das demais nações e asseguram a paz no Extremo Oriente e no Pacifico, bem como a confiança geral no mundo.

Jámais mostrámos tendencias aggressivas ou que fossem avidos por territorios alheios. Não ha razão alguma para acreditar-se que o cumprimento desse novo dever possa ser objecto de conflicto com os direitos e interesses de outras nações.

Batemo-nos sempre pelo principio *viver e deixar viver*. Penso que se todas as nações adoptassem simplesmente este principio fundamental não teriam a menor difficuldade em

encontrar a base para um accôrdo, a respeito de todas as questões internacionaes em que se acham envolvidas.

O principio de continuidade da politica externa não significa que os methodos para se attingir a determinados objectivos devam ser sempre os mesmos.

Mas toda a acção official de um governo em relação a outro, que seja tratada de outro modo, não póde de modo algum ser affectada pela mudança de seu governo ou de seu gabinete.

Em virtude da observação deste principio, a honra nacional é mantida. Della depende a paz do mundo. O principio, de que nós havemos de manter firmemente a nossa adhesão áquelle preceito, deverá ser reciprocamente mantido pelas outras nações, nas suas relações comnosco.

As atensões desta nação voltam-se para a questão da immigração nos Estados Unidos, para as negociações com o Governo dos Soviets da Russia e para a situação geral da China.

A genese do "bill" de immigração reside em o notavel augmento de immigrants, especialmente do sudoeste da Europa. Acredita-se geralmente que seja praticamente difficil introduzir estes elementos estrangeiros na communitade homogenea dos americanos. Julgou-se ser necessario estabelecer restricções mais rigorosas á immigração.

Os americanos, entretanto, desejam que o augmento de immigrants japonezes não seja em quantidade apreciavel.

O novo "bill" tem em vista uma rigorosa restricção á immigração geral. Não ha nenhuma razão para introduzir no "bill" uma disposição especialmente destinada a excluir os immigrants japonezes. Tres pontos chamam a nossa attenção:

1º, os exclusionistas dizem que os japonezes não se assemelham aos americanos e a introdução de taes elementos estranhos torna-se uma fonte de perigo para os Estados Unidos. Essa constitue a causa de exclusão do Japão. Não foi por mo-

tivo de inferioridade da raça japoneza que se adoptou a clausula da exclusão;

2º, foi sempre francamente sustentado pelos Estados Unidos que a liberdade, o limite e a fiscalização da immigração constituem um attributo essencial dos direitos soberanos inherentes a cada nação. A importancia que os Estados Unidos ligam a este ponto é devida ás condições especiaes daquelle paiz. Não temos a intenção de incluir tal doutrina nesta questão. O reconhecimento de tal principio não deve levar á conclusão de que a clausula da exclusão seja contraria ao Tratado de Commercio e Navegação entre o Japão e os Estados Unidos;

3º, é preciso ter em consideração que o Presidente e os Secretarios de Estado dos Estados Unidos mostraram-se desde o principio contrarios á clausula da exclusão.

A opinião publica dos Estados Unidos, que a imprensa americana, em grande parte, tem reflectido, parece ser sympathica á posição do Japão.

O protesto japonéz á clausula de exclusão baseia-se na convicção de que semelhante tratamento, á parte, estabelecido na referida clausula, é contrario aos preceitos da justiça e da equidade e nos foi applicado com desrespeito ás regras communs da cortesia internacional.

A legislação sobre tal assumpto já é definitiva nos Estados Unidos, mas nós, de modo algum, podemos consideral-a aqui como tal. Até que nos sintamos satisfeitos com justas explicações, manteremos o nosso protesto e empregaremos os nossos melhores esforços para alcançar um accordo amistoso em torno da questão, que assegure, para sempre, a tradicional amizade entre os dois povos.

O Japão e a Russia, sendo geographicamente vizinhos, e tendo em commum importantes interesses, estavam fadados a concluir um accôrdo amistoso, como bons vizinhos que são. As questões internas da Russia são assumptos sobre os quaes

não podemos manifestar livremente a nossa opinião. Ha, contudo, varias questões que esperam um accôrdo entre as duas nações e desde que fiquem definitivamente resolvidas de ante-mão desagradaveis divergencias, seguir-se-á, provavelmente, o restabelecimento das relações diplomaticas.

Foram, recentemente, iniciadas em Pekin as negociações officiaes e estamos resolvidos a desenvolver todo o esforço possível para alcançar um accôrdo satisfactorio, mas não estamos em situação de fazer uma exposição definitiva sobre a attitude que teremos de tomar de agora em diante.

A questão com a China é, evidentemente, de particular importancia para a inteira harmonia, que deve ser mantida entre os dois paizes.

E' para lamentar que a estabilidade da situação politica da China ainda não se houvesse consolidado. Deve-se, porém, ter em linha de conta que é uma formidavel empresa, para a China, realizar uma reforma em todos os ramos da sua administração, de accôrdo com as exigencias modernas.

Encaramos todos os esforços do povo chinês com sympathy, tolerancia e confiança e esperamos que elles sejam coroados de successo.

Desejamos tambem prestar á China qualquer cooperação de que ella necessite. Não temos proposito de intervir nas suas questões politicas internas, nem commetteremos qualquer acção que prejudique a situação de que ella justamente goza. Contamos ao mesmo tempo com que a China, por sua parte, não pratique qualquer acto compromettendo a nossa situação.

E' intenção nossa promover a reaproximação economica entre a China e o Japão.

O povo chinês verificará a nossa politica franca e leal, examinando os tratados que assignámos na Conferencia de Washington, relativamente á China. Até hoje ainda não entraram em vigor, mas os principios alli estipulados estão de

perfeito accôrdo com os nossos proprios principios, e estamos firmemente resolvidos a executar os referidos tratados.

Não limitaremos a nossa attenção ás questões relativas aos Estados Unidos, á Russia e á China.

Os nossos esforços serão empregados na manutenção e no fortalecimento das relações amistosas que mantemos com todas as Nações que têm importantes interesses economicos e territorios no Extremo Oriente e no Pacifico; e, por nossa parte, concorreremos para a segurança da paz e da estabilidade mundiaes.

E se fôr necessario citar attitudes mais recentes e sobre assumpto mais geral, lembraremos o que ainda em 1º de outubro de 1925 escrevia o Barão Shidehara, ministro dos Negocios Estrangeiros do Japão, na *Revista Diplomatica*:

Póde considerar-se o periodo depois da conclusão da Grande Guerra Mundial até á presente data como primeira etapa do progresso universal do tempo moderno. As graves difficuldades que as potencias encontraram na politica, tanto interna como externa, têm sido resolvidas gradualmente, e as incertezas mundiaes nos seus aspectos politicos, economicos, sociaes e ideaes, têm desaparecido aos poucos, entrando-se em marcha acelerada, em um periodo da fecunda reconstrucção nas finanças, economias, cordialidade e confiança mutua nas relações internacionaes. As idéas extremas e radicaes, como sejam as da "extrema direita" e da "extrema esquerda", que acarretaram tantas miserias e o chaus, parecem estar estabilizadas.

Os tempos mudam, e a humanidade corre em procura do ideal. Após a guerra, a humanidade convenceu-se da responsabilidade collectiva cada vez mais intensa e pesada de evitar a repetição da calamidade, que tão caro custou a ella.

Assim a éra em que o Estado constituia a entidade bellicosa passou longe como se fosse sonho, e veio, em seu lugar, o periodo no qual elle constitue a entidade cooperativa internacional com a missão e responsabilidade collectiva perante a felicidade dos povos e a paz eterna no mundo. A observação attenta das tendencias internacionaes após a Conferencia da Paz em Paris indica positivamente que o mundo inteiro, renunciando á politica do egoismo e preconceitos, está caminhando com passos firmes para a politica cooperadora, baseada na comprehensão reciproca dos pontos de vistas racionais de cada nação. Os trabalhos da Liga das Nações; o Tratado de Desarmamento Naval de Washington, assignado pela Inglaterra, Estados Unidos, França, Italia e o Japão; o Pacto da Segurança Européa, todos estes acontecimentos internacionaes claramente attestam os recém-nascidos sentimentos humanitarios do mundo, que condemnam a força bruta, a violencia e a invasão como meios de resolver os conflictos e desharmonias de interesses, e adoptam concessão mutua, respeito e cooperação como o seu novo lemma.

A diplomacia tem de evoluir forçosamente tanto exterior quanto intrinsecamente, como consequencia natural desta transformação. Machiavelismo e egoismo têm de cair. A diplomacia secreta, praticada por poucos homens peritos, tem de ser franqueada á vontade popular. A diplomacia, na nova ordem de coisas, deve ser orgão de cooperação internacional e não o orgão de conflicto internacional, como vinha sendo até ha pouco.

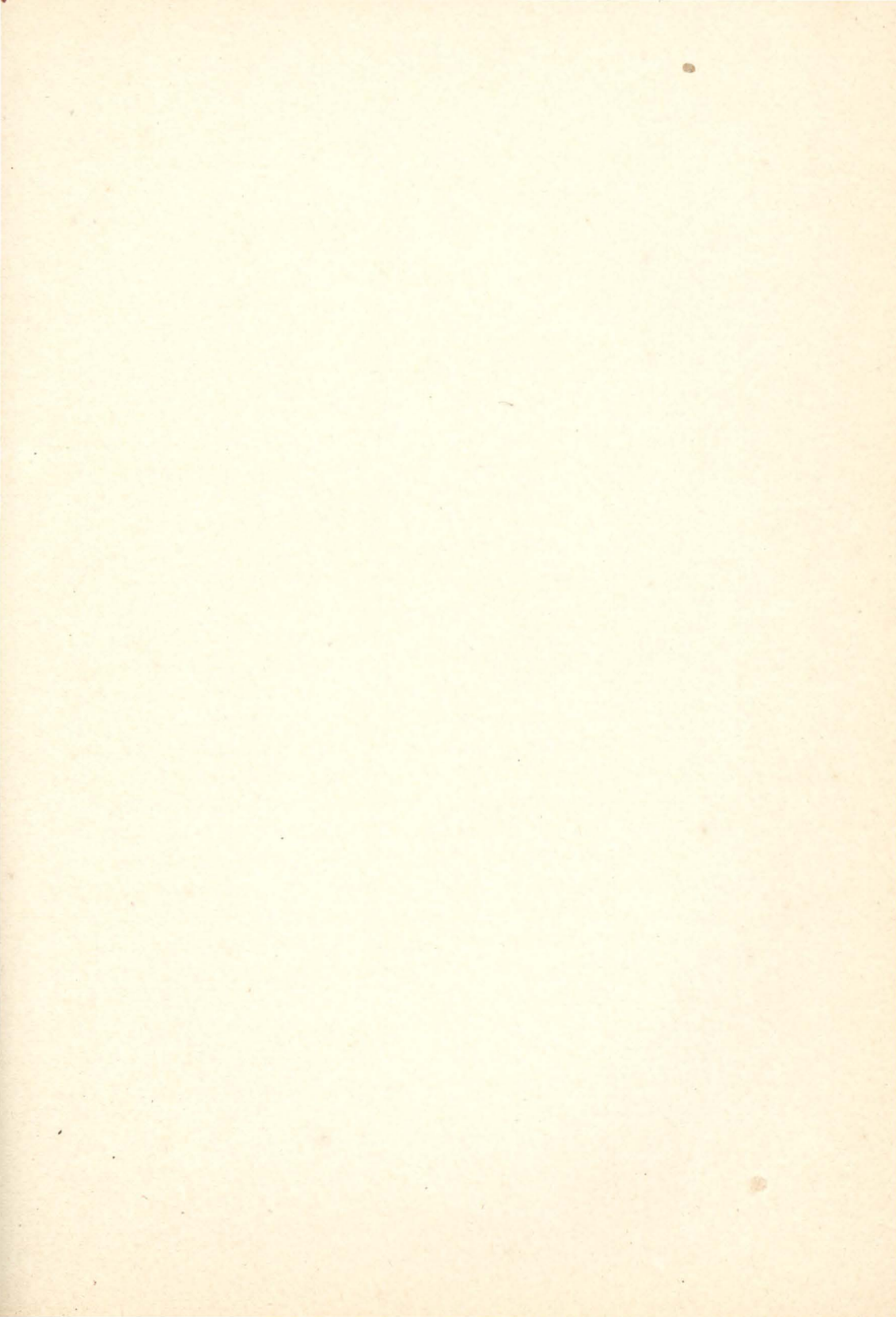
Contudo, estando os Estados desenvolvendo as suas actividades em conformidade com a sua historia e tradições particulares e diversas, e como é sabido que é impossivel juntar num corpo todos os Estados do mundo, é inevitavel que haja desharmonias de interesses economicos e politicos entre os Estados. Nas conferencias internacionaes tambem será impossivel obter resultados pelos quaes se possa garantir satisfação

unanime para todos os Estados representados. Se se continua a advogar o nacionalismo acanhado e estreito, combinando os factos da existencia de conflictos internacionaes e a realização vagarosa das idéas de novas tendencias de cooperação internacional, baseada no grande ideal da felicidade e da paz perpetua do mundo, eu lhes chamarei sem hesitação de myopes e cegos em materia de politica internacional. Como, pois, se consegue levar este ideal ao exito concreto? Como resolver os conflictos internacionaes? Poderemos conseguil-o quando todos os paizes, conscientes e compenetrados deste novo ideal, se convencerem de que os seus direitos e interesses só existem dentro do limite do reconhecimento e respeito dos pontos de vista racionaes dos outros Estados.

Independentemente da consciencia da nação, o Estado segue os passos da marcha mundial. O Japão não póde limitar seus pontos de vista só para seu desenvolvimento e prosperidade, isolando-se no Extremo Oriente do convivio do mundo.

Para todos os problemas, cuja solução contribua para a realização deste ideal, qualquer que seja seu alcance e influencia, o Japão não póde estar indifferente. A participação frequente do Japão nas conferencias internacionaes nestes ultimos annos tem suas explicações neste conceito. Só assim poderemos corresponder á alta posição internacional que nos cabe. Deste tambem depende a nossa existencia como nação, isto é, não concentrar a nossa força vital exclusivamente ao nosso desenvolvimento, mas sim tambem para os trabalhos concernentes á co-existencia e co-prosperidade da humanidade inteira.



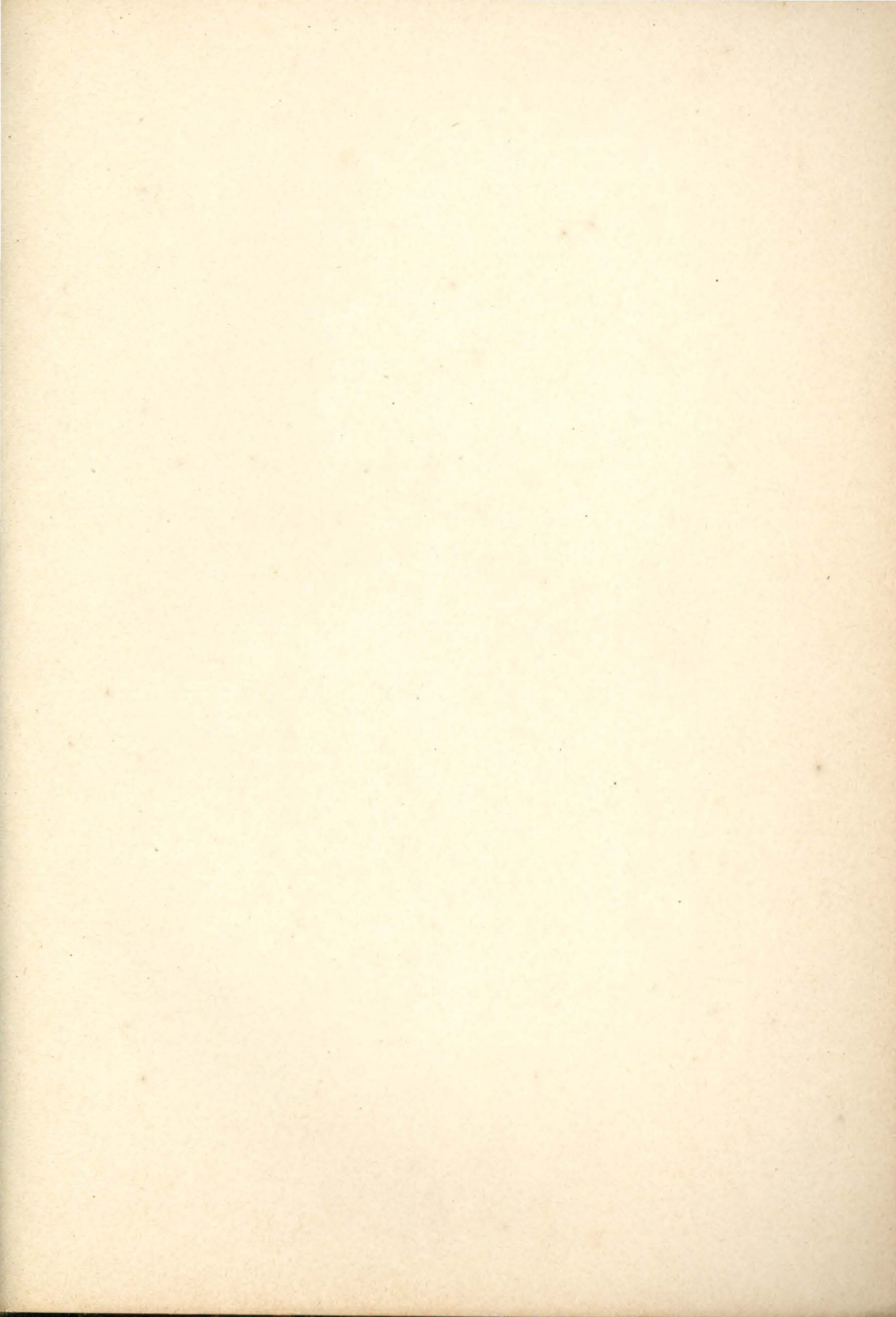


NO BRASIL

O BRASIL

E

A IMMIGRAÇÃO





O BRASIL E A IMMIGRAÇÃO

INICIALMENTE, antes de darmos-nos ao estudo do problema em especial, referindo a impressão que temos da acção dos japonezes no Brasil, convém dizer, de modo rapido, mas incisivo, como encaramos o problema da immigração em geral nas suas relações directas com os grandes interesses nacionaes, não lhe esquecendo a natural articulação com a situação do resto da humanidade. Assim agindo, procuraremos bem expôr e resalvar o nosso ponto de vista, definidas as responsabilidades nos conceitos emittidos.

Sustentaremos a these da immigração ampla, com as naturaes vantagens para os outros povos e tambem para o nosso paiz, dizendo a seguir o que pensamos sobre o *contrôle*, que não deve ser abandonado na formação da nossa nacionalidade.

* * *

O Brasil, com mais de 8.000.000 de kilometros quadrados de superficie territorial e natu-

reza privilegiada, terá, certamente, de futuro grande desenvolvimento. Não serão, porventura, os nossos 30.000.000 de habitantes que poderão, pelo trabalho e pela actividade, dar a justa valorização ás nossas riquezas não exploradas e determinar, com a rapidez necessaria, o progresso essencial ao nosso equilibrio, como nação livre e independente.

Necessario torna-se, ao lado de medidas decisivas e ininterruptas, tendentes a melhorar as nossas condições hygienicas e sanitarias, lançar mão de outros recursos essenciaes ao povoamento do sólo brasileiro, mantendo-se, bem entendido, a nossa personalidade e resguardada, dentro nos limites do possivel, a nacionalidade.

O problema immigratorio, o recurso mais importante e decisivo á nossa prompta organização, necessita ser encarado de frente e sem vacillações. Urge não cruzar os braços, pois o Brasil, com o auxilio e collaboração de forte corrente immigratoria, cu se valoriza e começa a produzir a contento da humanidade, ou, então, dadas as exigencias exteriores, seremos valorizados por elementos estranhos.

Não temos, porém, o direito de reter, sem collocar em valor, uma enorme zona do globo terreste, inculta e abandonada. Facil torna-se comprehender, ainda que pese ao nosso patriotismo, que as grandes massas humanas não vão morrer de miseria e fome, em consequencia da super-população, em outros paizes, enquanto temos apenas

tres individuos por kilometro quadrado e grande imprevidenciã a guiar-nos os passos.

A soluçã virá, ou dada por nós, brasileiros, ou imposta pelas diversas nacionalidades, que comecam a soffrer da falta de recursos e de espaço, pois existem actualmente povoando o globo terrestre 1.660.000.000 de individuos, sendo 450 milhões na Europa, 880 milhões na Asia, 150 milhões na Africa, 10 milhões na Oceania, enquanto toda a America tem apenas 180 milhões, apesar de sua extensã territorial.

No caso presente, felizmente, o nosso interesse articula-se precisamente com as necessidades e desejos dos outros povos. Necessitamos de gente, muita gente, para que o Brasil deixe de ser o paiz das minas sem minerios convenientemente extrahidos; essencialmente agricola, quasi tudo importando, e pobre ante a natureza exuberante e rica, que nos enthusiasma e domina.

Espontaneamente, enquanto nos é possivel ter o *contrôle* dos factos, convém principalmente orientar os immigrants para o nosso paiz, transformando-os pouco a pouco em brasileiros. Muitos e de todas as raças, excluidos, bem entendido, os doentes, que da diversidade ethnica resultam muitas vezes grandes vantagens para a assimilaçã, ainda que contrariados e surpresos fiquem os preocupados eugenistas.

Pensamos muito sinceramente, após longa e cuidadosa observaçã, que não devemos temer os

estrangeiros, que aqui vêm á procura de nova patria. Em primeiro logar, mesmo que nelles fale alto o sangue, a tradição, a saudade e a nostalgia do paiz de origem, bastam os soffrimentos actuaes que a humanidade experimenta, por exemplo, na Europa, para que o immigrante, soffrendo um pouco, recalque todos os sentimentos e recordações da antiga patria e se entregue ao trabalho productivo e á familia em formação, em nösso paiz. Em segundo logar, conta e bem avaliae a acção do meio, a força de nossa natureza.

Quem está habituado a viajar e a comparar os nossos elementos naturaes com os dos outros paizes, acredita immediatamente na sinceridade dos que aqui, aportando, tudo esquecem para amar a nossa terra, que passa tambem a ser a delles.

Dae tempo ao tempo, dia após dia, e o immigrante, perdendo a nacionalidade, passa a ser brasileiro, muitas vezes mais dedicado á terra adoptiva do que aquelle que aqui nasceu. E se ainda, por uma resistencia aberrante, acordar, após algum tempo, lembrando-se da antiga patria, o filho será brasileiro. Nada ha que temer.

O terreno está preparado para a boa recepção e a divisão do trabalho. Diariamente, dando balanço no que temos que fazer, no que foi executado e no que adiamos, deixando-o para o classico "amanhã", instinctivamente olhamos em derredor á procura do auxiliar, que ainda não existe e que fatalmente tem de surgir e apparecer.

E assim é na cidade e no campo.

O unico empecilho serio para que todos os typos humanos pudessem aqui penetrar e dar bons resultados seria o preconceito das raças. Bem sabemos e convém não esquecer que os diversos typos humanos surgiram graças á acção do meio ambiente. Podemos aqui collocar typos humanos, os mais differentes, que ao fim de alguns milhares de annos haverá, graças á acção do meio, a uniformização inevitavel.

O tempo e o meio encarregam-se de tudo assimilar. E' bem verdade que, existindo o preconceito de raças, surgem lutas e competencias muito desagradaveis e a uniformização do typo peculiar ao meio é retardada pela falta de cruzamento, pois não existirá esse factor, que é de grande auxílio, para apressal-a.

No Brasil, porém, assim como não existe luta religiosa, não verificamos, tambem, e registamos com extraordinario orgulho, porque tal predicado representa grande superioridade moral, o preconceito das raças. E, digamos de passagem, não existe felicidade maior para um paiz e um povo do que a abstracção destas duas agonias.

Visitando o Oriente Europeu, percorrendo os Balkans, o Occidente da Asia, principalmente a Anatolia, visitando o Norte da Africa, ou melhor, bem observando apenas o que se passa no Egypto, muita impressão causa ao brasileiro, dentro em sua liberdade de cultos, a preocupação e o peso das

religiões. E' uma preocupação constante, uma ansiedade fatigante.

Felizmente no Brasil, apesar dos esforços feitos por alguns falsos e desorientados estadistas, por enquanto só nos lembramos das religiões no momento de ventura ou infelicidade, casamento de um filho, morte de um amigo, sem que a paixão pela crença a cada momento nos martyrizé o espirito e determine orientação á nossa personalidade e á nossa acção social.

Quanto ao preconceito das raças, tambem não existe para felicidade do nosso povo. E é difficil de conceber maior desgraça do que a luta entre os cidadãos do mesmo paiz, porque um é branco e o outro é negro, caracteres morphologicos determinados ou retirados com a acção do tempo pelo proprio meio que nos cerca.

Não ha maior soffrimento para um povo, não sendo necessario, para ter a prova do que affirmamos, sair do Continente Americano para ver o quanto póde em odio, quando existe, o antagonismo de raça. Basta ir á America do Norte.

Estamos, no Brasil, isentos desta prevenção, deste antagonismo e talvez seja mesmo necessario registrar o contrario. Existe, aqui em nosso paiz, para muitos, uma tendencia, uma attracção irresistivel para os typos afastados pela diversidade da raça. E se não tivessemos receio de contestação, aliás impossivel ante a evidencia dos factos, diriamos ter mesmo observado que, muitos dos que

aqui vivem, dão preferencia, para constituir familia, aos typos humanos mestiços, commumente intelligentes, vivos e graciosos, deixando de lado individuos louros, carregados de preconceitos e odios, formados, accumulados e herdados através as grandes lutas, em que os seus antepassados se empenharam, ao formar o complicado xadrez humano, de que provêm, apesar de sua ingenua pretensão de pureza ethnica.

Assim, temos vivido no passado e ainda no presente, no que respeita ao preconceito de raça; não será outro o pensar da grande maioria dos brasileiros.

E se é possível acreditar na justiça humana e se a mesma se exteriorizar convenientemente para prova do que acima é dito, facil será prever que muito breve o negro terá estatua no Brasil, justa e natural homenagem a quem ajudou a formar a nossa patria, a constituir a nacionalidade brasileira, a desbravar a terra pela cultura, a impulsionar as artes e as letras. Essa homenagem, publica e expressiva, prestada impessoalmente á raça negra, pelo muito que a ella devemos, não visará negro ou mestiço determinado, patriota ou sabio — mas a raça.

Já os nossos artistas, em occasiões diversas, interpretando o sentir do Povo Brasileiro, têm feito essa justiça. R. Bernardelli, nos seus baixos relevos, certamente não a tem esquecido, ao executar as estatuas dos nossos heroes, e Eduardo Sá, no monu-

mento a Floriano Peixoto, num dos grupos principaes do plano terreo a ella se referiu, modelando um dos seus typos; Lucilio de Albuquerque, por outro lado, no seu quadro a "Mãe Preta", produção de grande valor artistico e sentimental, representa esta amamentando o filho do branco — deixando ao lado, na esteira, a sua propria carne, o "negrinho" —, com os olhares invejosos e a doce resignação daquella. E a mãe preta não se arrependeu, pois sendo o negro bom e carinhoso para o branco, este, em troca, com elle constituiu familia, mostrando a todos os povos a nossa superioridade moral e a exacta comprehensão da verdadeira situação da especie humana na superficie da terra, desdobrada em raças, apenas dadas as diferenças mesologicas.

Pertencemos, pois, a uma unica especie animal, adaptada ao meio ambiente, de que as diferenças morpho-biologicas. Vivendo no mesmo meio, pouco a pouco estas diferenças vão desapparecendo. Auxiliando o tempo e o meio, o cruzamento ajuda tambem a apagar as desharmonias raciaes para que surja um typo uniformizado, convenientemente radicado ao paiz.

Foi o que se verificou no Brasil, através a vida de colonia e nação livre. E' o que se observa no presente, e que, dada a nossa sensibilidade moral e alta comprehensão da vida, se dará no futuro.

Assim sendo, dentro na orientação necessaria a todo e qualquer apprehendimento, que ponha em

jogo o futuro da nossa patria, devemos, quanto antes, abrindo os portos e fronteiras do Brasil, facilitar a entrada e localização de immigrants, que, desafogando o paiz de origem, venham contribuir para salvar a nossa patria da ruina certa pela falta de civilização e cultura dos seus latifundios.

* * *

Formulámos e lançámos paginas atrás uma serie de proposições tendentes a apresentar e justificar, em linhas geraes, de um lado, a nossa convicção de ser inadiavel, dada a situação mundial, a valorização, pela colonização intensiva, do nosso paiz e, de outro, a necessidade, imprescindivel para tal fim, além da nossa actividade, de abriremos as fronteiras á immigração.

E' necessario, escrevemos, collocar o Brasil no justo desenvolvimento esperado pela humanidade e ambicionado e previsto pelo nosso patriotismo, utilizando-nos, para este fim, das massas humanas provenientes de centros sobrecarregados de super-população, com as naturaes consequencias e crises de vida, difficil ou mesmo impossivel.

Procurámos tambem sustentar ser de pouca importancia os receios de crises internas, devidas a competencias politico-internacionaes, á vista tambem da diversidade das raças ou typos humanos, que aqui aportarem, pois, não havendo no Brasil antagonismos raciaes, nem religiosos, e a natureza tudo assimi-

lando, o brasileiro irá surgindo pouco a pouco, convenientemente fixado em seus caracteres morphobiologicos, após o natural cruzamento e a acção forte e irresistivel do meio, principal factor na constituição das raças humanas.

Eis os pontos de vista geraes de tão delicado e complexo problema, da maxima importancia para o nosso paiz.

Não devemos fechar os nossos portos e, sim, receber todo e qualquer immigrante, que nos procure. E' da especie humana? E' joven? Póde trabalhar? E' são? Não é criminoso? Entre e seja feliz, perdendo o mais depressa possivel a lembrança de sua antiga patria, tornando-se brasileiro rapidamente por si e por seus filhos.

Se esta politica fôr mantida, se conseguirmos conservar através o tempo esta dignificante e encantadora superioridade moral, sobrepujando, em delicadeza e sensibilidade, paizes que se julgam civilizados, seremos naturaes continuadores da sã orientação de Benjamin Constant e de seus companheiros, organizadores e fundadores de uma verdadeira republica, a brasileira.

Registemos com prazer que, no Brasil, raros são os que, aberrando da grande maioria, pensam em contrario chocando-se com os naturaes sentimentos affectivos do nosso povo hospitaleiro e bom, como também em flagrante desharmonia com o passado, quer durante o periodo colonial, quer no regime monarchico, quer ainda na Republica.

Ainda recentemente Clovis Bevilacqua, consultor geral da Republica e organizador do Codigo Civil, escrevia a este respeito linhas de fogo, achando que agir em sentido contrario seria

injusto e contrario ás tradições liberaes de que com justiça nos ufanamos e devemos manter, quanto a sentimentos humanos de fraternidade e benevolencia que urge fomentar e salvar.

Continuando, diz ainda o grande jurisconsulto com a sabia autoridade que lhe reconhecem

afastemos de nossas vistas as nuvens sombrias de prevenções odiosas, que se têm accumulado sobre a humanidade e que a Grande Guerra tornou ainda mais densas. Estimulemos, de preferencia, os sentimentos de concordia, a cooperação cordial de todos, que sobre essas columnas é que repousa o progresso normal.

Eis a boa these a ser sustentada. Contudo é possivel asseverar que existem typos humanos que mais nos convêm, porque apresentam caracteres encontrados no povo brasileiro, dado o facto de terem contribuido para a formação da nossa nacionalidade, como sejam os iberos, italianos e outros, cruzando entre si e com os elementos do paiz.

Póde dizer-se, para deixar bem claro o nosso ponto de vista, que todos os povos que habitam a bacia do Mar Mediterraneo nos convêm pelos seus caracteres morpho-biologicos e tradições his-

toricas, quer se trate propriamente de iberos e italianos e francezes, quer de balkanianos, nativos da Anatolia e do Norte da Africa.

Pensamos, portanto, e bem comprehendemos, não desconhecendo a necessidade de, apesar a nossa orientação geral elevada, no que respeita ao modo de considerar a especie humana e á politica immigratoria a mais ampla possivel, que permite acolher livremente todos os que para aqui espontaneamente se encaminhem, proporcionar grandes facilidades para attrahir—promovendo mesmo e custeando o transporte — os habitantes das zonas referidas, cuja adaptação ao nosso meio tropical e sub-tropical e confraternização com o povo brasileiro são evidentes, preferindo-se de muito aos povos do Norte da Europa, os quaes só se conseguem assimilar ao meio brasileiro após numerozo sacrificio de vidas e constantes queixas contra o nosso clima, povo, habitos, nutrição e installação, enfim, contra todos e tudo do paiz.

Diremos, tambem, e o assumpto será abordado minuciosamente e convenientemente justificado — razão principal deste trabalho— que preferimos aos referidos typos do Norte da Europa, que aqui aportando espontaneamente devem, contudo, ser bem recebidos e encaminhados para o Sul do Brasil, dados o clima e as condições que lhes são favoraveis e as consequentes facilidades de adaptação, preferimos, a esses individuos, repetimos, os de raça amarella, principalmente os japonezes, cuja localização póde

interessar de São Paulo para o norte, não esquecendo a grande e riquíssima bacia do Amazonas.

Recebendo bem todo o immigrante voluntario e promovendo e ajudando o transporte de todos os typos humanos, que mais nos convierem, é urgente, contudo, tomar precauções, de maneira que bem se possa fiscalizar a entrada e bem orientar a conveniente localização dos que para aqui vierem com o fim de integralizar-se no nosso povo, acautelada a nacionalidade brasileira ao correr desse natural enriquecimento.

Deve haver, e neste ponto insistimos, muito cuidado para evitar que aqui entrem doentes e criminosos. Mesmo quanto aos velhos, só devemos permittir-lhes o ingresso quando vierem acompanhados de parentes, que possam garantir-lhes o sustento.

Tomando as precauções, na entrada, necessarias, tambem é de boa politica espalhar os recém-chegados em grupos mixtos pelas diversas zonas do paiz, evitando concentrações similhantes, sobretudo quando muito afastadas dos centros povoados por elementos nacionaes. Estabelecida esta situação, podemos confiar, mas sempre empregando os recursos que a sciencia nos dá na acção assimiladora da escola primaria, do esporte, do estudo em institutos secundarios e superiores, do commercio e industria, do serviço militar, etc., etc., o que fará os filhos dos immigrantes começarem a argamassar a inevitavel assimilação, que se corporificará, de

modo mais positivo, na terceira geração, pelos filhos do casamento, pelo cruzamento.

Não fiquemos, porém, inertes. Não sendo possível criar os animaes domesticos, aves ou mammi-feros, sem constante cuidado e grande observação, procurando ver e descobrir a cada instante as razões que determinam a degeneração e o apparecimento de caracteres indesejaveis, assim tambem deve ser cuidadosamente verificado o desenvolvimento e a adaptação da especie humana em nosso territorio, de norte a sul.

Precisamos fornecer quanto antes ao Ministerio da Agricultura elementos efficientes para que, dentro nas bases scientificas e nas razões, que a grande pratica do Serviço do Povoamento do Sólo nos aconselhar, possa elle orientar e presidir, em seus pormenores, todo o movimento immigratorio, não só no que diz respeito á attracção e ao transporte dos individuos do estrangeiro para o nosso paiz, como tambem á sua boa recepção e localização em condições vantajosas. Mas, precisamos tambem, para que seja acompanhada a evolução do immigrante, que para aqui vem cruzar-se entre si e com os elementos do paiz, fatalmente influenciando sobre o nosso typo ethnico, tomar providencias e proceder a verdadeira organização technica.

O problema, urge confessar, é trabalhoso e complexo, mas assim tem sido quasi toda a adaptação biologica das mais interessantes especies vegetaes e animaes, que nos auxiliam a viver. Dif-

ficil e complicada tem sido a solução do trigo, do algodoeiro, da canna de assucar. Extenuante a cultura scientifica do café. E não menos trabalhoso e delicado é o conveniente povoamento dos nossos campos por animaes, que aqui se acclimem, dando prole vantajosa. A especie humana não é possivel escapar ás leis geraes da evolução e por ahi teremos de passar, não poderemos evitar.

Para bem acompanhar a evolução e o desenvolvimento do povo brasileiro, necessaria torna-se a similhaça do que é feito com as outras especies — bem estudar a especie humana que aqui vive. Está desenvolvendo-se bem, mantendo os caracteres morpho-biologicos mais apreciaveis ou está degenerando? Perde em estatura, peso, força, agilidade e resistencia muscular? As características intellectuaes superiores estão abafando-se ou se desenvolvendo? Os sentidos e intelligencia atrophiam-se ou se mantêm? Enfim a especie vence, adaptando-se ao meio vantajosamente, ou tende a extinguir-se?

Quem nos dará elementos para responder a todas estas e outras interrogações será o anthropologista, com pesquisas, observaões e estudos.

Necessitamos de dar a scientista de valor, tenaz, bem orientado, pratico nos seus methodos de acção, a E. Roquette-Pinto, por exemplo, a organização e a direcção de um serviço modelar, tendente a fazer observaões anthropologicas completas dos typos humanos, que se vão pouco a

pouco constituindo, se fixando dentro de certos caracteres, que poderão ser considerados peculiares ás diversas zonas do paiz, podendo de perto acompanhar a formação do povo brasileiro.

Assim agindo, conforme as verificações e as necessidades, poderemos orientar o sangue novo para os pontos, em que a especie começe a desmerecer, a definhar. Objecta-se e argumenta-se com as despesas, relativamente elevadas, necessarias ao custeio de serviço desta natureza. Responderemos, de passagem, que taes observações, mesmo em nosso paiz, são feitas tratando-se de animaes domesticos, não sendo, portanto, de estranhar que iguaes cuidados sejam dispensados á especie humana.

Neste sentido, estudos preliminares já foram iniciados. O Museu Nacional de Historia Natural de ha muito que, pela Secção de Anthropologia, Ethnographia e Archeologia, accumula documentos e material. Por occasião da commemoração do centenario de nossa independencia, com o auxilio directo do Presidente Epitacio Pessôa e Ministro Simões Lopes, que muito se interessaram pelo assumpto, foi possível ao Director do Museu collocar á disposição de E. Roquette-Pinto pequeno nucleo de auxiliares, destinados a trabalhar na determinação das características anthropologicas da população do Brasil. Muito foi feito e estamos certos que estes estudos preliminares servirão de ponto inicial ao esclarecimento de tão delicado e complexo problema, pois já outros scientists têm organizado

algumas fichas, com a mesma orientação de Roquette-Pinto. Nestas pesquisas foi adoptada a seguinte ficha

LABORATORIO DE ANTHROPOLOGIA DO MUSEU NACIONAL

Nome _____ Nacionalidade _____

Idade _____ Estado civil _____ Profissão _____

Pelle _____ Cabellos _____ Pellos _____ Olhos _____

Estatura _____	Altura da cabeça _____	Segmento respiratorio _____	
Altura {	do mento _____	Envergadura _____	Segmento digestivo _____
	da furcula _____	Circumf. horiz. craneo _____	Nazo alveolar _____
	do xiphoide _____	Arco nazo-inion _____	Altura do nariz _____
	do umbigo _____	Curva bi-auricular _____	Largura do nariz _____
	do pubis _____	Circumf. thoracica _____	Nazo mentoneiro _____
	do cond. audit. _____	Circumf. abdominal _____	Bi-orbitario externo _____
	da espadua dir. _____	Antero-posterior cephal. _____	Bi-orbitario interno _____
	do medio dir. _____	Transverso cephalico _____	Angulo facial _____
	da espadua esq. _____	Bi-zigomatico _____	Peso _____
	do medio esq. _____	Bi-gonion _____	Espirometro _____
do busto _____	Segmento cerebral _____	Dynamometro _____	

Pae (nação ou estado) _____

Mãe (nação ou estado) _____

Observações

Indice facial = _____ Indice de Manouvrier = _____

Coef. de robustez (Pignet) = _____ Cap. craneana (calculada) _____

Indice cephalico = _____ Indice nasal = _____

Typo morphologico = _____

POLLEGAR DIREITO	POLLEGAR ESQUERDO

A direcção scientifica e a orientação nos estudos de anthropologia cabem evidentemente ao Museu Nacional de Historia Natural, pela sua secção correspondente, mas seria conveniente tambem, dadas a importancia e complexidade das observações a serem feitas nesta enorme extensão territorial, que é a nossa patria, diffundir o ensino desta sciencia, fundando nas Faculdades de Medicina uma cathedra, em que fosse ensinada esta materia.

A anthropologia, dizia-nos E. Roquette-Pinto, com o espirito didactico que representa a principal caracteristica da sua personalidade, estuda a historia natural do homem.

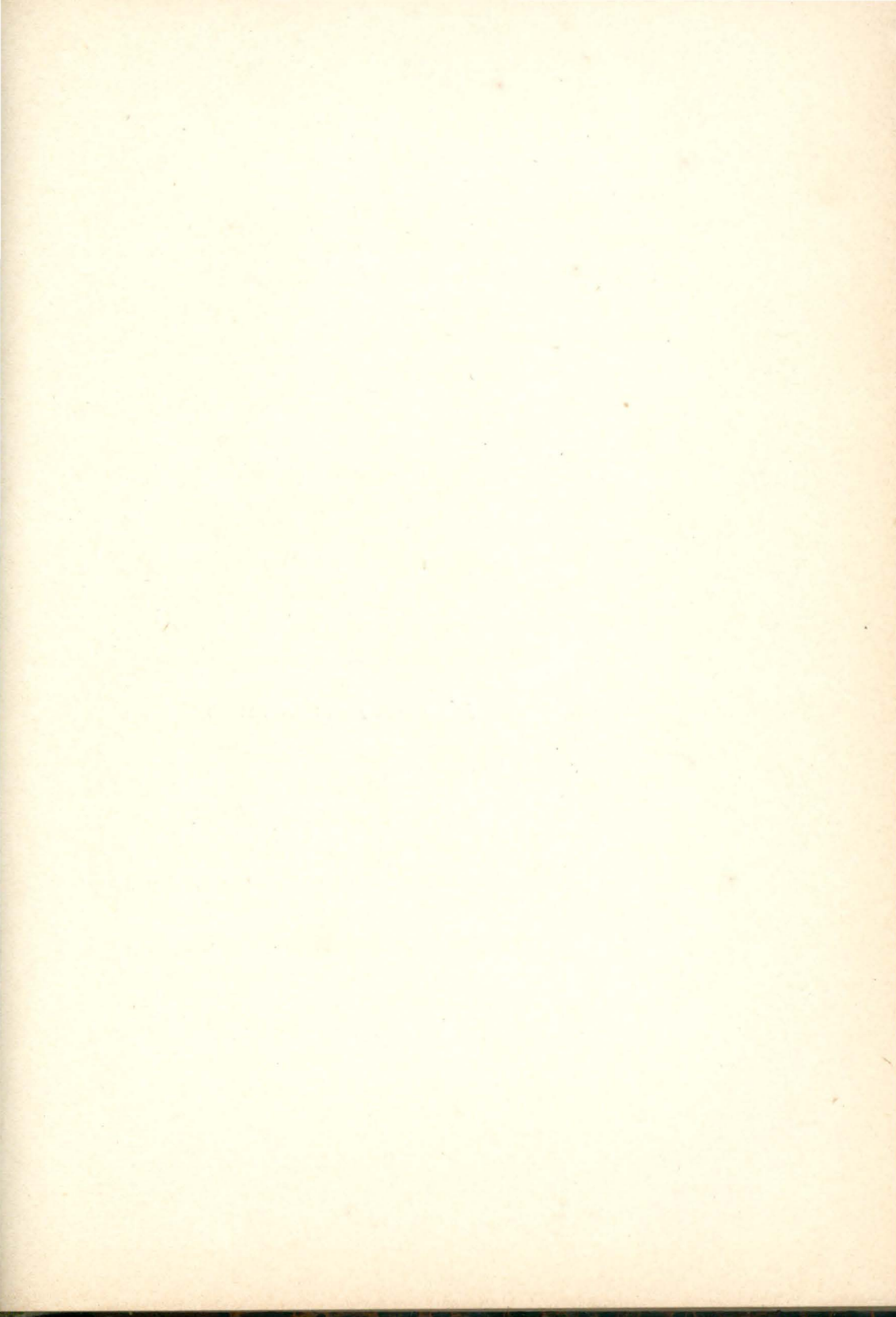
Actualmente o nosso medico estuda a historia natural de muitas especies animaes e vegetaes, mas não estuda a da especie humana. E' triste confessar a ausencia em nossa Faculdade de Medicina de uma cathedra já de ha muito existente nas diversas universidades estrangeiras.

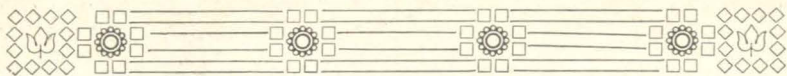
E para nós brasileiros, precisamente, dada a evolução que está soffrendo o povo a que pertencemos, ante as inevitaveis transformações a que a especie humana fica aqui fatalmente sujeita, o auxilio de conhecimentos fundamentaes de anthropologia poderia ser valioso aos medicos, pois, pelo Brasil a fóra, auxiliaria a observar o modo por que se vão constituindo os typos nacionaes, procurando descobrir seus pontos falhos e fracos para a prompta intervenção, que provocará de futuro a conveniente correcção.

Consequentemente, portanto, á politica immigratoria a mais ampla, necessario torna-se agir com segurança, não só estimulando a vinda para o nosso paiz dos typos humanos os mais favoraveis, *controlando-lhes* a entrada e localização, como tambem acompanhar de modo directo a propria evolução da especie em nosso paiz. E só assim poderemos ter acção e influencia capazes, bem contribuindo para o futuro, provavelmente grandioso, de nossa Patria.



A IMMIGRAÇÃO JAPONESA





A IMMIGRAÇÃO JAPONEZA

É INCONTESTAVEL que a terra é unica, que a especie humana, que a povoa, teve a mesma origem, adaptando-se gradativamente ao meio ambiente, o que determinou as variantes raciaes. Caem, portanto, e não têm nenhuma justificativa, ante a comprehensão actual, as diferenças de raça e cultura, o aspecto transitorio de nossa especie, modificavel conforme as circumstancias.

Bem orientada pelas modernas aquisições da sciencia, a humanidade — com a acclimação e o acclimamento, com a alta cultura, que pouco a pouco se vae infiltrando e o ideal unico — constituirá para o futuro especie unica, com individuos sadios de corpo e espirito, digna da Sociedade das Nações, prenuncio de redução ao minimo da fronteira politica dos diversos paizes do Universo:

Não é, portanto, de estranhar que os japonezes, á semilhança dos outros povos, emigrem e que sejam bem recebidos pelos diversos paizes do Universo. Contudo, apesar das tendencias liberaes do povo japonenez e a estima que tem pelas outras nacionalidades, esta emigração não se fez de modo desorientado.

Ainda recentemente o Barão Shidehara, na Dieta Japoneza, em notavel e incisivo memorial, evidenciou claramente o ponto de vista japonéz no que respeita á emigração. Não se trata, como fazem constar os inimigos do grande paiz, de sair da patria a todo o transe e para toda e qualquer zona. Antes, pelo contrario, dentro nos interesses geraes do povo japonéz e os da humanidade, todas as circumstancias são convenientemente attendidas. Diz o Barão de Shidehara:

As relações do Japão com o Mexico e com as Republicas da America do Sul são as mais perfeitas, que se poderiam de-sejar. Em nosso intercurso com esses paizes não existem alvos politicos, mas o Japão sente, apesar de tudo, que se lhe apresentam na America do Sul excellentes opportunidades para a realização de empreendimentos economicos e financeiros. E' intenção do Governo Japonéz intensificar e estimular as actividades legitimas o mais possivel.

A nossa politica é absolutamente contraria á emigração para paizes onde os nossos emigrantes sejam mal recebidos e temos um desejo consistente de auxiliar com capitaes e com braços as regiões pouco desenvolvidas, afim de promover desse modo o bem-estar e a prosperidade não só dos emigrantes e do Japão, mas tambem dos paizes, onde se estabelecerem os nossos compatriotas.

Não podia o estadista japonéz ser mais explicito, dando cabal resposta a alguns inimigos da immigração japoneza.

✧ A immigração dos japonezes para a America do Sul teve começo em 1899, quando os primeiros

individuos se localizaram no Perú. Hoje existem neste paiz mais ou menos 10.000 japonezes, trabalhando alguns na cidade e outros no campo. Na Argentina e Chile, e outros paizes da America do Sul, existem apenas 3.000 japonezes, em numeros redondos, não sendo as referidas Republicas preferidas pelo povo da grande potencia asiatica, o qual só emigra em condições especiaes.

De lá para cá pouco a pouco, mas de modo muito lento, os japonezes têm-se localizado em outros paizes e em especial no Brasil, onde existem actualmente mais ou menos 30.000 individuos, numero redondo.

✓ Como devemos encarar de modo geral a immigração japoneza? E' o que procuraremos evidenciar linhas a seguir.

* * *

Bem merece, não só pelo seu proprio valor e significado, como tambem pela alta autôridade do signatario, o Sr. R. Teixeira Mendes, chefe da Igreja Positivista Brasileira, ser divulgado o parecer, por elle dado em resposta aos que combatem a immigração, procurando o meio indirecto e mesquinho das restricções ou entradas prohibitivas.

Escreve o Sr. R. Teixeira Mendes :

Rio, 15 de agosto de 1921 — Exmo. Sr. Fidelis Reis — Camara dos Deputados. — Rio de Janeiro — Só agora podemos vir responder á vossa benevola, porém, dolorosissima carta, de 12 de agosto corrente, que encontrámos em casa, no mesmo dia,

às 6 $\frac{1}{2}$ da tarde, quando entrámos. Antes de tudo, devemos ponderar que somos um simples apóstolo da Humanidade, empiricamente surgido da propaganda inaugurada, em fins de 1878, pelo nosso inolvidavel amigo Miguel Lemos, quando elle estava ainda em Paris. E, a este proposito, cumpre lembrar o que disse Augusto Comte, em carta de 11 Shakspeare, de 64 (19 de setembro 1852), ao seu discipulo de Coppellen : “*Com bom senso e zelo, todo mundo póde se tornar apóstolo da Humanidade*”. (*Correspondencia inedita*, 1ª serie, p. 92). Tambem apenas tivemos de acceitar a *administração*, — e não a *direcção*, — da Igreja Positivista do Brasil, quando, pelo estado de sua saude, Miguel Lemos, fundador e director da referida igreja, considerou indispensavel transferir-nos cavalheirescamente tal *direcção*.

E', pois, como simples apóstolo da Humanidade, que vimos esforçar-nos por corresponder cordialmente á vossa benevolencia, transmittindo-vos os ensinamentos de Augusto Comte, vulgarizados, desde 1881, pela Igreja Positivista do Brasil, como verificareis pelas publicações que receberéis com esta carta.

Isto posto, cumpre notar que as opiniões são sempre inspiradas pelos sentimentos, tanto egoístas, como altruístas, aliás consciente ou inconscientemente. E ha questões, em que só se trata de sentir, não de *raciocinar*. Como os pendores egoístas são os mais energicos, estamos expostos a ser victimas continuamente de sua fatal energia. Porém, essa energia exaggerada não consegue alterar fundamentalmente a *ordem e o progresso*; só póde occasionar *perturbações* mais ou menos *crueis* e mais ou menos duradouras. A Humanidade nunca parou nem jamais recuou. O *homem se agita e a Humanidade o conduz*. Porque o simples facto da especie humana ser social já demonstra que os *pendores egoístas* se estão nella fundamentalmente subordinados aos *pendores altruístas*, como nas outras especies sociaveis. E essa subordinação *espontanea* do egoismo

ao altruismo é tanto mais satisfactoria, quanto mais desenvolvida é a organização *sympathica* da especie.

De facto, ha tres instinctos altruistas a saber: o *apego* ou amor entre os iguaes (que é o mais energico dos tres) e funda a familia; a *veneração* ou amor para com os superiores (que é o mais habitual na vida social) e estabelece as *tribus* ou *patrias*; e a *bondade* ou amor universal, *caridade* dos christãos (o menos energico e o mais eminente dos tres pendores *sympathicos*), que é o unico que, por seu ascendente, determina a formação do *Supremo Ente Collectivo*, de que a humanidade constitue o *typo* acabado, no nosso Planeta. De sorte que a subordinação espontanea do egoísmo ao altruismo tende a tornar-se tanto maior quanto mais a especie sociavel é dotada de bondade, e quanto mais a bondade se desenvolve nessa especie, mediante a subordinação do apego, para constituir a união, a unidade e a continuidade *sympathicas*.

Porém, a existencia collectiva e a evolução collectiva, estando fatalmente subordinadas ás condições do meio em que cada collectividade tem de viver, essa preponderancia espontanea da bondade na especie humana se patenteia por modos diversos. São esses modos que ocasionarão a formação das raças humanas, as quaes, segundo a *theoria de Blainville*, *constituem apenas variedade no typo humano, devidas ao meio, que se tornaram fixas, mesmo hereditariamente*, quando attingiram a sua maior intensidade, emquanto os diferentes nucleos da especie humana evoluíram, — tendendo todos, espontaneamente, a fornecer a Humanidade, sem contacto uns com os outros.

Segundo essa concepção, Augusto Comte mostrou que taes variedades, secundarias e transitorias, do *typo* fundamental da especie humana, que é unico (conforme o demonstra a possibilidade da reproducção biologica indefinida entre as diversas raças humanas), tendo resultado apenas do predominio relativo das tres partes fundamentaes do apparelho cerebral,

especulativa, activa e affectiva, só podiam ter determinado,— e só determinaram de facto, — tres raças. *Essas tres raças são: raça preta, quando o meio foi assás favoravel para não exigir grandes esforços da intelligencia e da actividade, afim de permittir o ascendente espontaneo habitual do altruismo, e especialmente da bondade; a raça amarella, quando as condições exteriores sollicitaram sobretudo o desenvolvimento da actividade industrial, para assegurar o predominio do altruismo e especialmente da bondade; a raça branca, quando o conjunto das circumstancias exteriores provocaram esforços consideraveis da intelligencia, afim de garantir o predominio do altruismo e especialmente da bondade. As reacções mutuas entre o cerebro e o corpo determinaram as demais differenças accessorias, que apresentam as tres raças humanas.*

« . . . Taes são, portanto, as nossas tres raças necessarias, das quaes cada uma é superior ás outras duas, ou em intelligencia, ou em actividade, ou em sentimento, como o confirma o conjunto das sãs observações. Esta apreciação final deve demovel-as de todo desdem mutuo e fazer-lhes igualmente comprehender a efficacia do seu concurso intimo, para acabar de construir o verdadeiro Grão Ser (a Humanidade). Augusto Comte, *Catecismo Positivista*, II conferencia. » (Traducção e notas de Miguel Lemos, 3ª ed., pags. 386 a 388.)

Cumpre agora notar que a intelligencia, sendo só o que é capaz de permittir que o animal conheça as condições que o dominam, e esse conhecimento sendo indispensavel para que a actividade se exerça efficazmente, conforme os desejos do animal, é claro que — quanto mais a intelligencia se desenvolve, — tanto recurso tem o altruismo para satisfazer os seus anhelos; mas, tambem, tanto mais recursos tem os pendoros egoistas para satisfazer as suas suggestões. E' isso que vemos nos povos occidentaes, nos quaes o desenvolvimento intellectual é só o que tem permittido realizar — durante as phases de transição anarchica, — as maiores monstruosidades que tem

flagellado e ainda flagellam a Humanidade; mas também foi só nesse núcleo que surgiram os maiores ideais morais, desde a monogamia, no regime greco-romano, tornada indissolúvel no regime catholico-feudal, e a viuvez eterna, até a utopia positivista da Virgem-Mãe, mediante a apreciação cada vez mais completa do typo feminino, levando, enfim, Augusto Comte a reconhecer e proclamar a superioridade social e moral da Mulher sobre o homem. Foi ainda nesse núcleo occidental, graças ao ascendente do altruismo, servido pelo maior desenvolvimento intellectual, que se tornou possível realizar, na Idade Média, sem uma só insurreição, a abolição da escravidão antiga.

Cumprir notar que, em consequência das invasões durante a primeira phase da Idade Média (séculos quinto, sexto e sétimo), a raça branca e a raça amarela se misturaram profundamente, como observa Augusto Comte.

«Este conflicto necessario (durante os séculos quinto, sexto e sétimo da Idade Média), que, pelas reacções cada vez mais vastas, *misturou profundamente a raça amarela á raça branca*, deve ser finalmente encarado como favoravel ao conjunto da transição affectiva (a phase medieval), que elle tornou mais facil, e mesmo, mais prompta tanto espiritualmente como temporalmente.»

(*Pol. Pos.* tomo III, pag. 460. Os gryphos e parentheses são desta traducção).

«Essa phase fundamental produziu, pois, no meio de uma apparente dissolução, *um melhor desenvolvimento* da occidentalidade, pelo conjunto dos contactos decisivos que contrahiram já todas as populações que permaneciam estranhas ao regime theocratico. Uma mistura, *na qual só faltou a raça preta*, tendeu cada vez mais a facilitar a concepção e secundar o advento do Grão-Ser (a Humanidade), manifestando a convergencia espontanea dos movimentos parciaes. . . » (*Ibidem*, pag. 417. Os gryphos e parentheses são desta traducção.)

Devemos, enfim, observar que o sexo feminino é o sexo mais bem dotado de altruísmo, é aquelle em que os pendores egoistas mais perturbadores possuem menos energia. Por outro lado, como o sexo feminino é, por sua natureza, *o mais dependente*, é nelle que os aperfeiçoamentos *moraes* e *sociaes*, bem como, — *intrinsecamente* — os aperfeiçoamentos intellectuaes praticos, mais e primeiro se manifestam. E, como é no sexo feminino que se concentra essencialmente a *reprodução* e a *educação* da especie, é nessa preponderancia espontanea do sexo feminino que reside a *fonte* do aperfeiçoamento continuo das especies sociaveis.

Porém, essa suprema função de *formar* os individuos, primeiro biologicamente, e, depois, social e moralmente, afasta *naturalmente* a mulher da actividade theorica, da actividade politica, e da actividade individual; por isso, os aperfeiçoamentos intellectuaes e praticos vão tendendo a concentrar-se no sexo masculino, isto é, a ter por *orgãos* os homens.

Além disso, quanto mais o nucleo social se desenvolve, tanto mais a *iniciativa* do surto dos pendores altruistas, e especialmente da *bondade*, bem como a *iniciativa* dos progressos intellectuaes e praticos, vão cabendo a um numero cada vez menor de individuos tanto femininos como masculinos; tendendo mesmo tal *iniciativa*, dos progressos decisivos, quer *moraes*, quer politicos, quer theoricos, quer industriaes a tornar-se *individual*. E' dessas individualidades, — resumo dos aperfeiçoamentos realizados pela especie, — que os progressos se estendem, — através de todas as perturbações egoistas e cegas dos contemporaneos, *durante as transições anarchicas*, ás gerações que constituem a posteridade.

Creemos que as reflexões precedentes bastam para mostrar-vos todo o horror que se encerra no projecto que occasionou a vossa benevola, porém dolorosissima carta. Semelhante projecto constitue, na realidade, uma crudelissima manifestação das devastações moraes e politicas e das observações theoricas que teem

dilacerado a Humanidade, desde os fins do decimo terceiro seculo, em consequencia da fatal dissolução determinada pelo esgotamento irrevogavel da fé theologica e a anarchica elaboração de fé scientifica, que devia succeder-lhe.

Semelhante monstruosidade resulta dos mesmos penhores egoistas e da mesma anarchia religiosa que tornaram possivel o crime occidental da escravização da raça preta e da destruição dos aborigenes do continente de Colombo, e que hoje tornam possiveis todas as crueldades do militarismo qualificado de politica colonial, e todas as abominações da tyrannia materialista, sob o pretexto da hygiene publica...

O que define o regimen republicano é o sentimento da fraternidade universal, isto é, da bondade, acima de todas as divergencias intellectuaes e de todos os preconceitos inspirados pela cobiça, pelo orgulho e pela vaidade. E' isso que reconhece explicitamente a Constituição Federal, proclamando que ella é dominada pelo *regimen républicano*.

De facto, a republica foi fundada, no povo brasileiro, a 15 de Novembro de 1889, e não a 24 de Fevereiro de 1891, um anno depois, e quando uma morte prematura já tinha arrebatado Benjamin Constant, que fôra salvo, na sua meninice, por uma preta da fazenda em que estava a sua familia, tirando-o do ribeirão em que elle se lançara acabrunhado pela morte de seu pai. (*Esboço Biographico*, pag. 23, 2ª edição.)

O que é o povo brasileiro sinão o resultado da fusão das raças humanas, inclusive essa raça preta, martyr eterna do seu incomparavel altruismo! Si houvesse um governo, ou um povo, que pretendesse expulsar os pretos da terra em que se acham: — nós brasileiros, por *gratidão filial* para com os nossos antepassados da raça preta, e por *fraternidade* para com os nossos concidadãos da raça preta, bem como para *expiar o crime occidental* dos nossos antepassados, presumidos brancos, e por dedicação á nossa posteridade, tinhamos o dever

inilludível de acolher esses novos martyres pretos, de offerer-lhes o nosso cordial agasalho.

Semelhante projecto não podia siquer ter sido acceto pelo Presidente da Camara dos Deputados; nem essa Camara poderia ter julgado objecto de deliberação tal monstruosidade; porque se trata de um projecto *deshumano*, e tudo que é *deshumano* constitue um ataque directo ao regimen republicano, e é, portanto, *inconstitucional*, na Republica fundada por Benjamin Constant, segundo as tradições da Revolução Franceza.

Lembraiv-os da sessão da *Convenção*, a 16 de Pluvioso do anno II (4 de Fevereiro de 1794), e que foi abolida a escravidão nas colonias francezas. Essa sessão acha-se reproduzida nas publicações n. 280 e n. 280 A, da Igreja Positiva do Brasil, e que recebereis com esta carta.

.....

« *Lacroix* (d'Eure-et-Soir). — Trabalhando na constituição do povo francez, não tinhamos lançado os nossos olhares sobre os desgraçados negros. A posteridade terá uma grande censura a fazer-nos por esse lado. Reparemos essa culpa... Proclamemos a liberdade dos negros... *Presidente, não consintas que a Convenção se deshonre por uma discussão.*

« *A Assembléa levanta-se por aclamação.* »

« O presidente pronuncia a abolição da escravidão em meio dos applausos e dos gritos mil vezes repetidos de: *Viva a Republica! Viva a Convenção! Viva a Montanha!* »

.....

E, na Republica Brasileira, — quasi um seculo depois que José Bonifacio, o velho patriarcha da Independencia, proclamou, no seu projecto da abolição da escravidão, o principio: *a sã politica é filha da moral e da razão*; cerca de uma geração depois que uma assembléa imperialista, eivada de sentimentos escravocratas, *declarou extinta a escravidão no Brasil*, cerca de uma geração depois que Benjamin Constant fundou a Republica, segundo as tradições da *fraternidade universal*, inau-

guradas pela Revolução Franceza, ha uma camara de deputados que acceta como objecto de deliberação um projecto, que é o *mais monstruoso* ataque á fraternidade universal; o mais monstruoso ataque, portanto, á moral e á razão ! . . . Um projecto que constitue a *mais monstruosa ingratição* para com os nossos antepassados da raça preta, a *raça affectiva por excellencia*, a cujo sublime altruismo, mesmo os que *phantasticamente* se acreditam *mais brancos devem* os carinhosos desvelos, essa educação espontanea e primitiva, a mais decisiva de todas que o epitheto de *Mãe-Preta* caracterizará para sempre ! . . .

As mesmas reflexões se oppõem a que se desconheça a *fraternidade universal* para com a *raça amarella*, como em relação a quaesquer povos suppostos da *raça branca*. Foi isso que ficou patente em uma das primeiras intervenções da Igreja Positivista do Brasil, quando denunciámos ao Governo da China os sinistros projectos dos escravocratas, que tentaram uma emigração chinesa, no tempo do Imperio.

Paraphraseando a exclamação de Danton, só *carecemos de Amor, mais Amor, e sempre Amor!* para superar actualmente todas as difficuldades e todas as angustias do nosso tormentoso presente.

Dominados pela *fraternidade universal*, isto é, como *republicanos*, é nosso dever de lealdade não seduzir povo algum, seja de que raça for, a deixar a região da Terra em que se achar, afim de vir para o Brasil. Não temos, pois, que promover ou facilitar *colonização* ou *emigração de especie alguma*. Pelo contrario: devemos expôr com *fraternal sinceridade* a difficil situação politica e moral do povo brasileiro, a todos os povos, afim de evitar as explorações industrialistas a que a fatal anarchia moderna — sempre crescente desde os fins do decimo terceiro seculo, — expõe o proletariado, por toda parte.

Porém, cumpre-nos acolher *fraternalmente, cordialmente*, quem procurar, no Brasil um asylo que pensou não poder en-

contrar na terra de suas mães. *Só não devemos acceitar os réos de crimes communs.*

Quanto aos povos orientaes, especialmente os chinezes e japonezes, só temos o dever de expôr-lhes *fraternalmente, com a mais escrupulosa lealdade*, as diferenças entre o *estado da sua civilização* e a *situação de anarchia religiosa* em que se acham os povos occidentaes, e, portanto, em que se acha o povo brasileiro, afim de patentear-lhes os perigos a que se expõe, deixando o seu paiz. Entre esses perigos, cumpre mencionar a possibilidade de contribuir, *na melhor boa fé*, para aggravar a sua sorte, concorrendo para os desvarios dos occidentaes. Dados esses esclarecimentos aos governos e aos povos, só nos resta receber *fraternalmente* os que vierem por sua livre vontade buscar no Brasil a satisfação de suas aspirações pessoaes, domesticas, civicas ou religiosas. *Sou homem, e nada humano existe que repute alheio a mim*, conforme proclamou a sociabilidade romana; eis o principio que o regimen republicano moderno se propõe a realizar, graças á *supremacia da fraternidade universal*, inspirando a intelligencia e impulsionando a actividade. Isso e só isso está realmente ao nosso alcance, em meio da fatal anarchia em que se debate o occidente desde os fins do decimo terceiro seculo, conforme o proclamou Dante:

... não ha na terra quem governe
Eis por que se extravia a familia humana

(*Paraiso*, Canto xxvii.)

Ora, essa anarchia religiosa, isto é, moral e politica, resultando da ausencia da acceitação de uma doutrina universal, não pôde ser superada sinão pela livre concorrência de todas as doutrinas, mediante o escrupuloso respeito á liberdade humana, segundo os impulsos de uma sincera *fraternidade universal*. Esse sentimento excluiu, desde logo, todo o recurso á violencia, quer entre os individuos, quer entre as familias, entre as classes, entre as patrias, entre os povos, entre as raças.

A tudo e a todos domina a qualidade de pertencer-se á Humanidade, á qual se acham subordinadas fatalmente as patrias, e as familias, como os individuos. O homem se agita, e a Humanidade o conduz; eis a lei suprema que resulta de *serem os vivos sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos*, por isso mesmo que *não ha, na vida, irrevogavel sinão a morte*.

Creemos que as publicações, quasi todas da Igreja Positivista, que acompanham esta carta, bastarão para melhor esclarecer-vos sobre esses ensinos de Augusto Comte.

Todo vosso, no Amor, na fé, e no serviço da Humanidade.
— *R. Teixeira Mendes*, 120, Rua Benjamin Constant (sobrado).

Insistimos nesta citação com grande prazer, principalmente porque temos lido o nome do Sr. R. Teixeira Mendes citado como contrario á immigração japoneza, como acontece em um passo do livro do Dr. Nestor Ascoli, no estudo sobre a localização dos japonezes na baixada do Estado do Rio de Janeiro (pag. 62).

* * *

No parecer acima citado do eminente director intellectual de grande numero de brasileiros, fala o coração, enquanto no do illustrado jurisconsulto, consultor geral do Ministerio das Relações Exteriores e autor do projecto do nosso Codigo Civil, Dr. Clovis Bevilaqua, transparece grande patriotismo e sentimentos fortes e sãos.

Rio, 17 de outubro de 1921 — Exmo. Sr. Dr. Fidelis Reis. Saudações cordiaes. Quiz V. Ex. dar-me a honra de ouvir minha opinião a respeito do projecto apresentado á Camara dos Srs. Deputados, no intuito de impedir a entrada, em nosso paiz, de immigrants norte-americanos de côr preta.

Minha opinião é que, si o projecto não fere a letra da Constituição é injusto, e contraria tanto as tradições liberaes de que, com justiça, nos ufanamos e devemos manter, quanto os sentimentos humanos de fraternidade e benevolencia, que urge fomentar e salvar da crise aguda que ameaça subvertel-os.

A constitucionalidade do projecto, neste ponto, não offerece duvida.

É certo que o art. 72, § 10, da Constituição assegura “a qualquer” o direito de entrar no territorio nacional, em tempo de paz, “quando e como lhe convier”. Mas essa garantia é concedida aos nacionaes e “aos estrangeiros residentes no paiz”. Os immigrants ainda não residem no Brasil: portanto não podem invocar a protecção que a lei offerece aos que, se achando no paiz, delle se afastaram temporariamente.

Mas é injusto o projecto, porque abre excepção odiosa contra individuos que não merecem esse tratamento.

A raça negra, que Augusto Comte chamou affectiva, não pôde ser o elemento perversor que justifique essa interdição. Si á sua conta imputam actos criminosos, não serão nem mais frequentes nem mais graves do que os commettidos pelos brancos, e muitos desses actos resultam da situação de proscriptos do meio social, onde se encontram.

Depois, como observa Oliveira Lima, não é de recear que venham esses immigrants de côr em massa tão grande que, difficilmente, possam ser assimilados, ou que perturbem a evolução normal do nosso typo ethnico.

E, quanto aos predicados intellectuaes, não podemos desconfiar que sejam negativos os da raça negra, nós que em nossa litteratura, como na politica e nas artes, temos tido individualidades superiores, cuja epiderme estava a denunciar ascendencia africana. Caldas Barbosa, Gonçalves Dias, mestre Valentim, Rebouças, Tobias Barreto, Patrocínio, Cruz e Sousa, e tantos outros, não eram arianos sem mescla.

O sabio anthropologiata brasileiro, Dr. João Baptista de Lacerda, em memoria remettida ao Primeiro Congresso Universal das Raças, salientou a cooperação valiosa dos mestiços no engrandecimento do Brasil. Nesse Congresso, onde se procurou discutir “á luz da sciencia e da consciencia” o problema das raças, ha documentos muito instructivos da injustiça que as raças, que se pretendem superiores, fazem ás que ellas classificam de inferiores. Afasto-me, porém, desse terreno, e quero apenas consignar a opinião de John Gray, deduzida de interessantes dados estatisticos. Estabelecendo elle que a posição intellectual depende em parte da capacidade natural, e, em parte, da oportunidade para o cultivo, reconhece que o negro, na Africa, não se mostrava capaz de ir além de uma educação elementar, porém, grandes exitos se teem obtido com a educação industrial do preto tanto na propria Africa, quanto na America.

As nossas tradições liberaes foram uma vez traduzidas, com muito sentimento e verdade, pelo Barão do Rio Branco, ao falar a congressistas estrangeiros aqui reunidos: “Elles dirão, sem duvida, que viram uma bella terra, habitada por um bom povo; terra generosa e farta, povo laborioso e manso, como as colmeias, em que sobra o mel”. Mantenhamos as linhas desse quadro. Continuemos a ser uma democracia aberta a todas as actividades honestas, um povo generoso e hospitaleiro, que a todos recebe de semblante alegre.

Si o immigrante é criminoso ou portador de algum virus, fechemo-lhe a porta, porque o nosso paiz não é presidio nem

hospital. Mas por ter escuro pigmento, que lhe dá côr á pelle, não o consideremos um reprobó.

Afastemos de nossas vistas as nuvens sombrias de prevenções odiosas, que se teem accumulado sobre a humanidade e que a grande guerra tornou ainda mais densas. Estimulemos, de preferencia, os sentimentos de concordia, a cooperação cordial de todos, que sobre essas columnas é que repouisa o progresso moral.

Com essa orientação, bem vê o meu illustre patricio que não posso dar a minha adhesão ás idéas do projecto.

Aqui termino, lamentando não ter podido trazer, para a solução do caso, as luzes que o meu illustre patricio, influenciado por uma illusão que me desvanece, esperava do meu senso juridico e da minha experiencia. Ouso acreditar, entretanto que, apesar da decepção, continuará a me conceder a sua honrosa estima. — *Clovis Bevilaqua.*

* * *

Por outro lado, não devemos silenciar sobre o parecer do illustrado Professor Afranio Peixoto. Na sua simplicidade e em termos incisivos colloca o Professor Afranio Peixoto a questão nos seus verdadeiros termos, fazendo apenas restricções no que respeita a entrada em massa dos quinze milhões de negros americanos, restricções certamente de ordem esthetica e politica, dada a alta educação philosophica do erudito professor de Hygiene da Faculdade de Medicina.

Rio, 4 de novembro de 1921 — Exmo. patricio e amigo Sr. Dr. Fidelis Reis — Não recebi a carta, a que allude V. Ex. na resposta que deu ao meu agradecimento á dadiva de seu livro. Apenas, o meu amigo Sr. Dr. Andrade Bezerra, em tempo, me avisara que teria escripto, pedindo-me a opinião sobre o projecto, de que teria V. Ex. de dar parecer. Minha opinião é desvaliosa; comtudo, para não parecer exaggerada a esquivança, aqui a manifesto, com brevidade, para não prolongar ainda mais a espectativa amavel de V. Ex.; ella está, aliás, publicada em varios de meus livros, mas não me custa resumil-a.

A raça é uma adaptação ao meio : é, pois, realidade, não immutavel, sinão transitoria.

Fixada, outr'ora, pela segregação de povos no seu "habitat" primitivo, a intercommunição civilizada irá desfazendo lentamente esses seus caracteres, ou apressadamente os misturando, na mestiçagem; a "homogenização humana" será, por isso, um remoto, mas inevitavel futuro.

São descabidos, pois, em these, os preconceitos de raça. Não ha raças "eleitas", ou "finas", "senhoras", e raças "barbaras", "grosseiras", "escravas", assim fadadas por Deus ou pela Natureza: essa loucura humana, que Gumpłowic chamou "ethnocentria", é, em tudo, comparavel ao delirio de grandezas, de onde, depois, o de perseguição dos individuos e que os leva ao hospicio, com o nome de "paranoia"; aos povos leva-os á guerra de supremacia, dominio, conquista, de que é cheia a historia universal.

O que existe, não biologicamente, mas historicamente, sociologicamente, são as raças incultas e raças civilizadas, civilização apenas technica e não moral, mas civilização, a que possuímos.

No que nos importa, aos nossos componentes, os negros africanos são superiores, sociologicamente, aos nossos selvagens, mas muito inferiores, os dous, aos brancos dominadores ; por

isso mesmo lhe devemos, áquelles, bom prato, educação, civilização. Emquanto isso, e até lá, soffrerá a nacionalidade com essa longa adaptação de seres inferiores ao ambiente a que são trabalhosamentê chamados, e que não passam, por isso, de perturbar, na sua evolução. As sub-raças originadas do contacto são inferiores, na immensa maioria dos individuos, aos seus componentes. As proclamadas excepções individuaes ajudam á regra, e são julgadas com benevolencia. Si nos espanta, e admiramos, com fervor, o talento de alguns dos nossos mestiços celebres, elle não veio sem nevropathia, e é caso para espanto e admiração. . . nessa maravilha, a raça superior dissimula a sua ironia ; tambem nas crianças louvamos, com excesso, as graças imprevistas.

A regra é, porém, que a mestiçagem é infeliz, sobretudo como mentalidade — crysallidas que ainda não são borboletas, e desesperam de ainda serem larvas. . .

Muitos dos nossos males nacionaes vêm dahi ; a escravidão, abolida civilmente em 88, continuará por alguns seculos nos nossos costumes, porque está no nosso sangue. . . Trezentos annos talvez levaremos para mudar de alma e alvejar a pelle, e, si não brancos, ao menos disfarçados, perdermos o character mestiço. Já purgamos outros tantos annos.

E' neste momento que a America pretende desembaraçar-se do seu nucleo de 15 milhões de negros no Brasil. . . Quantos seculos serão precisos para depurar-se todo esse mascavo humano ? Teremos albumina bastante para refinar toda essa escoria ? Quanto tempo ainda para a redempção de Cham ? Não bastou a Siberia. Descobriram o Brasil! . . .

Pois bem ! Ainda com as armas na mão, não, não e não ! Deus nos acuda, si é brasileiro !

Releve-me V. Ex. a franqueza, a quem só este merito póde ter. De V. Ex. menor criado e admirador. — *Afranio Peixoto.*

* * *

∨ A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, com a innegavel autoridade e a alta responsabilidade que tem no assumpto, ante a consulta sobre o referido problema immigratorio, manifestou-se, em 20 de Dezembro de 1923, inteiramente ccontraria a qualquer restricção tendente a impedir a entrada no Brasil de algumas variantes ethnicas.

Relatado o assumpto e dado o parecer pelo General José Maria Moreira Guimarães, ex-addido militar do Brasil no Japão, foi o mesmo unanimemente approvedo pelo Conselho Director da referida Sociedade. São do brilhante parecer as linhas a seguir:

Aqui não dissente o Conselho Director a chamada questão das raças que têm de ver com o sólo e clima. Mas desde já declara que lhe merece condemnação o preconceito de raça ou a superioridade ou inferioridade dos individuos pela simples côr de sua pelle. E nem por esta côr, nem pela dos olhos, nem pela fórmula do craneo. Além de que a velha noção de ordem cosmologica se está substituindo pela concepção das raças historicas, tanto se estrelaçam e se caldeiam as populações do planeta.

E se o Conselho Director condemna o preconceito de raça, nada assegurando pela côr da pelle ou pela côr dos olhos ou pela propria fórmula do craneo, no tocante á pretendida superioridade ou inferioridade das criaturas — claro está que o mesmo Conselho Director não ha de aconselhar a prohibição, em o nosso territorio, da immigração preta, por ser preta. Como raça, todos os individuos lhe inspiram sympathia. Entretanto, pretos ou brancos, amarellos ou vermelhos, podem os seres

humanos consubstanciar nos seus grupos ethnicos idéas e sentimentos de todo ponto condemnados, ou inteiramente prejudiciaes á estructura moral da nacionalidade brasileira. Pois bem, em tal caso acredita o Conselho Director se deve munir o Poder Publico ou o Governo das providencias politicas indispensaveis a prohibir, no Brasil, a immigração desses maus elementos. Mas não é a prohibição por serem esses mesmo maus elementos pretos ou brancos, amarellos ou vermelhos.

E se não reprôva a immigração pelo só criterio da raça, não julga o Conselho Director que é de bom aviso a limitação concernente aos amarellos. Não se justifica essa limitação. Seria inconveniente e odiosa. Se não se restringe a immigração desse ou daquelle povo, como reduzir “a 5 % sobre a existente” a immigração da conhecida raça amarella, onde se depara uma das populações mas ordeiras, mais intelligentes, mais operosas, qual é a japoneza ?

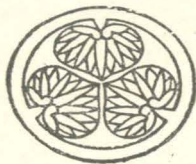
Não permite nenhuma duvida o preceito constitucional do art. 72, § 10, da lei das leis da Republica: “Em tempo de paz qualquer póde entrar no territorio nacional ou delle sair etc.”. Isto é, está fóra de contestação a constitucionalidade da immigração. E se a Lei de 24 de Fevereiro de 1891 não admite exclusões, nem mesmo nenhuma restricção, como excluir o preto por ser preto e restringir a 5 % o amarello por ser amarello.

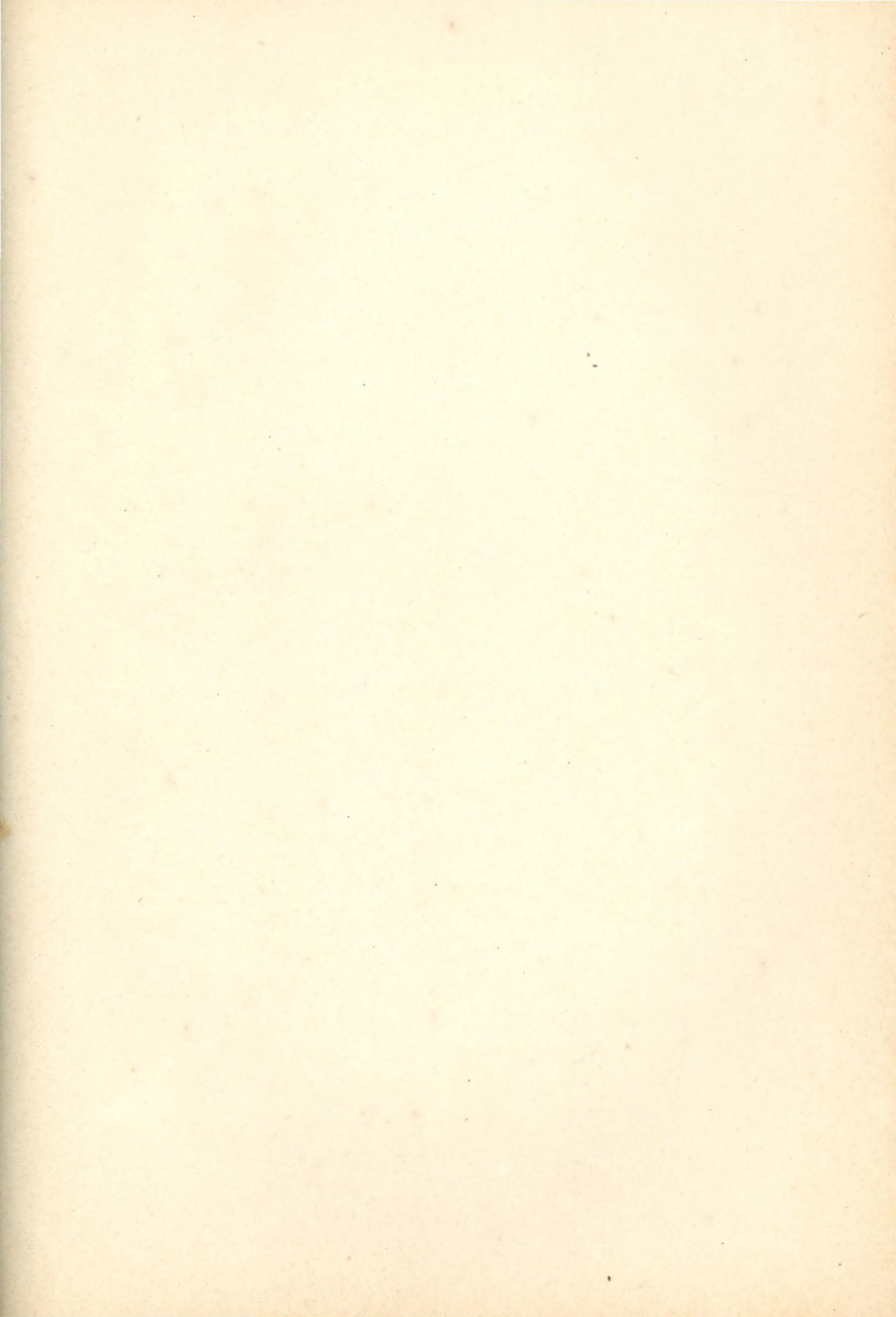
Bem clara e definida ficou a opinião da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro sobre o importante problema immigratorio.

* * *

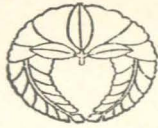
Do que foi dito e realçado resulta a nossa convicção das grandes vantagens que podem advir para

o futuro de nossa patria com a collaboração efficiente dos japonezes que para aqui vierem. E se outras razões não existirem, razões e fundamentos, encontrados no alto valor physico e moral desse povo falam bem alto a favor de nossa convicção, avivada, ao terminar, a lembrança de que o meio brasileiro fará com o tempo o que os homens não podem facilmente obter. ✓





VIDA E ACTUAÇÃO DOS JAPONEZES NO
MEIO BRASILEIRO



VIDA E ACTUAÇÃO DOS JAPONEZES NO MEIO BRASILEIRO

No Brasil, dada a sua constituição geologica, a flora e a fauna são forçosamente de immigração. Passando em revista, cuidadosamente, os animaes, que aqui vivem, levando em conta ser as suas formas modernas e accentuando existir antepassados, a elles evidentemente ligados, fóra do Continente Americano, forçoso é concluir pela origem emigratoria. O homem, o genero humano, está fatalmente incluído nesta conclusão de ordem geral.

Acontece que os primeiros navegadores, que aportaram á America, já na encontraram povoada. No que respeita ao Brasil, quer ao norte, na grande bacia do Rio Amazonas, quer por toda a extensa costa, tribus de indios foram sempre encontradas, o que demonstra que de ha muito o homem aqui vivia.

Não nos compete dizer em minucia de que raça fazem parte os indios brasileiros, pois os autores são unanimes em admittil-os como pertencentes á raça

amarello-mongolica. Para encurtar razões, diremos que é este o modo de encaral-os officialmente pela maior autoridade em assumptos de anthropologia reunida á maior gradação nesta sciencia em nosso paiz, Roquette Pinto. E, se debaixo do ponto scientifico assim é, sob o ponto de vista pratico, a situação não é differente, pois tudo nos leva a crer que razão de sobra assiste aos que assim pensam. Vendo os nossos indios e caboclos do Amazonas, os japonezes pensam que são seus patricios, emquanto, por outro lado, alguns dos nossos habitantes do extremo norte do Brasil illudem-se com elles e pensam que são da terra.

Se não fosse por todos admittida a origem amarella dos nossos indios, cujo sangue tanto orgulho dá aos que o possuem, se pertencem á outra raça, seremos obrigados a deduzir, conhecida e proclamada a acção do meio na determinação dos caracteres raciaes, que o meio brasileiro, a natureza de nossa patria, reduz a especie humana a esse typo. E, então, seriamos obrigados tambem a inferir que, para esta zona do planeta, os individuos, que apresentarem esse typo, são os que mais nos convêm, pois já revelam es caracteres morpho-biologicos capazes de resistir ás condições inhospitas dos tropicos e subtropicos.

Os indios brasileiros, que pertencem á raça amarella, conhecidas as principaes fontes, de que a mesma se constituiu, como vieram ter ao nosso continente? O assumpto é delicado e pede por si só cuidados e precauções especiaes. Quem sabe, todavia,

se os mesmos não emigraram do Japão ou não pertencem á mesma origem proxima dos ancestraes dos japonezes?

A. Childe, cuja dedicação a estes estudos e alta erudição não nos cançaremos de proclamar, escreveu:

Da Asia á America, pelo Territorio de Alaska, tambem era possivel a passagem. Gidley e Clark, pela presença de *Elephas primigenius* nos dois continentes e pela distribuição das especies animaes, concluem pela existencia daquella união terrestre no começo da época quaternaria.

Ignoramos tudo por enquanto da historia do Extremo Oriente naquellas épocas remotas; é impossivel, portanto, saber se revoluções politicas, se incursões, ou se a invasão dos gelos nas regiões siberianas teriam obrigado os asiaticos a tomar este caminho. E' admissivel mesmo que a invasão glacial, sendo progressiva do eixo atlantico para ambos os lados, parte dos povos atlantos tenha atravessado toda a região canadense e passado a Asia Septentrional, antes que os gelos cobrissem a passagem e preparassem o Estreito de Bhering.

Um tal facto podia ter-se dado nos intervallos de glaciação em todo o caso anteriormente ao desmoronamento da Atlantida, que geologicamente é facto recente.

No trabalho de A. Childe sobre a *Archeologia Classica e Americanismo*, de que extrahimos as linhas acima, encontra-se tambem reproduzido o mappa por nós repetido da expedição ao Fu-Sang pelos monges buddhistas da China.

De um modo ou doutro, por terra ou por mar, aqui aportaram individuos de raça amarella, dos quaes se originaram os nossos indios. Por estes ti-

que retorquiu, com vivacidade, Custodio de Mello, causando grande alegria ao Imperador, “que ficava o Brasil tão longe para os japonezes como o Japão para os brasileiros”.

E o conselho foi seguido, naturalmente precedido pelo envio de representantes diplomaticos, os quaes foram auxiliados por japonezes, que aqui aportaram e se dedicaram á industria e ao commercio.

Após os navios de guerra, têm vindo, em periodos regulares e em viagens systematizadas, navios mercantes, e com estes ficou definitivamente lançada a collaboração dos japonezes no desenvolvimento de nosso paiz, pois numerosos foram os emigrantes que, aqui aportando, aqui se têm fixado, espalhando-se pelos Estados de São Paulo, Minas, Matto Grosso, Paraná, Amazonas e em outras regiões.

De lá para cá, ganha o Brasil com a collaboração de um povo forte e bom, de altos ideaes artisticos, sensibilidade affectiva e character firme. Povo nobre e delicado, comparavel, pelas suas qualidades e virtudes, aos mais adiantados do Occidente Europeu.

* * *

O problema immigratorio japonéz, nas suas relações com o Brasil, prende-se á acção do ambiente sobre os novos habitantes, á sua actuação no meio em que passem a viver e ao natural cruzamento entre os japonezes e os elementos ethnicos existentes no paiz, principalmente, com o typo ou typos raciaes

brasileiros, já francamente esboçados ao Norte, Nordeste, Centro e Sul de nossa patria.

Veremos, a seguir, as condições do meio brasileiro, o proceder dos japonezes em nosso paiz e as possibilidades e consequencias do cruzamento, procurando, da exposição que fazemos, fundamentar os nossos conceitos favoraveis á localização dos nippons no territorio brasileiro.

* * *

O factor mesologico brasileiro apresenta características interessantes e que devem ser levadas em muita conta ao estudarmos a fixação do japonês, pois o "habitat" brasileiro é profundamente variavel, dada a nossa extensão territorial, ainda accrescida das diferenças oriundas da orographia, potamographia, constituição geologica, diversas altitudes, regimes dos ventos, elementos estes capazes de determinarem em suas combinações climas diferentes.

Situado entre 5°-10' de altitude N e 33°-45' de altitude S, temos, no Brasil, clima vario, mas sem oscillações extremas. Não se verifica aqui nem o frio intenso nem o calor secco abrasador, pois a acção dos mares sobre o ambiente o torna mais frio, graças ás correntes polares e ao menor calor especifico das aguas, inferior de dois ou tres graus ao verificado nas terras da mesma latitude e mais humido pela constante evaporação das extensas superficies marinhas, que constituem o nosso riquissimo systema hydrographico.

Necessario torna-se em observações e ensaios successivos verificar qual é a zona do Brasil que mais convém á prompta acclimatação dos japonezes. E' bem de ver que differenças muito grandes existem entre a grande bacia do Amazonas, a zona do nordeste brasileiro, o planalto central, a orla da costa e o sul de nossa patria, para que, de momento, se diga das suas condições mesologicas nas relações com a localização de dado typo racial humano. Dia virá que todas essas condições serão perfeitamente conhecidas.

* * *

O meio representa factor da maxima importancia, elemento verdadeiramente fundamental na constituição dos diversos typos raciaes da especie humana. Não ha que negar, mas forçoso se torna confessar que o cruzamento de individuos pertencentes a typos raciaes differentes representa tambem elemento de grande valia no que respeita á obtenção, em poucas gerações, de producto homogeneo nos seus caracteres morpho-biologicos.

Não existindo entre os japonezes preconceitos de raça e sendo os mesmos recebidos no Brasil com a hospitalidade peculiar aos nossos sentimentos elevados, numerosos serão os cruzamentos. Conhecemos e temos em observação grande numero de casaes constituídos de japonezes e brasileiras, com prole numerosa, forte, sadia e verdadeiramente interessante no que respeita aos caracteres do producto

obtido pelo cruzamento, tendo, tambem, em estudos outros casaes, formados de brasileiros e japonezas, com resultados similhantes.

Ha seis annos que, pacientemente, acompanhamos, reunindo documentação, paes e filhos em pesquisas cuidadosas, sobretudo referente á evolução do producto do cruzamento, auxiliados pela Professora Noemia Salles, cuja competencia e preparo tecnico, a par de sua grande paciencia, representam contingente seguro para a colheita de elementos de valor, destinados á discussão de similhante these. Ao lado de outras observações, têm sido levantadas fichas anthropometricas do modelo adoptado no Museu Nacional de Historia Natural, documentação esta systematica, de maneira que bem se possa acompanhar, pela sua rectificação periodica, o desenvolvimento dos pequenos brasileiros, meio-sangue japonez.

Meninas e meninos, bem equilibrados, sob o aspecto morpho-biologico, deixam claro perceber a robustez que terão quando adultos, com elegancia e agilidade accentuadas, a par de indiscutivel belleza physica.

Vendo e observando alguns productos do cruzamento, que já passaram da primeira decade, estudando-os e com elles convivendo ha mais de cinc annos, do que temos assistido e inferido resta-nos a convicção de que em nada ficaram devendo aos paes relativamente á perfeição physica e aos dotes de intelligencia.

Comparando-os com crianças brasileiras, que possuem ancestraes estrangeiros já muito afastados, portante, pertencendo a um dos typos nacionaes, soffrem sem desvantagem o paralelo.



Quatro meninas, filhas de japonez com brasileira, tendo ficado em casa a quinta...

A presente photographia é de quatro meninas, todas irmãs, filhas de japonez e brasileira. A quinta, que certamente não será a ultima, ficou em casa, com tres mezes de idade.

Estas crianças contam 5, 8, 10 e 12 annos.

Infelizmente, a immigração japoneza, sendo recente, ainda esse meio-sangue, já relativamente numeroso, não entrou ainda sequer no periodo da puberdade, difficultando, por emquanto, conclusões definitivas, excepto aquellas que a previsão dos naturalistas pôde estabelecer.

Continuaremos nossas pesquisas e observações, afim de que, periodicamente, possamos communicar ás sociedades sabias os nossos resultados. E' de nosso conhecimento que outros scientistas brasileiros se preocupam com o mesmo assumpto, de maneira que, tempo ao tempo, farta será a documentação e seguras as deducções.

O sangue mongolico, que incontestavelmente existe no Brasil pelos seus indios e os descendentes destes por mestiçagem, não vexa os que o possuem por herança.

João de Faria, relatando na Camara Federal um projecto sobre a immigração, teve oportunidade de expressar-se, ao referir-se aos nossos indios, que são amarellos ou mongolicos, nos seguintes termos:

« Se é certo que a passagem, muitas vezes secular, dos pretos, no Brasil, havia de deixar lembranças tristes, tambem é fóra de duvida que o nosso contacto com os selvicolas só deixou traços de justo orgulho. Do seu cruzamento com os portuguezes resultou aquella formidavel raça dos Bandeirantes, a quem o Brasil deve a vastidão do seu territorio. Os mestiços

desse cruzamento nunca tiveram pejo de apontar quaes eram os seus antecedentes: o mesmo não se dava com os descendentes da raça preta. Familias das mais distinctas e nobres dos nossos meios cultos conservaram do seu nome o appellido indigena, reputando isso motivo até de patriotico nacionalismo. »

Não pensamos com João de Faria no que respeita á raça negra, pois não admittimos preconceitos de raça; desejamos, porém, collocar em realce o seu modo de pensar no que se refere aos nossos indios, cujas ligações raciaes com os amarellos é hoje fóra de duvida. De futuro, existirá, tambem, nos mestiços de japonezes e brasileiros o mesmo sentimento de justo orgulho ancestral.

* * *

Muito se tem escripto, publicado e dito sobre os mestiços em geral, sendo as opiniões as mais diversas no que respeita a seu valor e coefficiente util para a humanidade. Pensamos, e convém que fique registado, logo no inicio destas considerações, todo o nosso entusiasmo por grande numero de mestiços, que honram qualquer raça.

João Baptista de Lacerda, apreciando a formação dos mestiços no Brasil, faz notar que “sobre a influencia de factores, cuja natureza nos escapam, as qualidades intellectuaes attingem muitas vezes, nos productos de cruzamento entre o branco e o negro, um grau de superioridade, cuja explicação não

se encontra na hereditariedade nem afastada nem immediata. Uma força obscura, desconhecida faz florescer nelles intelligencia capaz de attingir certo desenvolvimento, que não é apanagio de nenhum ancestral.

E' commum, com effeito, ver nascer de uma negra, das mais incultas, cruzando com um branco dotado de mediocre intelligencia, producto possuidor de altas qualidades intellectuaes, como se um dos effeitos da mestiçagem na especie humana seja precisamente apurar a intelligencia, sem elevar, contudo, o sentimento, nem as qualidades moraes e affectivas das duas raças cruzadas”.

Diz ainda o mesmo autor que “ninguem pôde negar sua intelligencia viva, suas tendencias literarias e scientificas, nem a capacidade politica. No Brasil, os mestiços deram até hoje poetas de grande inspiração, pintores, esculptores, musicos distinctos, magistrados, jurisconsultos, oradores eloquentes, literatos notaveis, medicos e engenheiros acima do commum, graças ás suas aptitudes technicas e capacidade profissional”.

Termina o ex-Director do Museu Nacional de Historia Natural dizendo, á guiza de conclusões, que “no Brasil, os mestiços têm ajudado a acção dos brancos no progresso do paiz e têm conseguido elevar-se ás mais altas posições na administração e na politica”.

Alguns autores vivem a dizer e a repetir que os mestiços são inferiores em actividade, valor in-

tellectual e moral. Não pensando todos deste modo, prolongam-se a contradicção e a polemica. Seria interessante applicar, uma vez por todas, as rigorosas e precisas observações biometricas ao caso da constituição das elites, afim de que se verificasse, pela observação cuidadosa e fundamentada, se o numero de homens superiores, constituido por mestiços, é superior ao fornecido pelos typos raciaes puros.

* * *

† O Serviço do Povoamento do Solo do Ministerio da Agricultura declara, fundamentado em estatisticas officiaes, terem entrado no Brasil, de 1908 a 1922, 31.371 japonezes, sendo que, actualmente, o agrupamento mais numeroso de nippons na dependencia do referido serviço é em Monção, Estado de São Paulo, onde existiam 123 familias, no total de 494 individuos.

Na zona entre a Ribeira e o Rio Jacupiranga foi entregue á Companhia Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, pelo Governo do Estado de São Paulo, uma área de 93.335.641 metros quadrados de terras devolutas, em 8 de agosto de 1916, e no Districto de Sete Barras, entre a Ribeira e os Rios Etá e Quilombo, foi, tambem, entregue, provisoriamente, á mesma Companhia, pelo referido Governo, outra de 4.470.500 metros quadrados, em 15 de janeiro de 1920, sendo que, depois dessa data, a Companhia não tem recebido mais terras.

Acham-se, entretanto, preparados para entrega 30.833,20 hectares, dependendo, apenas, os respectivos processos de discriminação e do julgamento pelos juizes competentes.

A Companhia, desde 1916, tem adquirido terras de particulares, situadas nas vizinhanças das ora entregues, afim de que regularize e facilite seu serviço de colonização, elevando-se a sua área total, até 31 de dezembro de 1923, a 11.475.860 metros quadrados.

Foram demarcados, até 31 de dezembro de 1923, 752 lotes nas terras acima mencionadas, sendo 554 na primeira secção (entre o Rio Jacupiranga e a Ribeira) e 198 na segunda secção (entre a Ribeira e os Rios Etá e Quilombo), e construídos 190.000 metros de estradas de rodagem, estando em construção mais 16.000 metros.

Das construídas, 128.471 metros são na primeira secção e as restantes na segunda secção da Colonia de Sete Barras.

A Companhia Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha tem mantido constantemente um grupo de experiencias agricolas, demonstrando aos colonos os resultados das plantações das diversas qualidades de cereaes, hortaliças, arvores uteis e fructiferas, introduzindo as mudas e sementes do Instituto Agromico, Horto Florestal e de outras procedencias, sendo algumas do Japão. Dentre ellas, nota-se que o fumo e o chá japonéz deram bons resultados. A Companhia introduziu varias especies de sementes.

de juta, importadas da Ilha Formosa, e com dois annos de experiencias o seu desenvolvimento foi satisfactorio. Com esse resultado póde dizer-se que o clima e a terra da zona são proprios para a cultura da juta.

O Campo dedica-se tambem ás diversas experiencias de defesa contra molestias e insectos damninhos, melhoramento dos terrenos e estudo de adubos, com real proveito para os colonos.

Ainda recentemente um relatorio official da Companhia, de que tratamos, continha os seguintes esclarecimentos:

A Companhia tem introduzido diversas raças de reproductores, distribuindo aos colonos os varios productos obtidos, especialmente os porcos de raça Duroc Jersey, que têm augmentado consideravelmente.

O valor da producção da Colonia, no anno de 1923, foi estimado em: arroz, 568:692\$; milho, 65:478\$; assucar e aguardente, 247:585\$; farinha de mandioca, 3:515\$; café, 13:950\$; productos animaes, 93:523\$; e diversos, 71:560\$, no total de 1.064:403\$000.

A applicação de machinarias nas culturas já as tornou mais intensivas. Existem alguns colonos que têm muita pratica nas plantações de chá e fumo.

A direcção da Companhia montou um engenho de beneficiar arróz, cujo resultado tem sido muito satisfactorio, encorajando desse modo a cultura dos colonos. Os colonos possuem tambem algumas machinas a vapor para a fabricação e beneficio dos seus productos.

Tres escolas publicas estão funcionando satisfactoriamente, em predio proprio, duas no centro e outra na séde da Colonia, com o total de 120 alumnos nacionaes e japonezes,

sendo as mesmas dirigidas por tres professoras enviadas pelo Governo do Estado e um professor particular. Algumas crianças estão frequentando outras escolas fóra da Colonia e as crianças da segunda secção frequentam a escola de Sete Barras. Ultimamente, foram criadas mais duas escolas mixtas, que ainda não foram providas. No entanto, ainda é necessario criar, no minimo, mais duas escolas, afim de attender ao numero de crianças em idade escolar.

O campo de experiencias possui um agronomo, um medico, um pharmaceutico, um guarda-livros, dois agrimensores, um horticultor e um veterinario, tendo cada um desses funcionarios serviços definidos.

* * *

Contrariando os que não admittem como vantajosa a immigração japoneza para o nosso paiz, T. Salgado dos Santos, após demorada permanencia nas zonas, onde estão fixadas grandes e populosas colonias nipponicas, em São Paulo e Matto Grosso, entre muitos outros conceitos, emite os seguintes:

Não ha maior injustiça do que dizer que os immigrants japonezes, estabelecidos em nosso interior, se isolam em colonias, que constituem verdadeiros feudos; que parecem re-crear de fixarem-se em o nosso sólo, onde apenas acampam; que elles levam uma vida completamente á parte; que, nas suas colonias, procuram fazer predominar as leis japonezas nas suas relações juridicas, quer entre si, quer com brasileiros; que não são assimilaveis; que o Governo Japonez, procurando intensificar a immigração dos seus compatriotas para o Brasil, pretende apenas desfazer-se de elementos perigosos á sua tranquillidade; que esses desejos de intima approximação encobrem périgosas intenções, etc.

Essas acusações, frutos de prevenção gratuita, de “partis pris intransigent”, de desejo de cega imitação aos Estados Unidos da America do Norte, desfazem-se todas, desde que tenhamos para rebatel-as dados positivos, informações de pessoas de responsabilidade, documentos irrefutaveis, pleno conhecimento das cousas japonezas e percorramos, em minuciosa visita de observação, como a que fiz, as colonias.

O modo de acção dos japonezes em São Paulo mereceu de Paulo Taveira as seguintes palavras:

E, testemunha da obra que este povo está realizando em São Paulo, peço licença para protestar contra semelhante resolução, cabível, apenas, como fruto de completa insciencia deste assumpto no meio brasileiro. A esse respeito, é triste dizel-o, reina absoluta ignorancia, falando-se e escrevendo-se á custa de conversas ligeiras, de opiniões de autores sem base e de conceitos sem fundamentos. O japonez, a principio recebido em São Paulo com forte prevenção, acabou impondo-se ao apreço geral pela actividade, moralidade e, principalmente, economia da sua acção. Produz muito e barato. Hoje quasi todos os generos de pequena lavoura, de que se supprem a capital paulista e a Cidade de Santos, são emanados de japonezes. Dahi, em grande parte, a campanha que se lhes faz, o que quer dizer: elles são combatidos sob o ponto de vista da concorrência economica.

* * *

Entre os Estados do Brasil, que têm recebido pequenas levas de immigrants japonezes, está Minas Geraes. De como têm elles procedido, possuímos cabaes provas nas asseverações de todos os que sobre elles têm escripto. Daniel de Carvalho, secretario

de Agricultura, não os condemnou, e F. Mello Vianna, presidente do Estado, delles parece mostrar-se entusiasta. Procurando documentar o mais possível as nossas palavras, diremos que varios amigos fazendeiros, conhecidas as nossas relações de amizade com algumas personalidades japonezas, varias vezes solicitaram a nossa intervenção no sentido de obter colonos desse paiz para as suas propriedades. De todos temos ouvido as melhores referencias sobre a actuação dos japonezes nas referidas fazendas.

Ulysses Americano, escrevendo sobre a vida dos japonezes em Minas Geraes, emite varios juizos, mostrando-se grande partidario desta collaboraçã, quer no que respeita ao trabalho, quer á acção que poderão ter na formação de nossa nacionalidade pelas razões que expõe nas linhas a seguir.

Assim, merece louvores o Governo de Minas, ainda que se procure criticar, no ponto de vista ethnico, a immigração nipponica para aquella unidade da Federação.

Realmente, nas populações ruraes do centro e do norte de Minas, o elemento ethnico primitivo, indigena, mongolico ou mongoloide, de tal modo prepondera na formação ethnica dos habitantes daquellas regiões, que é facil alli se descobrirem traços da raça mongolica dos aborigenes nas feições dos naturaes de hoje.

Aquellas populações, por sua mesocephalia, barba escassa, cabellos negros e escorridos, mesorrhinia, deixam logo perceber a influencia mongolica do indigena primitivo, que entrou em mescla franca com o portuguez e o negro, resultando o typo actual.

O homem mesclado daquellas populações e o japonéz que alli aportar, encontrando já traços de um parentesco, embora remoto, não se repugnarão, pelo contrario, continuará a mescla em que o tonificante sangue nipponico influirá como o de uma raça superior que, desde cincoenta annos, corre com incrível velocidade para destinos que não se sabe onde terão seu fim.

E, se é certo que haverá a mescla, porque já ha parentesco entre o natural de hoje e o immigrante de amanhã, é tambem certo que o japonéz é esse povo extraordinario, que não sendo o dolichocephalo louro, tem, nascidos em seu seio, os Kitasato e os Noguchi.

E o novo hospede de Minas, sobre ser bem recebido pelos instinctos eugenicos das suas populações, nas quaes não lhe é estranho o sangue mongolico, trar-lhes-á sua capacidade notavel de povo laborioso e constructivo.

* * *

✓ No Territorio do Acre tambem existe um pequeno nucleo de japonezes, bem acclimatados, produzindo pela cultura da pequena lavoura legumes em abundancia, sufficientes para abastecer as Cidades de Rio Branco, Xapury, Brasilia e a boliviana de Cobija.

Não são estranhos tambem á extracção da borracha e do caucho, produzindo colheitas iguaes á dos mais habeis seringueiros brasileiros.

Convém consignar que os japonezes do Amazonas ou desceram o grande rio ou penetraram no territorio nacional pelo seu affluente, o Rio Madeira, tendo feito muitos delles um estagio pelo Perú ou Bolivia.

* * *

Grande numero de publicistas, sem reservas, apresentam como argumento fundamental contra a localização de immigrantes japonezes em nosso paiz, poderem elles, pela insulação, constituir um grande nucleo enkystado no territorio nacional, vindo á baila immediatamente o caso dos Estados Unidos da America, como prova irretorquível á demonstração da these sustentada.

Nada mais injusto. Na America do Norte não foram os japonezes que se isolaram, mas, sim, o povo americano que, por medidas completas de restricção, no que respeita ao dominio de terras, vida social e regime emigratorio, determinou o isolamento daquelles que tão grandes serviços têm prestado ao paiz amigo, quer como alliado nas pendencias internacionaes, quer no desenvolvimento agricola da California e de outras zonas do paiz. Regiões e terras abandonadas pelos americanos do norte, como incapazes de bem produzir, dada a sua aridez e infertilidade, foram transformadas pelos japonezes em invejaveis pomares, grandes campos productores, magnificas hortas e bellissimos jardins.

Impossivel historiar o que se tem passado na Norte America em referencia aos japonezes, victimas de politica e visão estreitas com a consequente luta, dados os preconceitos de raças alli existentes, fruto longamente amadurecido da divergencia existente entre brancos e negros, cujos reprovaveis ex-

tremos se têm evidenciado em verdadeira explosão de odios nos attentados vergonhosos e humilhantes, que terminam quasi sempre nos lynchamentos, tão em desaccôrdo com a sensibilidade e educação moral de um povo que seja rudimentarmente educado e civilizado.

Olhos na natureza e cheios de orgulho, consignam os publicistas brasileiros que, não existindo no Brasil taes causas, não se observa e não observará o isolamento dos japonezes. Para aqui vêm e pouco a pouco vão infiltrando-se e espalhando-se á similhaça da agua em solo permeavel. Aqui chegando, algumas vezes, ligados por compromissos contractuaes, só pedem depois de acclimados e delles conhecida a generosidade da terra que os acolheu, a liberdade para que possam adquirir, em certos casos, bem longe do primeiro nucleo colonial, um pedaço de terra, natural aspiração e preocupação maxima de todo o emigrante, que verdadeiramente quer fixar-se em um paiz. Em São Paulo, pouco a pouco, foram transformando-se em um pequeno enxame de proprietarios ruraes por este natural processo de expansão, transpondo as fronteiras até Matto Grosso.

No Norte, os japonezes penetraram na Amazonia, após permanencia no Perú e Bolivia, o que vem ainda demonstrar que em toda a America do Sul, caso continue inexistente o preconceito de raça e se não forem tomadas medidas restrictivas, pouco a pouco os nucleos japonezes irão diluindo-se na po-

pulação americana, espalhando-se pela terra e desnacionalizando-se pelo cruzamento.

Chegando ao Brasil, com a sua natural vivacidade e espirito sagaz, sem grande esforço, quasi insensivelmente, vão lentamente adaptando-se ás condições do meio.

Quando partem do Japão e aqui chegam, nos primeiros tempos, são todos mesuras, emquanto, no fim de algum tempo de permanencia no Brasil, entre muitas outras transformações, certamente por mimetismo, começam a saudar e cumprimentar com a classica pancada no hombro e o indefectivel abraço dos nossos patricios.

Esta pequena minucia define-lhes as tendencias. Intelligentes e expertos, cedo comprehendem que necessario se torna para melhor viver no Brasil aceitar os habitos e usos da terra, adquirindo mesmo esta grande despreoccupação do dia de amanhã, que tanto caracteriza a nossa gente.

Não mais pensam na patria de origem, descuidam-se da religião dos ancestraes, contrahindo nupcias no civil e em qualquer seita. Mudam de alimentação, vestem-se á nossa moda, vivem a vida brasileira e, por fim, principalmente no extremo norte do Brasil, difficilmente poderá ser dito se estamos na presença de um japonéz ou de um legitimo caboclo brasileiro.

O seu proceder no Brasil tem sido irreprehen-sivel, parecendo que a nossa natureza fortalece de muito a elevada moral dos japonezes e á sua notavel energia para bem proceder, herdada dos *samurais*.

Convém realçar, ao tratar deste assumpto, a acção franca e decisiva do Governo do Japão, pelos seus representantes e chefes de missão no Brasil, cuja competencia e tacto tanta inveja devem causar na estabanada diplomacia de certos povos, antes criada e orientada para separar nações pelo abandono dos salutaes principios de conagraamento universal.

Bem claro tem deixado o Governo Japonez a seus filhos que, aqui aportando, devem dedicar-se ao Brasil, tendo sido mesmo directamente e positivamente aconselhado que se naturalizem brasileiros — resposta prompta e cabal aos que insinuaram a esse paiz propositos de conquista.

Acceitos sem reserva na cidade e no campo, vivendo na sociedade e em directo contacto com a familia brasileira, têm aqui dado provas de grande elevação moral e boa comprehensão dos deveres mutuos de individuo a individuo.

Raramente apparecem no registo do crime emquanto estão sempre á frente das boas iniciativas. Pelo trabalho e grande prudencia na acção, de mais em mais augmentam de prestigio.

No Senado do Estado de São Paulo, agitado na Camara Federal o problema immigratorio, muitas vozes e das mais autorizadas, como a de Padua Salles, João Martins, João Sampaio, Eduardo Couto, Candido Motta, Fontes Junior e outros, em discursos e apartes, evidenciaram o maior enthusiasmo pela acção dos japonezes naquelle Estado, realçando, sem

reservas, o seu proceder sempre disciplinado e grande amor ao trabalho.

Padua Salles, cujo grande poder de observação e efficiente actuação ficaram bem evidenciados na sua passagem, como ministro da Agricultura do Governo Federal, terminou mesmo a sua oração apresentando um projecto para que "se represente ao Congresso Federal contra quaesquer restricções á entrada de immigrants em nosso paiz.

* * *

Para mostrar todo o cuidado do Governo do Japão, no que respeita á selecção dos immigrants destinados a outros paizes, basta dizer que durante todo o tempo em que vigorou o tratado immigatorio entre aquelle paiz e os Estados Unidos da America do Norte, nunca houve reclamações.

Ainda recentemente querendo enviar alguns emigrantes ao Brasil, a Companhia Osaka Mainichi impoz as seguintes condições:

1, estar em boas condições physicas; 2, folha corrida da policia; 3, ter experiencia de agricultura e apresentar disso attestado official dos prefeitos ou autoridades competentes; 4, ter recebido a educação compulsoria, não se applicando isso aos filhos de familia; 5, demonstrar o desejo de estabelecer-se definitivamente no Brasil; 6, não ter obrigação de enviar dinheiro ao Japão depois de haver se estabelecido em sua nova patria; 7, não ter dividas contrahidas no Japão; 8, não ser ebrio habitual.

Não é possível ser mais completo nas exigencias e mais positivo nos intentos.

*

Justiça deve ser feita a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha pela acção decisiva, intensa, efficiente e leal desenvolvida em nosso paiz. Tendo essa Companhia obtido uma concessão especial do Estado de São Paulo, localizou no Municipio de Iguape tres colonias povoadas por japonezes — a de Kolsura, a de Registo e a de Sete Barras, achando-se em formação outros grandes nucleos coloniaes.

A organização dos serviços dessa Companhia é modelar, nada sendo descuidado, desde a saúde dos immigrants até ás menores minucias de interesse local ou individual. Instrucção primaria bem cuidada, com professores designados pelo Estado de São Paulo, mas pagos pela referida Companhia, permite ver em commum filhos de japonezes e crianças brasileiras. A instrucção professional merece tambem cuidados especiaes, não sendo abandonadas as essenciaes regras de hygiene, tão necessarias á aclimação dos individuos a uma nova zona de terra.

Graças á organização intelligente do trabalho, á producção agricola já grande, pouco a pouco os pequenos colonos vão transformando-se em modestos proprietarios radicados em nosso paiz. Os principaes productos obtidos são : — arroz, café, fumo, milho, assucar, alcool e farinha de mandioca.

Paulo Taveira, já citado, diz ainda:

Estamos praticando uma leviandade agitando a proibição da immigração japoneza para o Brasil. Diz-se que o japonês não é assimilavel em o meio brasileiro. Não é exacto. Existem já em São Paulo casaes nippo-brasileiros. Tratando-se de immigração, que só tem 12 annos de entrada no paiz, ainda não se póde fazer um julgamento definitivo sobre as suas consequencias ethnicas. E o allemão, o turco, o slavo incorporam-se definitivamente ao meio brasileiro? Sabemos que os filhos de allemães só falam allemão, têm usos e costumes allemães e sentem como allemães. Santa Catharina parece no seu interior mais uma região allemã do que uma terra brasileira. . . O Brasil precisa do immigrante japonês para as partes baixas do seu territorio, correspondentes, perfeitamente, aos habitos e ás tendencias desse grande povo, que ainda ha pouco nos mandou o extraordinario Noguchi para esclarecer a etiologia da febre amarella na Bahia. E são os medicos do Brasil que querem fechar as portas a um povo que tem glorias dessa eminencia. E' por essas e outras que cada vez a Argentina tem mais as sympathias do estrangeiro.

Assim se manifesta uma testemunha do que se passa no territorio brasileiro respeito aos japonezes.

* * *

Tratando da actuação que os nippons têm presentemente no Brasil, não devemos calar o procedimento da Sociedade Japoneza Dojinkai, que zela pela hygiene dos colonos e distribue medicamentos, contribuindo para a conveniente assistencia medica auxiliada por alguns medicos japonezes.

Actualmente já existe no Brasil pequeno nucleo de medicos formados naquelle paiz e em o nosso. Tivemos a oportunidade de apreciar todo o esforço feito pelos dignos collegas com o fim de obter, perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a revalidação dos diplomas, de accôrdo com a legislação sanitaria.

Digamos de passagem que, a tanto, muitos delles não estavam obrigados, pois, pelo contrato feito com o Governo de São Paulo, na conformidade da legislação então vigente, a Companhia de Imigração Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha tem o direito resalvado, pelas leis posteriores, de enviar ao Brasil alguns medicos destinados a zelar, livremente, pela saúde dos colonos.

Desistindo desta regalia, varios medicos têm obtido a habilitação, accrescido o numero destes pelo dos que espontaneamente aqui aportam e pelo grupo de cinco, enviados pelo Governo Japonez, entre os mais distinctos recém-formados nas universidades nipponicas, com o fito de, estudando o nosso meio, melhor conhecel-o e maior pratica apresentarem para o tratamento das doenças existentes em nosso paiz. Citaremos entre os medicos que têm passado pela Faculdade do Rio de Janeiro os Drs. Takaoca, Sasada, Watanabé, Saito, Amano, Doutora Saito, Kikuchi, e, finalmente, Jamamuchi; todos elles, apesar das difficuldades que a lingua portugueza apresenta, facilmente têm conquistado os attestados de habilitação.

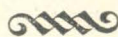
Alguns destes collegas e entre elles Takaoka e Watanabé, prestando serviços á Dojinkai, têm feito publicações, conferencias, distribuido medicamentos, enfim muito contribuido para a melhoria do estado sanitario dos colonos japonezes. Convém, portanto, de passagem registrar a acção desta associação, que, por conta propria, começa a prestar relevantes serviços em nosso paiz.

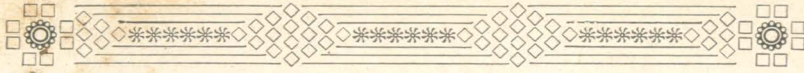
* * *

Em conclusão, diremos todo o nosso entusiasmo pela immigração japoneza.

Assim pensamos, não tendo em vista qualquer vantagem que o Japão possa tirar encontrando um paiz amigo, onde seus filhos possam abrigar-se e adoptal-o como patria, evitando-se em uma dada zona da terra a superpopulação com as suas naturaes e desastradas consequencias.

Somos partidarios da immigração japoneza pelo interesse nacional, pelo do Brasil, pois no passado e no presente o auxilio que os japonezes prestaram e estão prestando á nossa patria é dos mais efficientes. Delles nada ha que temer respeito a qualquer difficuldade internacional. Para aqui vêm, trabalham, progridem, fixam-se, constituem familia e tornam-se paes de brasileiros. Por elles e pelos patricios que delles nascem, tudo merecem, inclusive a nossa defesa ante as injustiças da humanidade. †





INDICE

JAPONEZES

PALAVRAS JUSTIFICATIVAS.....	Pags. 3
------------------------------	------------

NO JAPÃO

A TERRA JAPONEZA.....	13
ATRAVÉS O TEMPO.....	25
ALGUMAS CARACTERISTICAS MORPHO-BIOLÓGICAS DOS JAPONEZES...	37
ORGANIZAÇÃO SOCIAL E ALGUNS HABITOS DOS JAPONEZES.....	53
O JAPONEZ E AS SUAS RELAÇÕES COM OS OUTROS POVOS.....	75

NO BRASIL

O BRASIL E A IMMIGRAÇÃO.....	103
A IMMIGRAÇÃO JAPONEZA.....	125
VIDA E ACTUAÇÃO DOS JAPONEZES NO MEIO BRASILEIRO.....	149